



COLETÂNEA n°2 - II JORNADAS EBP SEÇÃO LESTE-OESTE

O AMOR NO TEMPO DAS CÓLERAS

IMAGEM: SÉRIE - DESENHOS DESESPERADOS PARA VIVER MOMENTOS DIFÍCEIS - PATRÍCIA FERREIRA



Escola Brasileira
de Psicanálise
Seção Leste-Oeste

COLETÂNEA Nº2

II JORNADAS EBP
SEÇÃO LESTE-OESTE
O AMOR NO TEMPO DAS CÓLERAS

2021



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

COLETÂNEA N. 2
O AMOR NO TEMPO DAS CÓLERAS

ORGANIZADORES

Tânia Regina Anchite Martins (Coord.)
Cláudia Murta
Cristiano Pimenta
Denizyê Zacharias
Luís Francisco Espíndola

COLABORADORES

Adriana Gonring
Fernanda Elias Pires
Gize Bessa
Olenice Amorim Gonçalves
Rômulo Ferreira da Silva
Ruskaya Maia

Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Leste-Oeste
Brasília, DF.
2021

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Alessandra Pattuzzo - CRB 752/ES

C694 COLETÂNEA N. 2: o amor no tempo das cóleras / Tânia Regina Anchite Martins (coord.). -- Brasília, DF: Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Leste Oeste, 2021.
121 p.; 32 cm.

Vários autores.

ISBN: 978-65-990241-3-9

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. 3. II Jornadas EBP-LO. I. Martins, Tânia Regina Anchite (coord.). II. Escola Brasileira de Psicanálise. II. Título.

CDD 150.1952

DIRETORIA DA SEÇÃO LESTE-OESTE

DIRETOR GERAL

Rômulo Ferreira da Silva

DIRETORA SECRETÁRIA TESOUREIRA

Ordália Alves Junqueira

DIRETORA DE BIBLIOTECA:

Bartyra Ribeiro de Castro

DIRETOR DE CARTÉIS E INTERCÂMBIOS:

Ary Farias

ORGANIZAÇÃO DAS II JORNADAS EBP-LO

COORDENAÇÃO GERAL DAS II JORNADAS EBP-LO

Ruskaya Maia

COMISSÃO CIENTÍFICA

Tânia Regina Anchite Martins (Coordenadora)

Cláudia Murta

Cristiano Pimenta

Denizyê Zacharias

Luís Francisco Espíndola

COMISSÃO BOLETIM

Adriana Pessoa (Coordenadora)

André Luiz Pacheco da Silva

Regina Cheli Prati

Rosângela Ribeiro

Simone Vieira

Victor Caetano Pereira Rocha

Waléria Paixão

COMISSÃO DE LIVRARIA

Adriana Gonring (Coordenadora)

Ana Paula F. Rezende

Fernanda Elias Pires

Giovana B. B. Heinemann

Gize Bessa

Olenice Amorim Gonçalves

COMISSÃO DE DIVULGAÇÃO

Jaqueline Moreira Coelho (Coordenadora)

Adriano Moreira

Cristina Alves

Gabriel Caixeta

Geanine Vieira

Gláucia Faé

Isângela Lins

Maila Rocha

COMISSÃO TESOUREARIA

Carla Serles (Coordenadora)

Helen Guerra

Vanessa Portão

COMISSÃO DE TRADUÇÃO

Bartyra Ribeiro de Castro (Coordenadora)

Rachel Amim

COMISSÃO DE INFRA-ESTRUTURA

Giovanna Quaglia (Coordenadora)

Amanda Soares de Vargas

Bení Rosa Lino Filho

Camila Elkadi Diniz

Gabriela Malvezzi do Amaral

Luciana da Silva Pedron

Renata Imperial Tavares

Olenice Amorim Gonçalves

Tiago Barbosa

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

BRUNO SENNA

CAPA

PATRÍCIA FERREIRA, SÉRIE "DESENHOS DESESPERADOS PARA VIVER MOMENTOS DIFÍCEIS"



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

secao.slof.ebp@gmail.com

SGAS 910, Mix Park Sul, bloco D, sala 118 – Asa
Sul. CEP 70.390-100

SUMÁRIO

Apresentação	11
<i>Rômulo Ferreira da Silva -Diretor EBP Seção LO</i>	

Argumento - O Amor não sem o real	12
<i>Ruskaya Maia - Coordenadora Geral das II Jornadas EBP-LO</i>	

EIXOS TEMÁTICOS	17
------------------------	----

Eixo I: O amor e o acontecimento: pandemia, política, segregação, novos laços e gênero	17
<i>Por Luis Francisco Camargo - Membro EBP/AMP</i>	

Eixo II: O amor na experiência psicanalítica	18
<i>Por Cristiano Pimenta e Denizyê Zacharias - Membro EBP/AMP</i>	

Eixo III: O amor nos campos da religião, da sociedade, da ciência, das artes, da mitologia, da filosofia e mais ainda...	20
<i>Por Claudia Murta - Membro EBP/AMP</i>	

PROGRAMA	21
-----------------	----

PLENÁRIA 1 O AMOR E OS UNS SOZINHOS

A democracia como sol do amor	25
<i>Carla Serles - Membro EBP/AMP</i>	

O amor e seus objetos graves e pontiagudos	29
<i>Ary Farias - Membro EBP/AMP</i>	

Solidão	33
<i>Alberto Murta – Membro EBP/AMP</i>	

PLENÁRIA 2 AMOR E ÓDIO

Por que “tem que ser assim”?	36
<i>Claudia Murta - Membro EBP/AMP</i>	

O amor ao significante mestre e o amor enquanto encontro de sintomas	40
<i>Rodrigo Oliveira dos Santos - Participante da SLO</i>	

Amor e gozo no feminino	43
<i>Cristiano Alves Pimenta - Membro EBP/AMP</i>	

MESAS SIMULTÂNEAS

SALA A - Mesa 01 - Amor e Pandemia

Apontamentos sobre o trauma, o amor e a psicanálise	47
<i>Ana Paula F. Rezende - Participante da SLO</i>	
Desatinos. O que é humanidade?	50
<i>Regina Cheli Prati - Participante da SLO</i>	
Sobre o Amor de Transferência na Experiência Analítica Durante a Pandemia do Covid-19	53
<i>Flávia Mendes Vital - Participante da SLO</i>	
Me manda o link	57
<i>Luana Santos Silva - Participante da SLO</i>	

MESAS SIMULTÂNEAS

SALA A - Mesa 02 - Amor e Arte

Aquele que é digno de ser amado	60
<i>Henrique Alves Lopes - Participante da SLO</i>	
Diadorim – Neblina e Clarão – (efeitos de uma conversa)	63
<i>Helen da Costa Guerra - Participante da SLO</i>	
Salomé, o horror no amor: uma investigação do real no amor a partir da ópera Salomé de Richard Strauss	66
<i>Anna Rogéria Nascimento de Oliveira - Participante da SLO</i>	
“O que eu fiz para merecer tanto amor?”	69
<i>Suraia Oliveira Veloso Carneiro - Participante da SLO</i>	

MESAS SIMULTÂNEAS

SALA B - Mesa 01 - Amor Trans ferência

Dócil ao um por um	73
<i>Jaqueline Coelho - Participante da SLO</i>	
Atravessando o arco-íris: a construção da maternidade numa mulher transexual	76
<i>Patricia Marinho Gramacho - Participante da SLO</i>	
Da menina ao trans, ao novo do amor	79
<i>Juliana Bressanelli Lórá - Participante da SLO</i>	
Um Parlêtre e seu mal-entendido – “Uma doença do coração” ou o gozo feminino?	82
<i>Ceres Lêda F. F. Rubio - Participante da SLO</i>	

MESAS SIMULTÂNEAS

SALA B - Mesa 02 - Amor e Erotismo

O que a imagem de amor esconde?	86
<i>Virginia Lúcia Souto Maior Sanábio - Participante da SLO</i>	
Pode o amor destituir nossa humanidade?	
Notas sobre um amor anti-predicativo	88
<i>Micael Correia - Participante da SLO</i>	
Morte, gozo e erotismo	91
<i>Adriano Moreira - Participante da SLO</i>	
A violência do amor (ou fetiche) em <i>Lolita</i>.	93
<i>Sandra Siqueira Souza^e</i>	
<i>Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira^r - Participantes da SLO</i>	

MESAS SIMULTÂNEAS

SALA C - Mesa 01 - Amor e Exílio na Psicose

O amor e sua manobra na psicose: o caso Walter	97
<i>Rosangela Ribeiro - Participante da SLO</i>	
AMORTEMOR	100
<i>Fabício Martins Pinto - Participante da SLO</i>	
Um novo amor na vida de uma adolescente: do amor ao pai ao amor de transferência	103
<i>Renata Tavares Imperial - Participante da SLO</i>	
A demissão do amor	106
<i>Fabiana Engel Fratari - Participante SLO</i>	

MESAS SIMULTÂNEAS

SALA C - Mesa 02 - Amor sintoma

Pode o amor de transferência servir de conector para uma mulher?	110
<i>Gabriel Caixeta - Participante da SLO</i>	
a'mur	113
<i>Renato Carlos Vieira - Membro da EBP/AMP</i>	
A Psicanálise e o Princípio de Bernoulli.	116
<i>Fernanda Fernandes - Participante da SLO</i>	
Um Olhar para os Relacionamentos na Contemporaneidade	119
<i>Gean Carlos Candido da Silva - Participante da SLO</i>	

APRESENTAÇÃO

Rômulo Ferreira da Silva
Diretor EBP Seção LO

E aqui está nossa Coletânea #2.

Ela foi preparada, com zelo, pela comissão de livraria das II Jornadas da EBP/SLO para reunir, numa só compilação, os trabalhos cuidadosamente selecionados pela comissão científica para serem apresentados no evento, tanto os das mesas plenárias, quanto os das simultâneas. Seu objetivo primeiro é o de oferecer aos inscritos nas Jornadas o acesso aos textos no momento mesmo de sua apresentação e, desse modo, proporcionar a todos, não só uma experiência mais confortável ao acompanhar as atividades, como também um maior aproveitamento nas discussões.

A Coletânea #2 não pôde ser entregue a cada um 'em mãos'. Em dia com os acontecimentos que nos atravessam, mudamos nossos planos iniciais e preparamos um evento integralmente *on line*. Perdemos a possibilidade de estarmos juntos, corpo a corpo, de passearmos pelas salas, de reencontrarmos amigos antigos e apertarmos a mão de novos colegas, de tomar um café, mas, sobretudo, perdemos a oportunidade de ir até a livraria do evento e nos demorarmos por lá mais do que queríamos, folheando livros, descobrindo textos e autores e, por fim, na difícil tarefa de escolher o que não levar.

Entretanto, nosso evento não deixará de contar com uma livraria virtual, onde poderemos adquirir alguns títulos que chegarão em nossas casas. E quanto ao folhear, é o que o leitor vai experimentar agora, ainda que virtualmente, ao explorar as páginas dessa Coletânea, que oferecida ao público em forma de *flipbook*, entrega ainda uma grata experiência visual.

Desejo a todos e todas ótima Jornada e leitura!

ARGUMENTO

O AMOR NÃO SEM O REAL

Ruskaya Maia – Coordenadora Geral das II Jornadas EBP-LO

A idade média é considerada um período obscuro para a humanidade. Época em que a morte se apresentava, sob suas diferentes faces, sem trégua aos seres falantes. Além da miséria, do frio, da fome e das guerras, várias epidemias assolavam a população: Peste bubônica, peste negra, malária, lepra, sífilis, cólera... Ninguém estava resguardado da contaminação. No entanto, a noite da Idade Média vê florescer uma nova modalidade de amor. Entre tantas desgraças, aparece uma erótica cujo ideal se fez princípio de toda uma moral e de comportamentos exemplares. Um amor sublimado e levado até o extremo, que Lacan elevou ao estatuto de paradigma, o amor cortês foi também uma riquíssima criação literária, um verdadeiro exercício poético. O centro do quadro é ocupado pela Dama rodeada de estritas proibições e toda a lógica desse amor se fundamenta em contornar essa mulher. Para Lacan, o amor cortês é “uma maneira inteiramente refinada de suprir a ausência de relação sexual, fingindo que somos nós que lhe pomos obstáculo”¹. Um engano, um véu que os homens inventaram para saírem impunes da dificuldade de enfrentar o que não existe. Quanto à surpreendente produção do amor cortês no feudalismo, Lacan esclarece que são restos preservados da antiguidade para concluir que o amor é, por estrutura, impulsionado pelo impossível do laço sexual com o objeto, seja qual for a origem dessa impossibilidade. Diz Lacan, “Lhe é preciso, por assim dizer, essa raiz de impossível. Isto é o que eu disse ao articular este princípio: que o amor é amor cortês”².

Desde a primeira lição do seu seminário 21, Lacan faz objeção à concepção do amor como conhecimento. Amor não é conhecimento, é acontecimento, “coisas que acontecem quando um homem encontra uma mulher”³. Embora não haja relação sexual, o amor é um fato. Mas, por quais caminhos se ama uma mulher? Talvez seja essa a pergunta com o maior número de respostas que existe, diz Lacan, mas ele elege uma: Por acaso, pela boa sorte (*bonheur*). E, então, vai formalizar o acaso no nó borromeano: são três registros, três anéis de corda e a questão se centra em qual dos registros estará no meio enlaçando os outros dois. “O que nos demonstra, o anel de fio do Imaginário tomado como meio?”⁴ nada mais nada menos o que pode ser chamado de amor. Aqui o amor está no lugar que teve desde sempre. O

1 LACAN, J. *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda*. (1972-1973) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 94

2 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 08 de janeiro de 1974. Inédito.

3 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 18 de dezembro de 1973. Inédito.

4 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 18 de dezembro de 1973. Inédito.

Imaginário, então, enlaça as palavras com o real do acontecimento amor. Mas, Lacan faz um pequeno deslocamento no que diz respeito ao Imaginário tal como era concebido pelo amor cortês: o amor é o imaginário específico de cada um, que une certo número de pessoas eleitas não completamente ao acaso. Então aqui o amor é relançado como (α)muro, com a mola do mais-de-gozar entrando na partida e o gozo fazendo limite ao amor.

O amor então se revela como contingente: ele se torna possível quando o sentido sexual cessa de se escrever. O sentido das palavras não é mais que um aparato para o coito sexual, diz Lacan. É preciso então que o sentido das palavras desapareça. Apagar o sentido das palavras é demonstrar que a linguagem não está feita de palavras senão do laço gramatical. É o laço gramatical o que se haverá de romper para que o sentido das palavras se suspenda, deixe de se escrever e por aí o possível possa emergir.

Lacan redefine o significante como o que apenas existe, na verdade, aos montes, cada um podendo ser qualquer outro, nenhum é único, mas sim totalmente solto e é sobre isso que repousa a existência do Um, “que não é nem pensamento, nem quantidade, mas que escreve o gozo antes que haja sujeito algum para responder”⁵. Rompida a ideia de cadeia significante, segue-se que o S índice 2, o saber inconsciente, é um saber que não quer dizer nada, saber sem sujeito. Algo disso se imprimirá segundo um caminho de puro acaso. “Esse saber indelével e ao mesmo tempo absolutamente não subjetivado se formará, real, ali, impresso em alguma parte”⁶ e isso é o que será o inconsciente.

Aqui vemos Lacan anunciando o inconsciente real, resultante dos vestígios deixados no encontro do corpo com os SI soltos, que escreve gozo antes do surgimento de um sujeito e por isso mesmo real. E então Lacan anuncia a cifra do amor: a cifra do amor é 2, o *ímpar*, quer dizer um dois que é mais de dois, implica o três, “a oculta trama do gozo pela qual o amor não promete a felicidade”⁷. E o muro, então, não é o da linguagem: É o gozo do Um que faz obstáculo ao encontro de dois.

“Quando lhes digo que não há relação sexual, esclarece Lacan, não disse que os sexos se confundam”⁸, apontando aqui para o que ele chama de sexuação: os efeitos do significante fálico sobre o sexo biológico e o corpo imaginário. No entanto, ele faz a ressalva de que um mundo onde se introduz algo para fundamentar que na espécie chamada humana se é homem ou se é mulher é totalmente enigmático. Para Lacan o ou-ou (ou homem ou mulher) é logicamente insustentável, já que o que determina isso não é nem mesmo um saber mas um ‘dizer verdadeiro’, que Lacan define como o que, da contingência primeira de uma escritura do gozo, *passa pelas tripas*.

Quando nos escreve sua carta de *almor* (*lettre d’amour*), Lacan nos apresenta uma formalização da maneira como os seres falantes (x) se relacionam com a linguagem (Φ). É im-

5 TÁBOAS, C. *Um amor menos tonto*. Buenos Aires: Grama Ed., 2015 p. 130. (Tradução livre).

6 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 12 de fevereiro de 1974. Inédito.

7 TÁBOAS, C. *Um amor menos tonto*. *Op. cit.*, p. 63. (Tradução livre).

8 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 18 de dezembro de 1973. Inédito.

portante salientar que não se trata de uma classificação de pessoas, mas da formalização de duas lógicas distintas, que têm como operador principal o falo ou a função fálica, organizador da diferença entre os sexos. O falo, verdadeiro semblante, é o responsável pelo fato de que, em todas as línguas, haja eles ou elas, mas mesmo assim, não faz com que a divisão entre homens e mulheres seja natural ou universal. Freud, no começo do século XX, já falava que a vida sexual 'normal' entre um homem e uma mulher não é natural, mas uma soldadura, que a bissexualidade está em todos e que não são os corpos que comandam a agitação sexual, mas sim as fantasias inconscientes.

Do lado esquerdo da chamada tabela da sexuação, então, inscreve-se uma lógica que inclui a todos enquanto obedecendo às razões do pensamento ordenado por uma sintaxe, sujeitos a uma lógica da medida, da razão, do conceito ou da coerência. Em contrapartida, do lado direito se inscreve o que a ciência expulsa, se pode falar, pensar, delirar, negar o que se queira, sem nenhuma demonstração nem provas de verificação. Aqui não há conjunto e nem o todo, senão o um por um e os fenômenos irrepresentáveis pela linguagem, ou seja, algo que excede ao gozo delimitado pelo falo, que Lacan nomeou Outro gozo. É desse lado que encontramos o inconfessável, o indizível, o que estremece os corpos, e, por isso, é desse lado o espaço que se abre para o discurso analítico.

Mas, desde que entramos no mundo, a língua mãe que nos banha estremece nosso corpo, com cócegas ou golpes, acolhimento ou rechaço, para o bem ou para o mal, esse gozo da *lalíngua* não cessará de palpar na linguagem e estará entre o ser falante e seu mundo e sua sexuação, que só se produz na travessia de uma série de imprevisíveis encontros. A sexualidade então não é sem a eleição sexuada, mas também não é sem a singularidade do modo de gozar. A diferença anatômica fica tomada em um gozo tão de cada um que rateia a relação sexual. O α -muro então é definido como o muro que é o nó que a cada um determina, mas é daí também que pode surgir contingentemente o laço que suple a falha desse encontro.

Em sua aula de 22/05/2002 do curso de orientação lacaniana, Miller comenta a afirmação de Lacan de que o inconsciente é a política, fazendo uma contraposição dessa proposição com a afirmação freudiana de que a anatomia é o destino. A frase foi proferida por Lacan em seu seminário 14 e, segundo Miller, a partir do contexto em que ela está inserida, fica claro que a afirmação de Freud é sua matriz. Para Lacan, o que Freud 'verdadeiramente disse' não foi que a anatomia é o destino. Não é ao corpo anatômico ao qual Freud se refere para tentar explicar a diferença subjetiva da sexuação. Ao lado do corpo anatômico, podemos colocar em questão, então, o corpo vivo e distingui-los. O corpo vivo enquanto falante e enquanto isso condiciona seu gozo. É o gozo desse corpo, poderíamos talvez dizer, que lhe faz seu destino.

Essa afirmação de Lacan, de que o inconsciente é político, nos anima a considerar a civilização contemporânea e seus efeitos sobre o ser falante quando o capitalismo selvagem, mestre contemporâneo, pluraliza infinitamente as possibilidades de saturação da não relação sexual e o discurso da ciência, com sua ambição, avança em direção à tecnociência incidindo diretamente sobre os corpos. Vemos então proliferarem os semblantes da diversidade sexual, e também se multiplicarem os gozos que pretendem não responder à castração. Dessa forma, podemos dizer, a partir da lógica da sexuação, que a estrutura do todo cedeu à do

não-todo. Essa afirmação, no entanto, seria suficiente para localizar a inscrição dessas novas sexualidades nas fórmulas da sexuação? Não poderíamos precisar melhor em que termos isso acontece? Ainda sob essa perspectiva, como fica o amor nesses arranjos contemporâneos, há, de fato, algo novo aí? Ou se trata dos velhos semblantes customizados para os tempos atuais?

Vivemos dias difíceis. Há pouco mais de um ano, o surgimento de uma cepa de coronavírus – o Covid 19 – vem propagando a morte entre nós, dividindo a humanidade entre os que morrem, os que quase morrem e os que choram seus mortos. A devastação deixa seu lastro de tristeza, solidão, loucura e desesperança. Além disso, no nosso país, vivemos uma crise sanitária inédita que tem profundas raízes políticas: o ódio e o negacionismo, aflorados e legitimados como nunca, mal disfarçados num discurso pseudoreligioso tornaram-se bandeira de um absoluto desprezo pela vida humana. Nessa ‘idade média’ contemporânea em que vivemos, que amor pode florescer?

Numa conferência na Universidade de Milão proferida em 12 de maio de 72, Lacan faz uma consideração interessante a respeito do futuro do discurso analítico. Ele afirma acreditar que não se falará mais do psicanalista como descendente de seu discurso analítico, outra coisa aparecerá, um outro discurso, que sustentará um semblante, mas que se chamará o discurso PS. E ele continua “Um PS e depois um T, será o discurso PST. Juntem a isso um E e teremos PESTE. Um discurso que seria realmente uma praga (*pesteux*), totalmente dedicado ao discurso capitalista”⁹. Mas, como um contrapeso a essa espécie de pessimismo (*pest-imismo*), também encontramos a seguinte afirmação de Lacan: “o amor moderno é a burocracia e a tirania do saber. O discurso capitalista, global, é um falso discurso [...], poderiam bastar, para furar sua pretensão – nada é impossível – um sintoma ou um amor”¹⁰.

Podemos dizer que um amor que vai à contramão do discurso capitalista e que pode furar sua lógica é o amor que se dirige ao inconsciente, o amor de transferência, aqui tomado também como um acontecimento e, portanto, ligado ao real. Esse é o amor que suporta o ato analítico, que só triunfa ao tocar na equivocação do sujeito. É nesse sentido que podemos entender a precisão que Lacan traz nessa conferência em Milão sobre o discurso do mestre. Ele diz: “No nível do discurso do mestre, o que eu nomeei pra vocês agora há pouco de significante mestre, é isso, o de que me ocupo nesse momento: há Um. Pode haver aí uma implicação sobre o discurso analítico, a saber, um uso um pouquinho melhor do significante como Um”¹¹. Seguindo a argumentação de Lacan, o discurso analítico é, então, algo que se diz muito precisamente no nível onde o significante é Um, o que faz com que uma análise funcione, por que é aí que se agarra o Um, é aí que há Um. O ato analítico, incidindo sobre o nó que é o analisante, como um instante de torção, ou mesmo secção de um laço, alcança as ressonâncias do dizer em língua e muda a orientação ou mesmo faz surgir um novo nó – ou, nos remetendo à citação que Lacan faz do poema de Rimbaud, onde o amor aparece como o signo de uma mudança de razão – um novo amor.

9 www.pas-tou-lacan. Acessado em 15 de abril de 2021. Tradução livre.

10 www.pas-tou-lacan. Acessado em 15 de abril de 2021. Tradução livre.

11 www.pas-tou-lacan. Acessado em 15 de abril de 2021. Tradução livre.

É como uma pequena errância '*une petite erre*' que Lacan descreve o título que dá a seu seminário 21 *Les non dupes errent*. Em seguida, ele descreve '*erre*' como o movimento que acontece "quando algo é lançado e continua correndo mesmo quando cessa o que o propulsou"¹². E, como faz tantas outras vezes em seus seminários, se dedica a analisar a etimologia desse termo, etimologia que pra ele é "pontuar o uso das palavras ao longo do tempo"¹³. Trata-se, na verdade, de colher os efeitos do uso e do tempo sobre as palavras, ou, ainda, de colher os efeitos do gozo sobre as palavras e, com isso, observarmos o transbordamento do sentido inerente à linguagem. O termo '*errer*', por exemplo, vem de erro (não acerto) e de *iterare*, que quer dizer viagem. De *iterare* se retira o *iter* que é repetição. Tantas ressonâncias nos fazem entender o quão difícil, senão impossível, é capturar um sentido. Quando Lacan enuncia *Les non dupes errent* como outra forma de escrever o que se ouve como *les noms du père*, nessa pequena errância, onde "a língua se vê impulsionada para mais além do que acreditava dizer"¹⁴, ele anuncia qual é o campo lacaniano, o campo do analisante, o campo que possibilita o ato analítico: a errância.

A força que lança o analisante em seu errar é o amor de transferência. Na busca pelo bem dizer ele diz sempre mais ou menos do que queria, tropeça, esquece, se equivoca, repete e segue dizendo as tolices que lhe ocorrem e só assim pode abrir a via para algo contingente. O ato analítico, imprevisível, toca a dimensão do Um e faz aí um furo e "abre a ferida de gozo, que não cessa de se escrever no sintoma"¹⁵. Um desenlace, um reenlace, um novo nó, um novo amor. Segundo Lacan, isso é o novo do discurso que Freud funda, que não se é tolo de qualquer coisa, senão do inconsciente que nos determina¹⁶. O que disso podemos testemunhar em nossa clínica hoje?

Fonte: <https://www.ebp.org.br/slo/index.php/jornadas/ii-jornadas-ebp-secao-lo-amor-no-tempo-das-colas/argumento/08> de julho 2021.

12 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 06 de novembro de 1973. Inédito.

13 LACAN, J. *O Seminário*, livro 21: *Les non dupes errent*. Aula de 06 de novembro de 1973. Inédito.

14 TÁBOAS, C. *Um amor menos tonto*. *Op. cit.*, p. 209. (Tradução livre).

15 TÁBOAS, C. *Um amor menos tonto*. *Op. cit.*, p. 71. (Tradução livre).

16 TÁBOAS, C. *Um amor menos tonto*. *Op. cit.*, p. 71. (Tradução livre).

EIXOS TEMÁTICOS

EIXO I:

O AMOR E O ACONTECIMENTO: PANDEMIA, POLÍTICA, SEGREGAÇÃO, NOVOS LAÇOS E GÊNERO

Luis Francisco Camargo - Membro EBP/AMP

Para além do inconsciente intérprete, encontramos os acontecimentos no terreno do Um, do inconsciente real. As suas inscrições não dependem somente da força do impacto da contingência, mas principalmente de um trabalho de inclusão num discurso. Atualmente, somos convocados pelo Outro social a nos manifestarmos sobre a pandemia, a política, a segregação, os estudos culturais e as teorias de gênero. Somos convidados a falar, escrever e inscrever na experiência da psicanálise os acontecimentos, a incluir o novo. Por um lado, provocados a constituir novos laços de discurso. Por outro, a reposicionar a dimensão radical da experiência da psicanálise na contemporaneidade. O amor tem um papel fundamental, pois promove a condescendência do gozo ao desejo e a inclusão do outro na sua radical singularidade. O amor é um acontecimento. Sua realização implica na cessão de gozo e nos seus rearranjos. A pandemia, a política, os novos destinos das pulsões e seus modos de satisfação, que podem constituir comunidades e micrototalidades, bem como as novas soluções sintomáticas e as diferentes modalidades de laços, colocam constantemente em xeque as tentativas de adaptações do Ser ao Outro, demonstrando o fracasso das taxionomias sobre o inclassificável do gozo e, conseqüentemente, a evidência da inexistência do Outro. Estamos no tempo das tensões entre o Um e o múltiplo, diante da queda do patriarcado e do avanço da pluralização dos Nomes-do-Pai. Experimentamos no social o regime do gozo que não cessa de não se inscrever, o regime do gozo como tal. Convidamos a todos a escrever para as nossas Jornadas sobre o impacto destes novos acontecimentos na experiência da psicanálise; com amor.

EIXO II: O AMOR NA EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA

Cristiano Pimenta e Denizyê Zacharias - Membro EBP/AMP

“Eu não sabia explicar
nós dois,
ela mais eu
porque eu e ela...”

Os versos acima pertencem à canção de Chico Buarque chamada “*Porque era ela, porque era eu*”. Eles apontam para aquilo que Miller formula em *El partenaire-síntoma*, a saber, “o estatuto eminente do amor (no último ensino de Lacan) é suprir a relação sexual que não existe” (Miller, 2008, p. 158). E é nisso que “vemos surgir o amor em uma função inédita... a de estabelecer a conexão com o Outro... é um amor que está pensado ao nível do real” (Miller, 2008, p. 157). Podemos investigar o amor ao nível do Imaginário e do Simbólico, mas há também o amor ao nível do real, onde subsiste o que não sabemos explicar pelo simples fato de que aí as palavras não são suficientes.

“... íamos tontos os dois
assim ao léu,
ríamos chorávamos sem razão...”

É um fato que quando alguém se lança na experiência analítica “transformações se produzem; aquilo que aparece ao sujeito como revelações vai se sucedendo. E, em sua vida há ecos de que as coisas mudam.” (Miller, 2011, p. 142). Pois bem, gostaríamos de indagar a respeito das mudanças no modo de amar do sujeito contemporâneo, tanto no interior do tratamento – nas relações do analisando com o analista, na transferência positiva ou negativa, assim como na contratransferência – quanto nas relações amorosas na vida do sujeito.

Assim, a questão do amor, os seus dramas, suas armadilhas, as defesas de que cada sujeito se vale, devem ser investigadas. Os amores loucos e os amores dos loucos, dos Trans, dos homos e dos heteros, igualmente. Às vezes, o tratamento do neurótico vai no sentido de um *consentir com o amor*, não sem que esse delicado percurso seja árduo, doloroso, recheado de ódio e cólera. De todo modo, é inevitável percorrê-lo para que se abra a possibilidade de que *um amor mais digno se dê*.

“... sei que o que tinha de ser
se deu;
Porque era ela,
Porque era eu.”

Não poderíamos deixar de investigar também o amor na época em que a função pater-
na está fraturada, quando prevalece a dimensão dos “Uns sozinhos”. É aí que o sujeito se vale
dos aplicativos para que o encontro se dê, sobretudo em tempos de pandemia. Esta obrigou o
tratamento analítico a recorrer à tela do celular ou do computador para que a palavra pudes-
se circular e não ser estancada. A investigação do amor na experiência analítica é, portanto,
ampla e convidativa.

Referências:

Lacan, J.; O seminário, livro 20, mais ainda. Rio de Janeiro; Zahar, 1985.

Miller, J.-A.; El partenaire síntoma; Buenos Aires; Paidós, 2008.

Miller, J.-A.; Perspectiva dos escritos e Outros escritos de Lacan; Rio de Janeiro; Zahar, 2011.

EIXO III

O AMOR NOS CAMPOS DA RELIGIÃO, DA SOCIEDADE, DA CIÊNCIA, DAS ARTES, DA MITOLOGIA, DA FILOSOFIA E MAIS AINDA...

Claudia Murta - Membro EBP/AMP

Ao iniciar seu Seminário “A transferência”, Lacan anuncia que “no começo era o amor”, base da experiência analítica, base de sua teoria. Em se tratando de psicanálise, o amor, no ponto máximo de sua elaboração teórica, é, antes de tudo, uma prática e, para falar de amor, decide comentar o “Banquete” de Platão que, dos textos sobre o amor, é o mais comentado de todos os tempos. Contudo, Lacan faz uma abordagem muito original do texto platônico, tomando-o por “relatórios de sessões analíticas” e sua leitura segue o caminho de uma psicanálise. Acompanhando o comentário lacaniano, ao passarmos pelos primeiros discursos apresentados no texto platônico, deparamo-nos com o amor percebido a partir do campo da religião, da sociedade, da ciência, e das artes trágicas, cômicas e pastelão; campos esses que, além da mitologia e da própria filosofia, são fecundos para as flechas certeiras de Eros.

O primeiro discurso se desenvolve pelo ângulo da religião e Lacan adverte que, para Fedro, falar de amor é falar de teologia. Diante do segundo discurso, proferido, dessa vez, por Pausânias, Lacan aponta uma apresentação social das relações de amor. O discurso seguinte é exposto por Erixímaco do ponto de vista médico e científico. Em relação aos discursos de Aristófanes, comediógrafo, e Agatão, tragediógrafo, Lacan comenta que há entre eles um jogo: onde se poderia esperar a comédia sobre o amor, encontra-se a tragédia; onde se poderia esperar a tragédia sobre o amor, depara-se com o fiasco. Já, quando se espera que a filosofia venha a dizer a verdade sobre o amor, Platão apresenta o mito e, por fim, diante de Alcibídes, Sócrates aparece, segundo a avaliação de Lacan, como o primeiro analista da história.

Assim, os campos da religião, da sociedade, da ciência, das artes, da mitologia, da filosofia, admitem, junto à psicanálise, portas de entrada para a aproximação do tema do amor, mas... Atenção e muito cuidado na passagem pelo labirinto do amor, um novelo de lã em mão pode ser indicado.

Fonte: <https://www.ebp.org.br/slo/index.php/jornadas/ii-jornadas-ebp-secao-lo-amor-no-tempo-das-coleras/eixos-tematicos/> 08 de julho de 2021.

PROGRAMA

17/09/2021

18h - Abertura

Rômulo Ferreira da Silva – Diretor Geral da EBP/SLO

Ruskaya Maia – Coordenadora Geral das II Jornadas EBP/SLO

18h30 – 20h Plenária 1 - O AMOR E OS UNS SOZINHOS

Coordena: Fábio Paes Barreto EBP/AMP

- **A democracia como sol do amor**
Carla Serles EBP/AMP
- **O amor e seus objetos graves e pontiagudos**
Ary Farias EBP/AMP
- **Solidão**
Alberto Murta EBP/AMP

20h- Conferência I – Os tempos do amor

Lizbeth Ahumada NEL/AMP

Coordena: Rômulo Ferreira da Silva EBP/AMP

Debate: Ordália Junqueira EBP/AMP

18/09/2021

9h -10h30 Plenária 2 - AMOR E ÓDIO

Coordena: Luis Francisco Camargo EBP/AMP

- **Por que tem que ser assim?**
Cláudia Murta EBP/AMP
- **O amor ao significante mestre e o amor enquanto encontro de sintomas**
Rodrigo O. Santos
- **Amor e gozo no feminino**
Cristiano Alves Pimenta EBP/AMP

10h30 – 13:30 - Mesas simultâneas

SALA A

Mesa 01 – Amor e Pandemia

Coordena: Paulo Sérgio da Silva

- **Apontamentos sobre o trauma, o amor e a psicanálise**
Ana Paula Rezende
- **Desatinos. O que é humanidade?**
Regina Cheli Prati

- **Sobre o amor de transferência na experiência analítica durante a pandemia**
Flávia M. Vital
- **Me Manda o link**
Luana Santos Silva

Mesa 02 – Amor e Arte

Coordena: Waléria Paixão

- **Aquele que é digno de ser amado**
Henrique Alves Lopes
- **Diadorim: Neblina e Clarão - (efeitos de uma conversa)**
Helen da Costa Guerra
- **Salomé, o horror no amor: uma investigação do real no amor a partir da ópera Salomé de R. Strauss**
Anna Rogéria de Oliveira
- **O que eu fiz para merecer tanto amor**
Suraia Oliveira V. Carneiro

SALA B

Mesa 01 – Amor Trans ferência

Coordena: Simone Vieira

- **Dócil ao um por um**
Jaqueline Coelho
- **Atravessando o arco-íris: a construção da maternidade numa mulher transexual**
Patrícia M. Gramacho
- **Da menina ao trans, ao novo amor**
Juliana Bressanelli Lóra
- **Um parlêtre e seu mal-entendido-"Uma doença do coração" ou o gozo feminino?**
Ceres Lêda F.F. Rubio

Mesa 02 – Amor e Erotismo

Coordena: Giovanna Quaglia

- **O que a imagem do amor esconde?**
Virgínia Lúcia Souto Maior
- **Pode o amor destituir nossa humanidade? Notas sobre um amor anti-predicativo**
Micael Correia
- **Morte, Gozo e erotismo**
Adriano Moreira
- **A violência do amor (ou fetiche) em Lolita**
Sandra Siqueira Souza e Renata W. G. Ferreira

SALA C

Mesa 01 – Amor e Exílio na Psicose

Coordena: Tânia Prates

- **O amor e sua manobra na psicose: o caso Walter**
Rosangela Ribeiro
- **AMORTEMOR**
Fabrício Martins Pinto
- **Um novo amor na vida de uma adolescente: do amor ao pai ao amor de transferência**
Renata Tavares Imperial
- **A demissão do amor**
Fabiana Engel Frattari

Mesa 02 – Amor sintoma

Coordena: Denizye Zacharias

- **Pode o amor de transferência servir de conector para uma mulher?**
Gabriel Caixeta
- **a'mur**
Renato Carlos Vieira EBP/AMP
- **A psicanálise e o princípio de Bernoulli**
Fernanda Fernandes
- **Um olhar para os relacionamentos na contemporaneidade**
Gean Carlos Candido da Silva

13h30 – 14h30- ALMOÇO

14h30 – 16h Conferência II - A autoridade do amor

Lizbeth Ahumada NEL/AMP

Coordena: Elisa Alvarenga – Presidente do Conselho EBP/SLO

Debate: Tânia Regina Anchite Martins EPB/AMP

16h – 17h Mesa do Passe - Dos amores sintomáticos correlatos ao fantasma à solidão do ato analítico

Convidada: Marie Claude Sureau AE ECF/AMP

Coordena: Rômulo Ferreira da Silva EBP/AMP

Debate: Elisa Alvarenga EBP/AMP

17h – Encerramento

Ruskaya Maia – Coordenadora Geral das II Jornadas da Seção Leste-Oeste

Elisa Alvarenga – Presidente do Conselho da EBP Leste-Oeste



PLENÁRIA 1

O AMOR E OS UNS SOZINHOS

A DEMOCRACIA COMO SOL DO AMOR

Carla Serles - Membro EBP/AMP

A vastidão do tema apresentou-se, a priori, como uma dificuldade sobre o que do amor circunscrever.

Há alguns anos Miller bem disse que o analisante era o falasser, que já se o analisava, bastava saber como. Recorrendo-se, então a casuística, o analisante/escrevente sabe, por rumos experienciais, que lhe é possível tecer extimidades, não sem esforços e, sim pelas vias de sua própria análise, do arcabouço psicanalítico e dos campos afins, especialmente a literatura. Confrontado “com um impossível de suportar bastante intenso e virulento”¹, fez-se necessário, a esse mesmo analisante, localizar-se no precário e transitório viver, sem render-se a um estado crepuscular de morte em vida, e, porquanto, não exilar-se do trabalho cotidiano e das produções advindas por sua própria conta e risco.

Assim, desde o tema das Jornadas, o que foi denominado como cóleras, aqui, será delineado tanto como a doença que acomete o mundo, como também o período político lúgubre e caliginoso pelo qual passa o Brasil. Desse modo, deparamo-nos com os desatinos pessoais daqueles que oram pelo retorno de princípios falocêntricos absolutistas, que tornam-se cada vez mais prementes, com repercussões criminosas impunes e, ou pior, com ares de espetáculo, veiculados incessantemente na web. Constata-se ainda, uma perigosa aquiescência ao rechaço odioso ao suposto gozo do Outro em sua diversidade basal. Por consequência, o amo capitalista assenta seu indômito império, produzindo restos sociais impensáveis e uma cultura de pavor que coíbe expressões contrárias. As pautas de discussão da Nação, rasas e obsoletas, indicam o estremecimento agudo da Democracia.

Dessa forma, se à escrita cabe o lugar do analisante, esse fato, não o exonera da indagação fundamental de seu fazer como analista no tempo das cóleras.

Clotilde Leguil relembra Fabian Fajanwaks: “o capitalista não quer saber nada das coisas do amor”² e, complementa dizendo que também não quer saber nada da pulsão de morte. Nesse belo texto, ela propõe o amor como uma experiência contingente que pode imprimir obstáculos à “racionalização técnica e à mercantilização dos seres”³.

Luc Ferry, traça proposições concernentes à sacralização do amor, onde o sagrado ultrapassa o sentido ideal e religioso, para instalar-se como um amor pautado nos seres de carne e osso, sobretudo aqueles aos quais se ama e por quem se arriscaria a existência. Em resumo, esses seres seriam transfigurados e, em seguida sacralizados pelo amor. Essa tese precon-

za uma refundação da visão de mundo, em torno da revolução do amor, que abrangeria os campos gerais da vida, “do conhecimento à ética, da metafísica à política, passando pela vida cotidiana”⁴. O amor compõe-se como uma mediação frente a erosão dos ideais civilizatórios, carentes dessa condição amorosa incorrer-se-ia no risco de mantermo-nos no ocaso da vida: *The Walking Dead* em nossa própria existência.

A perspectiva de Luc Ferry, gerou ambiguidades entre um vislumbre de apaziguamento e interrogações sobre a viabilidade desse amor, acabando por traduzir-se nas seguintes questões: O amor e seus desdobramentos como a solidariedade e a amizade alcançariam tal envergadura na cultura ocidental? Poder-se-ia elevar o amor a esse estatuto de dignidade e expandi-lo para além das solitudes analíticas?

As formulações de Lacan, em seu último ensino, promovem o amor para além do amor narcísico, do amor como dom, como metáfora da falta, como fálico ou como fetiche, etc. Surge, dessa maneira, uma afinação possível entre a satisfação a mais própria ao final de análise e o amor, efeito da desenfaturação do ser e, porque não dizer da condescendência ao feminino.

Segundo o testemunho de Marcus André Vieira:

“A proposta de Miller é clara: a análise traz uma satisfação a mais, “uma homeostase de nível superior”. Só que ela não pertence ao campo do amor (e sim do gozo)... Não tem essência, só existência fora de qualquer relação, por isso o chamamos de gozo do Um. Já o amor sim, tem essência e lugar. Desta forma, esse gozo que existe, mas não tem essência, quase se opõe a ele.

Então, entre o amor de transferência, ancorado na fantasia, e essa satisfação, qual a articulação? Entendo-a como a participação, no campo do amor, do gozo feminino. Assim, entendo o tema do novo amor ao final da análise. Não um amor a mais, mas uma novidade no amor”⁵.

“No que diz respeito ao amor, penso que o impossível prossegue não se escrevendo. Afinal, não há cura para o amor, ainda bem. Há, porém, a possibilidade de subversão na vida amorosa, no que pode agora ser mantido ao máximo no diapasão deste gozo que está ali em ação, gozo do Um, que ignora a relação e traz a esse campo, em vez da paixão neurótica da impotência, a santa loucura da improvisação”⁶.

Na lavra de Jésus Santiago:

“ Para amar faz-se necessária no homem uma aproximação com o feminino. Por isso, considero o autismo do falo uma defesa que causa impedimentos na vida amorosa, tendo em vista, sobretudo, que amar é viver o vazio da pulsão sem os

imperativos obturantes da fantasia. As chances de poder viver o amor para além da impotência exigiram-me, na verdade, dissolver a miragem de que o falo consiste em meio de defesa, a fim de possibilitar, ao contrário, que se constituísse num objeto removível a serviço do furo próprio da pulsão”⁷.

“No momento em que encerra a virilidade, o falo torna-se resíduo, ou seja, explicita-se sua face de semblante que permite verificar que o saber-fazer com o amor que se nutre de um furo pulsional”⁸.

Portanto, a partir da lógica do não-todo feminino Lacan propulsou o amor ao campo do real contingente, permeável ao encontro, ao que cessa de não se escrever. “Uma soleira, onde antes eu persistia em andar sozinha em um deserto árido”, é o dizer de uma paciente minha sobre um sonho seu, após um encontro amoroso.

No entanto, para haver soleiras, um corpo vivo que ama há que ter a Democracia como horizonte. Ainda que se conclua que esse amor se apresente como uma saída ou uma subversão e que a novidade analítica se transmita ao mundo à boa maneira, o mesmo não será viável sem os fundamentos democráticos vivos.

Caso uma sociedade funcione sob a égide do todo-fálico, o amor pensado a partir do feminino e da contingência, corre o risco de desvitalizar-se e ceder desse lugar de abertura e inventividade.

Enfim, uma última apreensão: O amor mais digno prescinde do palavrório frugal ou da tagarelice, para tornar-se um dizer:

E quem não aspira a intensidade de um sentimento que carboniza antes de conhecer a finitude?... Se a existência não simboliza o ideal de amor, o amor, no palco da arte é inexcedível. Apresenta-se como uma forma radical de viver.⁹

Um vívido dizer!

NOTAS:

¹ MILLER, Jacques-Alain. Como se Revoltar?. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, ed. 80/81, p. 12, Maio 2019.

² LEGUIL, Clotilde. O amor e o mal-estar na civilização no século XXI, da mentira hedonista à experiência ética. **Curinga**: O amor e o Outro sexo, Belo Horizonte, ed. 50, p. 44, Julho/Dezembro 2020.

³ LEGUIL, Clotilde. O amor e o mal-estar na civilização no século XXI, da mentira hedonista à experiência ética. **Curinga**: O amor e o Outro sexo, Belo Horizonte, ed. 50, p. 33, Julho/Dezembro 2020.

⁴ FERRY, Luc. **A Revolução do Amor**: Por uma espiritualidade laica. Rio de Janeiro: Objetivo, 2012. p. 17. ISBN 978-85-390-0332-7.

⁵ VIEIRA, Marcos André. Amor no Limite. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, ed. 70, p. 38, Junho 2015.

⁶ VIEIRA, Marcos André. Amor no Limite. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, ed. 70, p.

40, Junho 2015.

⁷ SANTIAGO, Jésus. O engodo viril. *In*: MILLER, Jacques-Allain. **Aposta no passe**: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da EBP. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018. v. 14, p. 224. ISBN 978-85-7740-270-0.

⁸ SANTIAGO, Jésus. O engodo viril. *In*: MILLER, Jacques-Allain. **Aposta no passe**: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da EBP. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018. v. 14, p. 225- 226. ISBN 978-85-7740-270-0.

⁹ PIÑON, Néida. **Livro das Horas**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 14 ISBN 978-85-01-09978- 5.

REFERÊNCIAS:

FERRY, Luc. **A Revolução do Amor**: Por uma espiritualidade laica. Rio de Janeiro: Objetivo, 2012. p.17. ISBN 978-85-390-0332-7.

LEGUIL, Clotilde. O amor e o mal-estar na civilização no século XXI, da mentira hedonista à experiência ética. **Curinga**: O amor e o Outro sexo, Belo Horizonte, ed. 50, p. 33/44, Julho/Dezembro 2020.

MILLER, Jacques-Alain. Como se Revoltar? **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, ed. 80/81, p. 12, Maio 2019.

MILLER, Jacques-Alain. *In*: **Scilicet O Corpo Falante**. Sobre o inconsciente no século XXI, Rio de Janeiro, 2016.

PIÑON, Néida. **Livro das Horas**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 14 ISBN 978-85-01-09978- 5.

SANTIAGO, Jésus. O engodo viril. *In*: MILLER, Jacques-Allain. **Aposta no passe**: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da EBP. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018. v. 14, p. 224- 226. ISBN 978-85-7740-270-0.

THE WALKING Dead (Seriado). Direção: Frank Darabont. Produção: Jolly Dale, Caleb Womble, Paul Gadd, Heather Bellson. Geórgia, Estados Unidos: AMC Studios, 2010. Disponível em: Fox Premium.

VIEIRA, Marcos André. Amor no Limite. **Opção Lacaniana**: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo, ed. 70, p. 38/40, Junho 2015.

Ao abordar o amor no tempo das cóleras admitimos a premissa de que a cólera é um afeto facilmente verificável no contexto atual. Nesse sentido, podemos tomar o amor como sendo aquilo que resiste ao que predomina “no tempo”, no contemporâneo colérico. O amor cintila então como ponto de rebelião às rupturas com as práticas de urbanidade e identificação que se espriam no tecido social.

Ainda que seja um contraponto, não deixa de ser o amor um tumulto, uma presença difusa, uma palavra que estilhaça.

O AMOR E SEUS OBJETOS GRAVES E PONTIAGUDOS

Ary Farias - Membro EBP/AMP

Lacan, ao abordar as paixões do ser, ao tentar ordená-las, elencará como dominância uma outra paixão que não aquela advinda da díade amor-ódio.

A força maior da paixão, para Lacan, terá a ver com o gozo, não diretamente, mas enquanto recurso defensivo, evitativo. Nada querer saber sobre o gozo é a posição subjetiva natural, esperada num primeiro momento, do sujeito. Essa cegueira calculada é justamente o que responde pela eficácia do gozo. Há que se ler bem de que eficácia se trata aqui. Certamente não aquela que prima pela harmonia ou ordenação, mas, ao contrário, uma eficácia nefasta, uma assertividade na desordem.

Forjado na incongruência elementar gozo/desejo, o falasser traz em si, como marca d'água subjetiva, um fundo irredutível de angústia ou dor de existir.

Esse breve prefácio permite então elencar a ignorância como a paixão mor do falasser. Do gozo nada se quer saber, ainda que seja impossível isentar-se de seus efeitos no corpo, na vida e tudo que possa ser construído depois como discurso. O gozo é indelével.

Para sustentar essa recusa é necessária uma força presente apenas na ordem passional. O poder de uma paixão e suas imagens de furor decorrem do reino das vísceras, do apagamento da palavra como recurso de intermediação e regulação dos atos.

Para além do gozo, como efeito de consentimento, adentra-se no âmbito do desejo. Terra prometida e morada do Outro, fonte da fala e reserva de linguagem.

No continente do símbolo a palavra é o que cimenta e faz elo na realidade compartilhada na síntese das imagens. Imagem e símbolo se conjugam na instituição da fantasia do sujeito, sob o pano de fundo de um real incapturável. Ponto de fuga e também via de acesso à ficção nuclear do falasser, de onde irá então orbitar sua existência e construir-se enquanto discurso: os significantes prevalentes que pôde colher do Outro.

Lego nostálgico, o eu para sempre buscará desse Outro (que é plural) repercussões que lhe denotem algum prestígio e reconhecimento, o prelúdio das necessidades narcísicas do falasser. O Outro que me corrobora, aqui a gênese do amor.

Arranjo que tampona a impossibilidade de relação sexual, o amor, um recurso eminentemente linguageiro, erige-se como vicissitude essencial. Acessado a partir do afrouxamento do regime de gozo, o amor percorre as sendas da existência pelas asas do desejo.

O amor torna-se o exercício elementar no assombro que é, estar vivo.

O amor na experiência analítica

Lugar privilegiado na especulação sobre si, a experiência analítica também tem no amor um de seus fundamentos. Um amor anunciado pela condição *sine qua non* da própria experiência, ou seja, o amor transferencial. Amor não natural, de estufa, de enfermidade..., porém não menos verdadeiro. O que difere aqui é o destino deliberadamente dado a esse amor que, desviado da satisfação erótica, pode ser conjugado à construção de saber.

Um saber sem precedentes, nem utilidade social. Um saber insubordinado ao utilitarismo ou retransmissão enquanto modelo pedagógico de existência e felicidade.

Antes, uma assunção à errância.

Um saber que perscruta a falta, o vazio e o silêncio. O silêncio aqui, não como princípio do sublime, mas aquele lugar onde ainda o vocábulo não lançou luz, nos confins do gozo. Colocado como força motriz da experiência analítica, o amor de transferência vai permitir ao analisante, no percurso do que se conta, derivar para os outros amores, principalmente aqueles que decorrem de um encontro sexual efetivo dos corpos, os amores erotizados.

O Amor no corpo

Os corpos se encontram na solidão do gozo próprio, ainda que no encontro amoroso, o que se inscreva, seja laço e eloquência. Dessa solidão intransponível, Lacan costurou o axioma do que não cessa de não se escrever: a relação sexual.

Frente ao impossível, a teimosia.

Há também os que nunca cessam de escrever: os poetas!

Escrevem sobre a insônia da existência, a angústia, o amor e sobretudo o feminino.

Penas devotas do que não cessa de ferir.

No poema, que é a sua trincheira de algodão, cada um delira, a seu modo, suas desditas. Temos aqui um certo João¹ que, desabrigado da paz, habita a tormenta de um amor irrealizado por uma prima.

Expatriado de si, na voragem, o poeta se defende com a construção de um dos poemas mais brilhantes já talhados em língua portuguesa: *UMA FACA SÓ LÂMINA*².

No próprio título do poema já se imiscui a notícia do amor como objeto vocabular que fere, que sangra, pois que é, irremediavelmente cortante.

João Cabral de Melo Neto se valerá de três objetos invasivos para aludir o infausto existencial de um amor irrealizado, não acontecido no corpo.

A lâmina, o relógio e a bala são as consistências exógenas invasivas que perturbam (perfuram) a carne do corpo hospedeiro desse amaro amor.

Invadido por objetos (ideias fixas) torturantes esse corpo deambula errante entre as dores.

Um corpo que, ao menor movimento, sente a “impiedade da lâmina”³ roçar-lhe os ossos. Aqui a faca ferina se aloja na “bainha do corpo”⁴, relegando-lhe à insônia, como se pulsasse submerso nesse mesmo corpo um relógio nervoso. Sem promessa de fim, a tortura desse amor escorre na esteira cruel da eternidade “sem fadiga, sem ócios”⁵.

Fora de seu bom juízo, esse corpo afoga-se em seus próprios fluidos, sofre a desproporção de seu próprio peso, claudica “à febre desse sol”⁶. Carrega em um dos lados, alojado em seus interstícios, uma bala, que disparada à queima-roupa delira uma proximidade que nunca houve.

Essa “bala indigesta”⁷ fere qualquer possibilidade de armistício dessa contenda íntima e visceral que acontece no campo do Um.

1 João Cabral de Melo Neto (1920-1999), poeta e diplomata brasileiro, nascido em Recife-PE, cuja obra vai de uma tendência surrealista até a poesia popular, porém caracterizado pelo rigor estético e recusa declarada à escrita confessional.

2 MELO NETO, João Cabral de. **Poesia completa e prosa**. Antonio Carlos Secchin (Org.) - 2ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

3 MELO NETO, op. cit., p. 181.

4 MELO NETO, op. cit., p. 184.

5 MELO NETO, op. cit., p. 182.

6 MELO NETO, op. cit., p. 186.

7 MELO NETO, op. cit., p. 185.

Fatigado dessa “ausência que leva”⁸, esse corpo amoroso flerta então com o abandono de si, adotando o paradigma da anorexia para cultuar seu gozo, visto que esse amor flora suas pétalas negras, se desenvolve na angústia “não do que come, porém do que jejua”⁹.

Por fim, se para a mulher temos a devastação e a obnubilação do eu como modalidades de respostas possíveis frente ao desencontro amoroso, no homem, esse desgoverno tem, por efeito, dias íngremes de sal e de dor. O amor, sutilmente, desidrata o viril.

8 MELO NETO, op. cit., p. 182.

9 MELO NETO, op. cit., p. 183.

SOLIDÃO

Alberto Murta – Membro EBP/AMP

O amor abre caminhos no *sinthoma*, com reticências e, pela via dessa abertura, testemunha uma manutenção dos laços inerente ao funcionamento solitário do *sinthoma*. Uma solidão brotada perpetuando suspiros, sussurros e que, por sua parte, acusam um mínimo laço com a vida. Fazendo com a vida uma incessante e pertinente vizinhança. Será que, nesse momento, a pertinência com a vida não se encontra frágil? Quero afirmar que sim, pois frente à debilidade da vida, ressoa-se, em muito, a inexperiência das luzes fazendo eco ao jogo do Real, sempre reticente em ser dominado. Evoca-se logo acima aquilo com o que o *falasser*, em termos lacanianos, alimenta-se como vital, no exercício da função vital: a respiração.

É raro Lacan realizar um comentário sobre a respiração. No entanto, quando ele aborda essa função vital no Livro VI, especificamente no capítulo intitulado: *A forma do corte*, ele prontamente dissocia o objeto voz da respiração, quando isola algo da divisão presente no objeto voz. Recuperando uma passagem, quando Lacan sinaliza a ocorrência do corte na emergência da voz, distinguindo-a da respiração, ele afirma: “A respiração é ritmo (...) a respiração é alternância vital” (LACAN, 1958-59/2016, p. 411). E, logo em seguida, brota uma passagem na qual homenageia Ernest Jones ao nos advertir que, quando a emissão da voz não é escandida, quando o corte não se impõe destacando a voz, ela é apenas *pneuma*, *flatus*, “no nível mais profundo da experiência que disso temos no inconsciente, ela não é individualizada como sendo de ordem respiratória, mas referida ao *flatus* anal” (LACAN, 1958-59/2016, p. 411).

Faço o voleio por uma zona na qual uma única saída anuncia a chegada: a chegada da persistência dos *restos*. Será que nesta vizinhança podemos localizar o amor como um dos afetos pertinentes a uma experiência conclusiva de análise? Quais são as condições operantes para que o amor, realizado no circuito analítico, desemboque na solidão? No fundo, a chegada à solidão se tornará um esteio que facultará ao *falasser* um acesso a algo de si mesmo, que estava sempre separado enquanto escondido. Ora, a conquista dessa solidão foi operacionalizada pela experiência analítica. Sob essas condições, tanto o novo amor como a nova solidão passam a ser balizados por letras, que fazem borda ao furo Real.

Há uma passagem em que Ariano Suassuna, trocando confissões/dizeres sobre suas aventuras, enuncia o que se encontra ao redor do furo: *tudo é beira ao redor do Furo*. Assim, a beira do Furo é constituída, de maneira lenta e progressiva, pelo depósito de letras. Acrescento ainda que, com essa afirmação de Suassuna, da existência da beira ao redor do furo, ele semeia, ele faz “soar outra coisa que o sentido, é outra coisa que não a ressonância, é, falando propriamente, acrescentar o vazio” (MILLER, 2009, p. 183). Esse vazio é pinçado por Miller como

efeito de furo. Sim, do outro lado, é preciso uma precaução para manejar o texto de Suassuna, quando afirmo que no horizonte dos seus dizeres ocorre o brotamento de alguns semblantes. Por que não, a prática a ser manejada no horizonte de Suassuna como uma prática de semblantes sob efeito de furo!

Seguindo a esteira do comentário proposto pela orientação lacaniana enquanto derradeiro ensino de Lacan e absorvendo as consequências do abalo/dissolução dos fundamentos da psicanálise, afinal, qual é o estatuto do amor da transferência? No fundo, indago o que resta do amor transferencial à luz do ineditismo presente na proposta dessa orientação. Por que o amor de transferência se prestou a servir como meio de investigação/eixo temático: *o amor na experiência psicanalítica* da nossa jornada, ora em curso?

Sim, constatamos que ocorre um declínio dos artigos freudianos sobre a técnica psicanalítica que abordam a transferência. Nos termos de Lacan, existe um declínio do amor enquanto sujeito suposto saber. Logo, um desabamento da transferência amorosa e, por conseguinte, uma *caída* do inconsciente-saber. Na perspectiva aberta pelo derradeiro ensino lacaniano, *entramos* numa nova promoção do amor. É aí, que é preciso acompanhar Miller quando diz: “que não havia nada sobre a transferência em todo o derradeiro ensino de Lacan, se houvesse alguma coisa, seria no nível desse efeito de furo que poderíamos situá-la” (MILLER, 2009, p. 183). Estou convicto que é desejável explorarmos as consequências dessa formulação, que não só indica o declínio da transferência, mas convoca a nos guiar pelo efeito de furo e, por conseguinte, vivenciarmos um novo no amor, sob o efeito do furo Real.

Ora, no *Seminário, livro 20: mais, ainda*, Lacan, rompendo com o discurso ontológico, indica que o amor como suplência brota substituindo a relação sexual que não existe. E isso é fundamental para pensarmos os laços estabelecidos entre os *Uns-sozinhos* na realização do *sinthoma*. Realizar o *sinthoma* faz valer no fluir da série $S_1, S_1, S_1, \dots$ etc., o *uma só vez*. Quando sublinho *uma só vez*, marco que, nesse *uma só vez*, encontra-se presente a solidão do Um. Sendo assim, o que nos impele a estabelecer um laço entre esses Uns? Tornou-se para mim um *ré-achado* o encontro com a passagem que se segue. Nela, a existência do *Há-um* é sublinhada como um novo no amor e, com ele, o “amor é o que poderia fazer mediação entre os um-sozinho” (MILLER, 2005, p. 18). Da minha parte, é o caso de dizer que esse laço amoroso entre os *Uns* no funcionamento do *sinthoma* faz valer o uso lógico do *sinthoma*. Por essa via, chega-se ao amor sob efeito de furo. Digo, em outros termos, que o desfile dos S_1 é o último dos semblantes que emerge enquanto efeito de furo na boca da cena alavancada pelo fluir da série: $S_1, S_1, S_1, \dots$ etc.,. Tratando-se de uma transmissão em Psicanálise, é esse furo que se transmite no momento conclusivo de uma análise.

Referências:

- LACAN, J. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. (Seminário realizado em 1958-59).
- MILLER, J.-A. Uma fantasia. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 42, 7-18, 2005.
- MILLER, J.-A. *Perspectiva do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- Cartel de Leitura: “El Últimíssimo Lacan”, Jacques-Alain Miller.
- Cartelizantes: Tânia Martins (mais um), Adriana Pessoa, Simone Vieira e Alberto Murta
- Tema no cartel: Um psicanalista e a urgência



PLENÁRIA 2

AMOR E ÓDIO

POR QUE “TEM QUE SER ASSIM”?

Claudia Murta¹ - Membro EBP/AMP

Não fui eu, nem Deus, não foi você, nem foi ninguém
Tudo o que se ganha nessa vida é pra perder
Tem que acontecer, tem que ser assim
Nada permanece inalterado até o fim

Se ninguém tem culpa, não se tem condenação
Se o que ficou do grande amor é solidão
Se um vai perder, outro vai ganhar
É assim que eu vejo a vida, e ninguém vai mudar

Eu daria tudo
Pra não ver você cansada
Pra não ver você calada
Pra não ver você chateada
Cara de desesperada
Mas não posso fazer nada
Não sou Deus, nem sou senhor

Eu daria tudo
Pra não ver você chumbada
Pra não ver você baleada
Pra não ver você arreada
A mulher abandonada
Mas não posso fazer nada
Eu sou um compositor popular ²

Segundo o Mapa da Violência Contra a Mulher 2019-2020³ fornecido pela Gerência de Política para as Mulheres da Secretaria de Estado de Direitos Humanos do ES, o local de 29.442, de 41.007 ocorrências registradas nesses dois anos, é a residência da vítima; o mapa aponta ainda que o segundo lugar com mais ocorrências, 6.986 registros, é a via pública. Esses dados são chocantes, pois mostram que o lugar mais perigoso para uma mulher estar é a sua própria casa. Parte dessas ocorrências foram acolhidas no programa de atendimento psicológico⁴ do qual faço parte, proposto em 2020, às vítimas de violência doméstica e familiar, vinculado ao TJES. Além disso, foi instituída, em julho de 2021, a Lei do Sinal Vermelho⁵ na palma da mão

como signo de pedido de socorro. É possível ainda espantar-se e perguntar o que foi feito do “felizes para sempre” transformado em um X vermelho escrito na palma da mão como apelo a quem possa ler. Como assevera a letra do compositor maldito capixaba, Sérgio Sampaio, a indiferença odiosa diante da escalada do aumento da violência contra a mulher até a sua morte só reforça a cultura patriarcal.

Eu, que sou ativista no combate à violência contra a mulher, já gritei muito contra isso; montei, junto com os amigos do GT de Filosofia e Psicanálise da ANPOF⁶, um projeto de Filosofia de Combate; juntos somos combatentes, cada um a seu modo. Contudo, minhas atividades incendeiam um ódio visceral em certas classes, não só discordância, mas muito ódio, e senti necessidade de me guarnecer. Não é fácil receber amor, mas ódio, então, é mais difícil ainda, pois o amor é sempre mais brando que o ódio, tendo em vista que, por sua própria estrutura, o amor enfraquece o amante e, contrariamente, o ódio protege aquele que odeia e, quanto mais odeia, mais fortalecido, o odioso se sente. Em coro com o cantor maldito, pergunto-me: por que “tem que ser assim”?

Como referência para o entendimento desse processo, faço recurso ao texto “O Mal-Estar na Civilização” de Freud, de acordo com o qual, o amor é um dos fundamentos da civilização; contudo, em suas palavras, “por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro, esta ameaça o amor com restrições substanciais”⁷. Nesse contexto de impasse entre o amor sexual e a civilização, Freud situa as mulheres como opositoras aos interesses da civilização e representantes dos interesses sexuais⁸. Além disso, acrescenta que a civilização se comporta diante da sexualidade, como o opressor se comporta diante do oprimido que a fim de se proteger de uma revolta, aplica a política do medo⁹.

Uma política na qual o amor seja o afeto preponderante é antagônica à política do medo e, portanto, não é condizente com a lógica da opressão. Desde que haja amor, não há lugar para o medo e a opressão. Sendo, na perspectiva freudiana, a mulher, representante da condição amorosa que funda a civilização, o antagonista age para com ela satisfazendo sua agressividade; a interpretação freudiana do “amor ao próximo” civilizado é que, sobre o próximo, em suas palavras, se é tentado “a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo”¹⁰. Nesse pequeno trecho, Freud dispõe a condição humana que sustenta a sociedade: opressão, exploração, dominação, submissão, humilhação, tortura, escravização e morte. Todos esses desejos estão previstos na Lei Maria da Penha¹¹, evidentemente, como violação de direitos humanos. Seguindo os ensinamentos de Lacan, sabe-se que, onde há Lei, há Desejo¹². No mapa da violência citado, 10.397 dos casos, foram denúncias de ameaças e, hélas, nos anos de 2019 e 2020, no ES, foram registrados, 192 casos divididos entre homicídio doloso de mulheres e feminicídio. Não se trata de jogo de poder, mas sim de agressividade, como anuncia Freud, elevada ao extremo da morte. O que isso tem a ver com amor? Nada mais do que a civilização destruindo o amor possível, na derrocada de seu representante.

Eu me pergunto sempre: por que “tem que ser assim”? Por que o amor não acontece como política das relações? A resposta freudiana é que a civilização é construída sobre a base

da destruição do amor que, antagonicamente, é sua condição. Essa resposta direciona para as origens e causas primeiras. Como Freud é materialista, evidentemente, a causa que oferece é a causa material. Contudo, por minha disposição pessoal, respostas materialistas não me são suficientes e, minha formação lacaniana, redireciona-me ao pensamento hegeliano.

Segundo Hegel, no capítulo de “Fenomenologia do Espírito”¹³ dedicado à “Dominação e Escravidão”, a dialética percorre o itinerário da consciência que busca conhecer o objeto, partindo de uma consciência imediata marcada pela inadequação entre a certeza de conhecer e a verdade do objeto a ser conhecido, buscando sempre um pouco mais, adquirindo conhecimentos cada vez mais complexos. Pela via do desejo, consegue-se desejar o outro e encontrar a identidade pela diferença, permitindo o acesso à outra consciência. Essa identidade do diferente é o que Hegel chama de negação. O desejo dispõe o movimento e, a cada novo movimento, há o encontro com a negação, a própria diferença; como uma dança circular que se aproxima, mas não encosta, fazendo um movimento espiral que finaliza no infinito. Esse é o caminho da vida, do desejo que não se identifica com o objeto, mas o nega trazendo a morte na vida. Na proposta hegeliana, o amor recíproco é o fim da luta de puro prestígio que pode acontecer com o advento do reconhecimento mútuo; assim, nesse dia, a guerra pode acabar. Enquanto esse dia não chega, a luta continua.

De outro modo, em um desses encontros com o infinito, escutei, faz muitos anos, o testemunho de passe de Lêda Guimarães¹⁴, no qual a analista relatava seu próprio caminho de saída da zona de morte em vida e da dialética infeliz. Seu relato foi, para mim, de uma transmissão tão vivaz, que publiquei um texto¹⁵, em comentário ao mesmo, texto que foi minha porta de entrada para membro da EBP. Desde então, Lêda e eu, nos tornamos amigas e sempre dialogamos sobre política amorosa. Em nosso último encontro, perguntei-lhe: então Lêda, o que você conclui sobre as relações amorosas? Ela me respondeu citando Freud¹⁶: não tem jeito minha amiga – a impotência masculina é universal. Sem mais o que dizer sobre, começamos a falar da cor do seu batom, da delicadeza de sua echarpe, de suas sandálias e fomos caminhando até sua residência, diante da qual, seu filho a aguardava. Termino com essa singela homenagem à amiga querida que, em vida, ultrapassou a zona da morte e nos ensinou um caminho possível para sair do nefasto labirinto.

REFERÊNCIAS:

1. Membro da Escola Brasileira de Psicanálise.
2. SAMPAIO, S. “Tem que acontecer”. Rio de Janeiro: Continental: 1976. 3m20s. Disponível na plataforma Spotify.
3. ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado de Direitos Humanos. Subsecretaria de Política para Mulheres. Gerência de Políticas públicas para Mulheres. “Dados Comparativos de Registros de Violência contra Mulheres – 2019/2020”. Vitória, 2021.
4. ESPÍRITO SANTO. Tribunal de Justiça do. Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar. “Programa de Atendimento Psicológico a Vítimas de Violência Doméstica e Familiar durante a Pandemia do COVID-19”. Vitória, 2020-2021.
5. BRASIL. Lei nº 14.188, de 28 de julho de 2021, (Lei do Sinal Vermelho).
6. ANPOF. Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia. Grupo de Trabalho Filosofia e Psicanálise. Filosofia de Combate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAfC6gkV6WU&list=UU0yjneZqt92T5neXOrNZwFQ&index=25> Acesso em 07/08/2021.
7. FREUD, S. (1930). “O mal-estar na civilização”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund

Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, v. XXI, p. 123.

8. Ibid, p.124.

9. Ibid, p.125.

10. Ibid, p.133.

11. BRASIL, Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha).

12. Lacan, J. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Escritos (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 828, (Trabalho original publicado em 1966).

13. HEGEL, G.W.F. (1807). "Independência e dependência da consciência de si: Dominação e Escravidão". In: Fenomenologia do espírito. Petrópolis: Vozes, 1992, pp. 126-133.

14. GUIMARÃES, L. "O silêncio que se rompe". Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, n. 28, pp.20-24, julho de 2000.

15. MURTA, C. "Amor e transmissão". In: Incidências da Psicanálise na Cidade. Vitória: Edufes, 2004. pp.104-109.

16. FREUD, S. (1912). "Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)". In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006, v. XI, pp. 181-196.

O AMOR AO SIGNIFICANTE MESTRE E O AMOR ENQUANTO ENCONTRO DE SINTOMAS

Rodrigo Oliveira dos Santos - Participante da SLO

Miller (2009) afirma que Lacan inscreve o significante mestre no lugar do ideal do Eu elaborado por Freud. Na teoria da identificação a relação imaginária está ordenada a partir de um significante. A ideia de que no enamoramento há dependência e um lugar ocupado pelo ideal do Eu nos fornece uma teoria política. Na psicologia das massas, o significante mestre harmoniza e apazigua os grupos humanos em termos de enamoramento.

O significante amo, sinônimo de mestria, é transformado por Miller (idem) em significante amor. Nos grupos tomados como exemplo por Freud, as Forças Armadas e a Igreja, esse significante está no lugar do ideal do Eu homogeneizando o ambiente para os sujeitos. Feitas para a guerra, as forças armadas exigem a paz dentro delas, pontua Miller (idem). Mas, e quando no interior da hierarquia militar os sujeitos se identificam, enamorados a um significante mestre, a um “Mito” político? “Democracia em vertigem!” Mal-estar!

Apesar do poder do significante mestre em harmonizar os grupos, resta a questão do gozo, um mal estar: o amor fundado na identificação simbólica fracassa. No lugar do Ideal do Eu encontra-se o supereu: um mais de gozar. Em Kant com Sade (LACAN, 1962/1998), onde o imperativo categórico da Lei moral pede ao sujeito o sacrifício do que é da ordem do desejo há a máxima de Sade: Goze! Esse imperativo moral advindo do Outro por uma intervenção significante é ouvido pelo sujeito como uma voz do rádio convocando a um imperativo político, uma voz da consciência e certos fenômenos da voz, próprios da psicose que têm essa faceta de objeto (idem). Há os grupos de WhatsApp!

Entretanto, Miller (2002/2011b) afirma que Lacan deu valor de exame ao significante central da identificação no matema do discurso do mestre. Essa pluralização de significantes mestres promove o sujeito sem referência, além de estratégias subjetivas que produzem o que Miller (idem) chama de “bolhas de certeza”: um apelo ao significante mestre prestes a ser abolido, que fornece estabilidade aos grupos a partir de significantes restritos. Mergulhadas na estrutura social do não-todo por serem sem limites e sem totalização, Laurent (2016) considera que nas “bolhas de certeza” o sujeito se engancha aos significantes mestres de crenças fanáticas rejeitando discursos externos. O movimento antivacina, o tratamento precoce e a possibilidade de Bolsonaro ir para um segundo turno diante de mais de 500 mil mortos por Covid-19: “bolhas de certeza”!

Miller (2002/2011a) toma a proposição de Lacan do Seminário 14:

“Não digo ‘a política é o inconsciente’, mas simplesmente o inconsciente é a política’. Ele afirma que remeter a política ao inconsciente, como atesta a primeira parte da proposição, era um gosto de Freud, que estrutura esse campo pela instância do pai, apoiando-se em termos como “identificação, censura, repressão, inclusive a repressão do gozo” (MILLER, 2002/2011, p.4)

O dito de Lacan que “o inconsciente é a política” não parte do pai e sim do inconsciente como o que está a ser definido, afirma Laurent (2016). Para Miller (2002/2011a) esse dito transporta o inconsciente da esfera solipsista e o coloca na Cidade. Lacan parte do inconsciente estruturado como uma linguagem, como discurso do Outro, de um Outro dividido, que não existe como “Um”. Segundo Laurent (2016), o inconsciente estruturado como uma linguagem enfatiza um inconsciente separado da identificação

Guardado (2003) afirma que “o inconsciente é a política” caminha com a definição de que o inconsciente é o discurso do Outro e com a asserção de que o inconsciente tem a ver com o laço social, já que não há relação sexual. Assim, o inconsciente se produz na relação do sujeito com o Outro e posteriormente, no ensino de Lacan, na relação do sujeito com o Outro sexo.

“Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado” (LACAN, 2008, p.155): perverso do lado masculino, no que o Outro se reduz ao objeto α ; louco e enigmático do lado feminino. Entre o masculino e o feminino há mais do que um muro, há o sintoma como meio de gozo, afirma Miller (2008). Do lado masculino, o parceiro-sintoma tem a forma do fetiche, aborda-se a mulher através da fantasia, do próprio órgão que está “fora do corpo” como alteridade. Do lado feminino o parceiro sintoma tem a forma do não-todo: do $\mathcal{A}$. Desse lado não se encontra um “ponto fora do corpo”, o corpo mesmo é Outro para o sujeito que está suscetível a fenômenos de estranhamento, abertura e ilimitação (idem). “À mulher não falta nada” (LACAN, 2005), mas tem que enfrentar sua demanda de amor infinita.

É do defrontamento com esse impasse da relação sexual que o amor é posto à prova. Para Lacan (2008) o amor só pode se realizar por uma espécie de poesia, como criação de palavra, como suplência a algo que de antemão não existe. Para o amor florir é preciso cultivo de fala, onde num instante de acaso o laço possa vir a existir.

Brousse (2003) afirma que por operar sobre o discurso do mestre a psicanálise é mal vista pelos regimes totalitários e pelo saber científico que coloca o saber na posição de significante mestre. Isso impede que a psicanálise seja politicamente correta, além de dar ao analista o dever da política, que consiste em devolver ao sujeito “a escolha decidida dessa relação com o significante-mestre” (idem, p. 24). Para Guardado (2003), a singularidade da psicanálise está do lado da fratura, da “ex-sistência” do Real, fazendo face à lógica da totalização ela demonstra o furo e o equívoco.

É durante um tempo de suspensão, de acaso, que o que seria a relação sexual se articula e se inscreve como suplência ao real. Esse encontro de amor ao ser que fala, como pontua Lacan (2008) não acontece a partir da coesão apaziguadora dos imperativos do significante mestre. Um amor de acaso possibilita o encontro com sua alteridade e com a do parceiro: com o *sinthome*. Assim, ama-se na dissonância, nas harmonias do acaso onde o batimento das notas musicais ressoa a não relação.

REFERÊNCIAS:

- BROUSSE, M.-H. O inconsciente é a política. São Paulo. EBP:2003
- GUARDADO, C.M.R. Introdução. In Brousse O inconsciente é a política. São Paulo. EBP:2003
- LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. (1962). Kant com Sade. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAURENT, É. O avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- MILLER, J.-A. El parternaire-síntoma. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- MILLER, J.-A. Lógicas de la vida amorosa. Buenos Aires: Manantial, 2009.
- MILLER, J.-A. Intuições Milanesas I. In Opção Lacaniana online nova série. Ano 2. n.5, 2011a. Recuperado em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_5/Intui%C3%A7%C3%B5es_milanesas.pdf. Acesso em: 9 de jun.2021.
- MILLER, J.-A. Intuições Milanesas II. In Opção Lacaniana online nova série. Ano 2. n.6, 2011b. Recuperado em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_6/Intuicoes_Milanesas_II.pdf. Acesso em: 9 de jun.2021.

AMOR E GOZO NO FEMININO

Cristiano Alves Pimenta - Membro EBP/AMP

Gostaria de partir da interrogação com que Miller termina seu texto *Mãe-Mulher*: “Quantas Medeias disfarçadas de boas mães velam ciumentas sobre seu Jasão acorrentado?” (MILLER, 2015, p. 21). A referência à Medeia, a mãe que matou os próprios filhos para se vingar de Jasão, o marido, por tê-la abandonado por uma outra mulher, evidencia que “a feminilidade não se esgota na maternidade”. “Medeia não queria ser mãe sem ser ao mesmo tempo a Outra mulher para Jasão” (MILLER, 2015, p. 21). Assim, “uma verdadeira mulher é sempre Medeia”: ao perder o mais precioso, ao cair do lugar de desejada e amada, não tem mais nada a perder. É capaz do ato, mas *também necessita ser suportada pelo amor e o desejo do seu parceiro*.

Aqui é preciso contextualizar a afirmação de Lacan (2005) segundo a qual “não falta nada à mulher” (LACAN, 2005/1962-67 p. 209). Diferentemente do homem, no qual “o objeto é a condição do desejo e o seu gozo depende dessa questão” (Idem, p. 210), na mulher “é o desejo do Outro que lhe interessa” (Idem, p. 209). O que falta à mulher, o que lhe é da ordem da “castração”, assume a forma da “perda de amor” (MILLER, 2008, p. 159).

No *Seminário 20* Lacan (2008/1972-73) irá postular que no feminino o amor é um gozo. Como resume Miller (2008) “a demonstração de Lacan revela que do lado feminino, o gozo que lhe é próprio está intrinsecamente, de maneira fundamental e irreduzível, ligado ao Outro, ligado ao amor do Outro. Há aqui uma conjunção” (MILLER, 2008, p. 159).

O gozo sobre o qual incide a castração na mulher é sempre o gozo que ela extrai do amor do Outro, representado pelo vetor que parte de $\mathcal{A}$ Mulher e se dirige ao $S(\mathcal{A})$. Castrada do amor do Outro, o seu bem mais precioso, ela cai devastada.

Nesse ponto, faço uma articulação. Lacan (2003) diz que as mulheres “são loucas”, “mas não loucas-de-todo”, mas ele acrescenta que elas são “*conciliadoras*, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a *um* homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens” (LACAN, 2003, p. 538). Certamente, o que torna as mulheres “conciliadoras” é o confronto com o rochedo de sua castração, ou seja, com isso que elas não podem perder. Todavia, ser conciliadora já é gozar do amor, pois é *um dar tudo que tende ao infinito*. Eis a definição mesma de devastação: “A devastação é exatamente a outra face do amor. Da mesma maneira que o amor é a anulação de todo ter... *a devastação, neste sentido, é somente a face de gozo do amor*. Isto quer dizer: *dar tudo, é aqui onde está o infinito*” (MILLER, 2008, p. 276)

Uma mulher pode demandar uma análise justamente por sentir que o que ela está dando ao seu parceiro é mais do que deveria. Nesse caso sua posição pode ser formulada assim: “para ti te dou tudo, me faço objeto de sua fantasia, me faço silenciosa, não te perturbo, me faço boa mãe que dá conta dos trabalhos domésticos, visto a camisa do seu time, voto no político que você vota...”. Uma mulher pode procurar um analista para saber sobre esse gozo que lhe atravessa e lhe devasta. Na análise ela pode descobrir que ele é algo que diz respeito ao modo como o feminino se articulou nela, e que precisa ser tratado.

Há também os casos ela busca uma análise na devastação ligada a um término. A perda do amor não a impede de continuar amando em seu luto. Ela pode se consagrar a um amor perdido, auxiliada, em alguns casos, pelo álcool. O preço desse gozo é um *apagamento de si* que impede um novo encontro amoroso, vai contra a contingência, mas que subsiste como uma defesa do seu amor.

Estamos aqui na dimensão clínica dos excessos, do ilimitado e do infinito. Vale citar o filme *Mãe* (2017), exemplar em nos mostrar o drama de uma verdadeira Medeia disfarçada de boa mãe. No filme, Jennifer Lawrence, conciliadora, concede seu corpo, sua alma e sua vida ao seu homem amado. Por ele, ela suporta tudo, do apagamento de si até a morte. Por fim, numa tentativa desesperada de sair da maldita casa, ela explode tudo, aniquilando o mundo do ego-cêntrico marido. Na última cena, já carbonizada, vemos seu coração, último reduto de seu amor, ser extraído cruelmente por ele. Imagem perfeita da castração que está em jogo na mulher.

Marie Hélène Brousse (2021) localiza, nas falas de pacientes mulheres, os “significantes que surgem de uma posição feminina de gozo” (BROUSSE, 2021, p. 51). Uma delas diz: “*Desaparecer, não mostrar-me. É Algo da ordem do apagamento. Tratar de não estar ali. É assim que escolhi meus parceiros amorosos: para apagar-me detrás deles.*” (BROUSSE, 2021, p. 54). Brousse (2021) vê aí uma forma de gozo masoquista? De modo algum. Trata-se do gozo feminino, de “obter um vazio que tem por objetivo uma abolição da diferença sujeito/objeto” (BROUSSE, 2021, p. 58). Esse “gozo Outro” experimentado a partir desses estados de vazio onde “o silêncio se torna um calar-se. Já não é um imperativo, uma ordem do Outro. É uma escolha radical, um apagamento do Outro, ou seja, uma omissão, um esquecimento” (BROUSSE, 2021, p. 63). Vale citar “a via” tomada por Brousse, pois é também a que visamos:

“O gozo do lado do não-todo, do lado feminino da sexualização, pode encontrar no vazio da matéria fantasmática, mas cheio de energia, a do gozo Outro (JA) que habita em certos momentos o corpo falante, uma formulação que nos permita saber um pouco mais? É da ordem de uma energia sem localização específica em nenhum órgão do corpo, uma energia que capta o corpo falante como *Um* em sua existência global? Eis a via que tomo aqui, guiada pelas palavras das analizantes: colocar a prova da psicanálise o vazio como *ex-istência de um gozo deslocalizado com respeito às zonas de orifícios investidos pelo fantasma*. O que não quer dizer que sejam abolidos. Esta experiência não chega sem colocar em jogo os objetos a,

mas não são reproduzíveis a partir da fórmula do fantasma e não mobilizam uma zona erógena precisa. O efeito é difuso, deslocalizado” (BROUSSE, 2021, p. 60)

Se esse gozo fosse o masculino seria o gozo fantasmático sustentado pelo objeto fetiche. Como diz Miller, no *final da análise*, no *passe*, “o homem tem que resolver em primeiro lugar a questão do fantasma, ou seja, a forma fetiche que impõe ao parceiro, já a mulher, por seu lado, tem que resolver a questão do amor, ou seja, de sua erotomania” (MILLER, 2008, p.414). Portanto, o que está em jogo na análise de uma mulher é poder gozar do amor de um modo mais digno.

REFERÊNCIAS:

- BROUSSE, Marie-Hélène. Modo de gozar en feminino. Paris: Navarin Editores, 2021.
- LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MILLER, J.-A. El parternaire-síntoma. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- MILLER, Jacques-Alain. Mãe-mulher. *Opção Lacaniana* 71, p. 13-21, 2015.



MESAS SIMULTÂNEAS

SALA A - MESA 01

AMOR É PANDEMIA

APONTAMENTOS SOBRE O TRAUMA, O AMOR E A PSICANÁLISE

Ana Paula F. Rezende - Participante da SLO

A pandemia atravessou a vida de todos nós de forma imprevisível, sem coordenadas, sem previsões e de forma assustadora, nos colocando cara a cara com a possibilidade de contaminação e da morte. O vírus da covid 19 “desconfigurou o sistema” e ordenou uma nova configuração, mas isso não foi sem consequências, deixou restos e marcas.

Laurent (2020) adverte que no mundo de semblantes que vivemos, o discurso da ciência não consegue aplacar a angústia da civilização, uma vez que é confrontado com o Outro em sua ruína. É devido à inexistência do Outro que surge outro real, para o sujeito que vive na linguagem. “É esse real da angústia, da esperança, do amor, do ódio, da loucura e da debilidade mental. Todos esses afetos e paixões estarão no encontro marcado da nossa confrontação com o vírus”. O sujeito testemunha um real impossível de suportar, segundo Laurent. Esse real não é semblante, escapa, escorre e provoca uma desordem. O sujeito contemporâneo coloca em evidência o real. Miller (2005) ressalta que o real é um pedaço, um fragmento assistemático, que não faz laço com nada, separado do saber ficcional, um resto, desordenado por estrutura, portanto, não é um saber da ciência, pois ele é contingente, sem lei e se constitui por um furo no saber. Sendo assim, cada um é confrontado com esse real da pandemia.

A psicanálise não se interessa pela pandemia de forma coletiva, mas pelo singular, como cada um encontra sua saída. Passar do sintoma social ao sintoma subjetivo, do todos para cada um. De acordo com Consenza, a pandemia pode ser definida como “acontecimento de discurso”, “acontecimento de terra”, termo usado por Miller em *o ser e o Um*, pois é algo que irrompe a vida coletiva e muda toda forma de funcionamento do discurso como tal, provocando uma perturbação. Um S1 universal que é da ordem do sem sentido, sem articulação com S2. Segundo ele, a ciência busca um sentido, uma leitura, uma explicação e por isso está do lado do universal; o que difere da psicanálise que é da ordem do singular. Esse S1 vai repercutir no modo de gozo de cada um, a partir da experiência pulsional, dos efeitos sobre o corpo, devido ao confinamento e as restrições que interferem nos laços sociais.

Podemos pensar a pandemia como um acontecimento traumático? Por acontecimento, abordamos um antes e um depois, que traz a marca de uma temporalidade. Freud aborda o trauma em dois tempos, há um primeiro momento em que um acontecimento não tem valor, e um segundo momento em que o adquire. Algo do mundo externo vai estar ligado a algo da pulsão, no encontro de um evento externo, com um evento pulsional. Precisa do valor

do tempo 2, o da subjetivação e da ligação com o gozo do corpo. Freud aborda a noção de *a posteriori* – só depois (*Nachträglichkeit*). Portanto, é só depois, como efeito retroativo, que um segundo acontecimento vem associar-se a esse primeiro, que ele surge como trauma. O trauma em Freud é uma produção subjetiva e está articulado ao processo sintomático.

Brousse (2014) aponta que é preciso um significante que diz do ser do sujeito sob a forma de um enigma. “Um acontecimento pode se tornar traumático cada vez que não consegue inscrever-se na ordem simbólica da qual o sujeito dispõe... É isso que dá ao acontecimento um estatuto de real. Não é um fato que o faz real, não se sabe muito bem o que é um fato, porque o fato já é uma interpretação. O que é real é a impossibilidade de uma inscrição qualquer dentro do ordenamento do sujeito.” p.32. Para que o evento se torne traumático para o sujeito é que o Outro não respondeu, falta a resposta presente caracterizado por um elemento de surpresa e de estranheza. Com isso, é preciso ouvir cada paciente para saber como a pandemia ressoou e afetou cada falasser. Como por exemplo, uma paciente da área da saúde que acompanhou o pai na U.T.I. com covid. “Foi uma imagem horrível, o sangue saía por todos os furos do corpo, mas o que mais marcou foi eu estar só, sem ninguém pra dividir a angústia e a dor. Aquele corpo não era meu pai, meu pai era forte e bonito”.

A pandemia convocou a invenção, como cada um vai se virar com esse real. O discurso do capitalismo coloca objetos para tamponar o vazio, promove a exploração do objeto mais-de-gozar. Horne (2006) enfatiza que esses objetos de gozo não são causa de desejo, pois não há o Outro barrado e não implica o amor. Nesses objetos, o eixo e o gozo se diferenciam do objeto *a*, pois o objeto *a* é uma parte do corpo, vem do corpo e não é fabricado. Os *gadgets* são objetos fora do corpo, prolongamento dele e funcionam como órgãos suplementares, uma extensão de si mesmo. São objetos da indústria que conferem o ser ao sujeito e tamponam sua falta constitutiva. Lacan (1972-1973/1998), no *Seminário 20*, afirma que o gozo não é signo de amor. No discurso capitalista há uma falta de amor. Horne enfatiza que na falta do amor, está presente a forclusão do Nome-do-Pai. Não há um lugar vazio, pois há uma ordem de ferro que substitui essa função. Goza!

O objeto *a* é o lugar dos objetos preciosos que o sujeito deseja e busca, segundo Romildo (2021) e que permite alcançar o amor. Amor relaciona-se com a falta, com o objeto perdido que o sujeito quer reencontrar. “O objeto é a causa do desejo porque funda a falta que está na raiz do desejo. O objeto, então, e sua falta estrutural, é também o que permite que o desejo esteja sempre em movimento.” No amor há o engano, porque esconde o objeto *a* como desejo. Buscar na parceria amorosa, sem ser pela via da complementariedade, pois sabemos que a relação sexual não existe, permite uma relação possível pela mediação do amor entre gozo e o desejo. Outro paciente, durante a pandemia só sabia fumar maconha e beber. “O bom é ficar chapado, jogar e beber”. Numa intervenção perguntei: “Onde ficam as garotas?” Ele entra para o aplicativo de relacionamento. “Fui sem expectativa. Não era para me apaixonar”. Eles começam um namoro o que permite ele sair da posição anestesiada. “Agora estou vivo, diz”.

Na relação com o analista, o amor pelo saber, o paciente vai falar da sua história, das marcas traumáticas para inventar uma saída e poder lidar com os obstáculos e desafios da vida, sem se entregar a pulsão de morte para o enfrentamento desse real em jogo. Viera: “Não

podemos nos perder do que nos move, o desejo... O Outro da angústia é imaginado por Lacan como um Louva-a-Deus gigante. Que queres de mim? ... Ora, é exatamente nessa indeterminação do desejo do Outro que reside a possibilidade de interpretarmos nosso próprio desejo: O que estou fazendo de minha vida?.. Dependendo do modo como respondemos, em ato, à questão do desejo, abre-se a potência de um novo destino.” Desejo e amor andam lado a lado. O amor abre para a possibilidade de invenção. Se reinventar para que passemos do campo do gozo para o desejo.

REFERÊNCIAS:

BARROS, R. Revalorizar el amor. X Enapol, 2021.

Disponível em: <http://x-enapol.org/blog/portfolio-items/revalorizar-el-amor/?fbclid=IwAR0Y-pWwq7MKcHhF2m1Ho-ZM48m-GEL34F6esjhEgGjNbbRkOG4D3VHP6fMQ>

BROUSSE, M-H. Ressonâncias do trauma. **Agente**. Revista Brasileira de Psicanálise- BA. 2014.

CONSENZA, D. El virus analítico en el tiempo del confinamiento y del post-confinamiento. 20/05/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7K9qFZtTylQ>

HORNE, B. La dirección de la cura en los síntomas contemporáneos. **Psicoanálisis e Hipermodernidad**. Colección Mundo Psicoanalítico. Buenos Aires, Ed. Pomaire, nº 6, 23 de junio de 2006, p.129-148.

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAURENT, É. O Outro que não existe e seus comitês científicos. Correio express. Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise. 28 de Março, 2020.

MILLER, J-A. El culto de lo nuevo. Em: **El Otro que no existe y sus comités de ética** (2005-2006). En colaboración de Éric Laurent. 1ª. Ed. Buenos Aires: Paidós, 2005, p.325-344.

VIERA, M. A. Notas sobre o desejo e o isolamento. Correio express. Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise. 20 de abril, 2020.

DESATINOS. O QUE É HUMANIDADE?

Regina Cheli Prati - Participante da SLO

Durante a pandemia passei a assistir no Youtube episódios do canal Operação Policial, dirigidos por Ribeiro e Albuquerque (2021) e produzidos pela Medialand. Entre os casos tratados pelo canal está o de Elize Matsunaga, uma jovem mulher que mata e esquarteja seu marido em seguida à descoberta de que ele mantinha um relacionamento extraconjugal. Este tipo de acontecimento costuma ser designados como um episódio em que há perda da humanidade. Mas o que é humanidade e o que quer dizer perde-la?

Parece contraditório que civilizados matem, esquartejem, desterrem pessoas, façam passar fome, sede, frio, construam campos de trabalho forçado, câmaras de gás, sistemas de crenças que proíbam casamentos entre vizinhos e pratiquem atos cruéis e brutais.

Um texto me vem à memória:

Os animais selvagens (...) não tem o menor instinto sanguinário que os leve a matar e a esquartejar seus semelhantes. Mesmo quando se trata de uma luta pela liderança da manada ou bando, geralmente a luta se esgota em pouco tempo e o que predomina é mais a demonstração de força, o 'parecer', do que a matança. O vencido se retira e não volta para se vingar. O animal só mata sua presa para usá-la como alimento e para quando está saciado. Nada disso ocorre quando o ser falante, humano, dizima seu adversário. A sanha com que ele se entrega a crueldades, fuzilamentos, esquartejamentos, violações, 'limpezas étnicas', saques, torturas, incêndios, etc. nada tem a ver com o 'baixo instinto' animal ou parente do animal (FERNÁNDEZ, 2004, p. 13-14).

A razão, porção iluminada da subjetividade, não impede os atos descritos. A tese de Arendt (1999) sobre a "banalidade do mal" nos demonstra que Eichmann agiu com racionalidade no exercício de suas atividades e, o que não dizer de quem planejou os campos de concentração e as várias formas de assassinato dos judeus, inclusive, a solução final?

Retomando a maquinaria da constituição do sujeito fica evidente que sua unidade é

uma ficção. Os nossos atos mais decisivos não são determinados pela razão e sim pelo libidinal. Nesse sentido, o falo – significante privilegiado pela psicanálise – em torno do qual circula toda uma erótica, localiza o que é designado como gozo fálico, um dos modos de satisfação passíveis de nomeação.

Além dele, outros gozos foram reconhecidos por Lacan: o gozo do sentido, encontrado na significação, e o mais-de-gozar que está na base do consumo dos objetos produzidos pela indústria e pela cultura que visam preencher a falta do sujeito, mas que só o fazem por um instante.

Estes modos de gozo – regulados pelo simbólico e pelo imaginário – são distintos de um gozo que escapa a essa regulação e por isso é percebido como estranho, invasivo. Esse gozo que habita a todos (homens e mulheres) é dito *feminino* ou *do Outro* (do grego *héteros* - diferente) por não ser localizável e não estar sob a tutela do simbólico e do imaginário. Aqui o aforisma lacaniano *A mulher* não existe ganha seu sentido. Para Lacan não existe *A mulher*, pois ela não é representável simbolicamente.

Situadas do lado de um real sem lei, diferente do real da natureza que tem leis precisas que podem ser decifradas (vide o Coronavírus), elas são, de acordo com Miller (2010a), inimigas da civilização e recordam aos homens que seus interesses se originam em afetações.

Contudo, se *A mulher* não existe, há conforme Miller (2010b), a “verdadeira mulher” e, os fenômenos de fúria, ódio, vingança e êxtase, são manifestações desse gozo *feminino*. Para Lacan, diz Miller (ibid.), o verdadeiro em uma mulher, é medido por sua distância da posição da mãe e, para exemplificar o ato de uma “verdadeira mulher”, ele utiliza-se de Medéia. Diz o autor,

Medéia havia feito tudo por seu homem, Jasão. Havia traído seu pai, seu país, (...) por isso, (...) vivia no exílio em Corinto, junto ao marido e aos filhos. (...) Ela tratava de consentir com tudo o que Jasão queria. Não havia nenhuma desavença, era esposa e mãe perfeita. Talvez um pouco delinquente, um pouco bruxa, (...), mas perfeita como esposa e mãe. Então Jasão lhe anuncia que quer se casar com outra, a filha de Creonte. (...) É um ultraje. Ela passa pelo que poderíamos chamar (...) um momento de depressão. Em suas palavras, perdeu a alegria de viver, está tomada pelo pranto (...). Entretanto Jasão lhe diz lindas palavras, dá explicações, lhe assegura quanto às suas boas intenções, lhe promete se encarregar dos filhos, pagar seus gastos... Mas ela recusa suas ofertas porque, (...), já está em uma zona onde o ter não tem nenhum valor se lhe falta esse homem. (...) Não se propõe matar o infiel, o que seria demasiadamente simples, mas matar o que ele tenha de mais precioso, ou seja, sua nova mulher e seus próprios filhos. (...) Em Eurípedes (...) Medeia é apresentada como uma mãe que

ama profundamente seus filhos. Fala com encanto de como eram, do que esperava deles, como se fossem estar com ela até sua morte e acompanhar seu enterro. Agora, porém, está preparada para matá-los – (...) - e o faz. Mata seus próprios filhos, que são também de Jasão, o que permite dizer que o que há de mulher nela supera o que há de mãe. (...) Ela constitui o exemplo radical do que significa ser mulher mais além do que mãe. Com esse ato, sai de sua depressão. Ela está toda nesse ato, a partir do qual todas as palavras são inúteis, saindo decididamente do registro do significante. (MILLER, 2010b, 7-8).

Assim, a “verdadeira mulher” explora uma zona desconhecida que ultrapassa limites e nos dá um exemplo do que há de obscuro e extraviado em nós. O que Medéia faz, diz Miller (ibid.), o faz em consequência da sua relação com Jasão. Dessa forma, é a presença desse gozo *feminino* ou gozo do *Outro* que explica os atos de Elize e outros tantos desatinos humanos. Penso que é a presença desse estranho gozo que pode ser denominado como perda da humanidade. Aliás, perder a humanidade, embora genuinamente humano, é o que esta para além do sentido.

REFERÊNCIAS:

- ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FERNÁNDEZ, C. G. G. A Psicanálise na Cultura: Do culto à razão ao poder dos impossíveis. In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org). **Guerras e Imigrações**. Editora da UFMS: Campo Grande-MS, 2004. Cap. 1, p. xxx-xxx.
- MILLER, J-A. Mulheres e Semblantes I. In: **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 1, Número 1, Março, 2010a. ISSN 2177-2673. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_i.pdf. Acesso em 15 jul. 2021. p. 1-16.
- MILLER, J-A. Mulheres e Semblantes II. In: **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 1, Número 1, Março, 2010b. ISSN 2177-2673. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/mulheres_e_semlantes_ii.pdf. Acesso em 15 jul. 2021. p. 1-25.
- RIBEIRO, B. e ALBUQUERQUE, C. **Operação Policial: Elize Matsunaga – O que realmente aconteceu – Investigação criminal**. [s.l.]. Medialand. 09 jul. 2021. 1 vídeo (44:30 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/c/OPOpera%C3%A7%C3%A3oPolicial/search?query=Elize%20matsunaga>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SOBRE O AMOR DE TRANSFERÊNCIA NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19

Flávia Mendes Vital - Participante da SLO

Precisemos a frase de Lacan dizendo que, se é verdade que a psicanálise não inventou uma nova perversão, talvez seja porque inventou um novo amor. O que Freud inventou foi um novo tipo de Outro ao qual dirigir o amor: um novo Outro que fornece novas respostas ao amor e, talvez, respostas mais adequadas do que aquelas que se encontram na vida cotidiana (Miller, 2010, p.03).

Ouvimos desde o primeiro instante em psicanálise que a transferência é sua mola propulsora, foi nos “Estudos sobre a Histeria” que Freud empregou pela primeira vez o termo transferência (Übertragung, no alemão original). Nesta época, ainda entendida como um processo resistencial, chamada por Freud nesse texto como “o pior obstáculo que podemos encontrar”, consistindo em um falso enlace que impedia o conteúdo sexual infantil da neurose de ascender à consciência.

No entanto, Freud continuou avançando em sua elaboração e vivências clínicas para nos trazer uma importante virada do conceito de transferência ao apresentar o epílogo de seu caso clínico Dora. Sendo agora compreendida como o investimento libidinal posto pelo paciente no analista em decorrência da própria situação analítica. Freud conclui que o analista é suposto pelo paciente como o lugar confiável para a projeção de seus afetos inconscientes, ocupando assim, posição privilegiada para o manejo e destino destes afetos.

Em “A dinâmica da transferência”, Freud ([1912] 2010) estende a influência da transferência no tratamento e esclarece que, além de resistência, a transferência é uma ferramenta fundamental no manejo do analista. Portanto, a relação transferencial configura-se benéfica ao avanço do tratamento e é considerada um elemento essencial para o sucesso de “cura da neurose”.

Cabe destacar que Freud identifica a transferência como fundação para todos os tipos de relacionamentos humanos. Todavia, é apenas na situação analítica que é possível implicar ao analista uma escuta suportando seu lugar e, então, instaurar através dessa relação transferencial “uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma para a outra (FREUD, [1912] 2010, p. 206)”.

Assim, Freud nos dá notícias de um encontro com algo doloroso, de caráter repetitivo, mas também vivificante, que se estabelece na relação transferencial com o analista, a resultante do encontro entre analista e analisante inaugura uma visão do mundo a partir de um outro ponto de vista. Através da transferência no desenvolvimento de uma análise podemos nos dar conta da beleza, da dor e do sofrimento nos diversos cenários de uma vida.

A experiência analítica revela os paradoxos da existência, explora a força dos fenômenos humanos e propicia a envergadura necessária para suportar a tensão entre o sujeito e o outro. Analista e analisante trabalham pela invenção de algo que torne o existir menos monótono. Uma operação que ocorre pela via do amor e que torna possível ao paciente encontrar formas de enfrentamento diante do real, gritante e escancarado pela pandemia. O amor veiculado pela função materna insere o ser falante no mundo e o analista nos desdobramentos de uma análise torna viável a permanência desse ser no mundo.

Esse estado de coisas estabelecido pela Covid-19 trouxe os medos mais guardados à tona e expôs feridas narcísicas. Verdades incômodas: Somos todos mortais, vulneráveis e estamos de algum modo, enlaçados uns aos outros. Quer apreciemos isso, ou não. A pandemia toca um ponto do nosso desamparo essencial. E convoca o pensar a própria morte, a morte do outro amado e “aquilo” que de nós se perde quando alguém morre.

“Sobrefervescente”?

O impacto da Covid sobre seu corpo tomou 80% dos seus pulmões e quase todo o seu fôlego, o frio da UTI a flor da pele a inundou de pensamentos aterradores, a morte estava nos arredores, ela estava em queda livre e no escuro, mas não podia chorar, porque se o fizesse o ar já escasso, faltaria completamente. Pensou que não podia morrer, que seus filhos pequenos precisavam dela. Apesar da baixa saturação e por contingências desconhecidas não passou pelo procedimento de intubação. Foram dias de dor, solidão, luta e desejo pela vida. Na ida para o quarto do hospital vê sua imagem refletida no espelho, depara-se com um enorme estranhamento de si. Há marcas no corpo e para além dele.

O tratamento das sequelas se inicia, é difícil dormir, engolir e caminhar. A tosse e as dores persistem. O cabelo cai e as vontades arrefecem. Diz a analista que a acompanha há mais de uma década que não consegue voltar as sessões, pois naquele momento lhe era impossível dizer. Acreditava que seu inconsciente a havia abandonado. Havia um bloqueio no caminho dos seus sonhos. Uma aridez simbólica inédita.

Experimentava uma sensação de alívio por não estar morta, mas também a insistente ideia de que esse fato era meramente temporário. A morte sempre te alcança. E o que pode uma análise diante disso? Como produzir desejo para o trabalho analítico quando a morte parece à espreita? Certamente, muito mais do que as sequelas físicas em tratamento essa era a questão que a afetava de forma mais importante.

Segundo Lacan:

A formação do psicanalista exige que ele saiba, no processo em que conduz seu paciente, em torno do quê o movimento gira. Ele deve saber, a ele deve ser transmitido, e numa experiência, aquilo de que ele retorna. Esse ponto-eixo é o que eu designo - de um modo que, penso, lhes parece já suficientemente motivado, mas que, espero, à medida do nosso progresso, lhes parecerá cada vez mais claro, cada vez mais necessário -, é o que designo pelo nome de desejo do psicanalista. (Lacan, 1964/1979, p. 218-219).

Lacan (1985[1964]) no Seminário 11 utilizou o termo presença do analista para colocar o psicanalista no campo de uma função, ampliando a sua presença para além da presença física, firmando que se trata de uma presença simbólica que testemunha e viabiliza a presentificação do inconsciente do sujeito. Por isso mesmo, a presença do analista é de fundamental importância para o estabelecimento de um vínculo que possa atestar o valor do conceito de transferência. Essa presença é peculiar, pois não é uma presença como outra qualquer, mas deve ser incluída no conceito de inconsciente. Uma vez que a transferência é a atualização da realidade do inconsciente (Lacan, p.139 e 142).

No campo do amor, estamos em situação enigmática se considerarmos que Lacan (1959-1960/1991, p. 228) nos diz que “é uma questão muito diferente a de saber o que significa num encontro a resposta, não da beneficência, mas do amor”. Em sua “Nota italiana”, Lacan fala de “um amor mais digno do que a profusão do palavrório que ele se constitui até hoje”, como exigência para um tipo de analista que não esteja gozando de sua posição de saber. Visto que o ser humano é, antes de tudo, um ser falante, e que o gozo fálico é, ele próprio, equivalente ao gozo da palavra, o “blá-blá-blá” nomeado por Lacan, o analista deve renunciar a ele. Trata-se de um amor que interroga o ser falante, um amor mais digno e esclarecido pelo real na medida em que fala o que importa e que reconhece a alteridade do outro desejante.

A posição do analista como causa de desejo é a condição necessária para dar consistência ao discurso, este convida o analisante a falar e aventurar-se pelas veredas da associação livre. “Neste convite, a presença do analista procura assegurar ao analisante que tomar a palavra não será em vão, que algo se associará e algum saber será elaborado” (Batista; Rocha, 2013). Entretanto, Lacan enfatiza a disparidade de posições na situação analítica mostrando que ao manter o enigma do seu desejo, o analista permite que a função do desejo possa se manifestar.

Nessa medida, o desejo da analista ressoa e produz sessões novamente, sua voz traz uma ardência que convida a viver, propõe a apostar na vida enquanto a morte não chega. Os sonhos, então, voltam a se apresentar. Após a ruptura traumática sem precedentes instaura-se algo novo a partir do amor. Uma efervescência surge. Ocorre a transmutação do significante sobrevivente para um outro:

“Sobrefervescente”. Ele marca que o frio da UTI ficou para trás e que no desejo pela vida não vale a pena demorar-se em arrefecimentos.

Enquanto vida houver, uma análise ensinará descobertas, encontros e invenções e será campo fértil de articulação para os muitos nomes do amor.

REFERÊNCIAS:

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). Estudos Sobre a Histeria. In: FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

FREUD, S. (1912). A Dinâmica da Transferência. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, 129-143. (Edição Standard Brasileira, Vol. XII).

FREUD, S. (1915) Observações Sobre o Amor Transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p 205-223 (Edição Standard Brasileira, Vol XII).

LAURENT, E. Lacan Analisante, Opção Lacaniana Online Nova Série Ano 1. Número 3. Nov/2010. 7p. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_3/Lacan_analisante.pdf. Acesso em 21/07/2021.

MILLER, J. Uma Conversa Sobre o Amor. Opção Lacaniana Online nova série Ano 1. Número 2. Jul/ 2010. 32 p. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf. Acesso em 22/07/2021.

LACAN, J. O Conceito de Análise. O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 311-327.

LACAN, J. Sobre o Narcisismo. O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 128-139.

LACAN, J. (1995) O Seminário, Livro 8: A Transferência [1960-61]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. (1979). O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1964). P. 218- 219.

(1974). Nota Italiana In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.311-315.

GALLO, J. Um Amor Mais Digno. Stylus (Rio de Janeiro). N 31, Out/ 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676157X2015000200002. Acesso em 22/07/2021.

Batista, G.; Rocha, G. A presença do analista no Hospital Geral e o manejo da transferência em situação de urgência subjetiva. Rev. SBPH vol.16 n 02(Rio de Janeiro). Dez/2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000200003. Acesso em 20/07/2021.

ME MANDA O LINK

Luana Santos Silva - Participante da SLO

Em tempos de pandemia, o on-line se impôs. “Esta obrigou o tratamento analítico a recorrer à tela do celular ou do computador para que a palavra pudesse circular e não ser estancada”,¹ afirmam Cristiano Pimenta e Denizyê Zacharias, convidando-nos a pensar sobre o amor na experiência analítica.

“Me manda o link”, tal frase foi dita por algumas crianças quando a analista lhes propôs atendimento pela internet na ocasião em que um lockdown foi decretado em Campo Grande, MS devido ao aumento de casos de Covid-19. Essas crianças, tendo passado meses assistindo aulas virtuais, mostraram-se, então, familiarizadas ao funcionamento da vida, mediados pelas telas.

Link: palavra usada para designar o endereço virtual da sala de reunião, também significa ligação, relação. Ou seja, a analista escuta esta frase como uma confirmação de que ali havia uma transferência analítica instalada, havia um amor. “Transferência é amor”, diz Lacan, no Seminário 11.² Assim, a criança coloca-se à disposição para a continuidade do trabalho analítico.

“Na relação paciente-analista, o paciente realiza o trabalho. É ele quem produz, entregando o material ao analista, a este cabendo recebê-lo, escutá-lo e, quando possível, interpretá-lo, intervindo enquanto Outro”.³

Não há psicanálise infantil, pois toda psicanálise trata do sujeito do inconsciente, “a estrutura, o significante e a relação com o Outro não concernem de maneira diferente à criança e ao adulto” (LEFORT: 1991)⁴ mas existem algumas particularidades, como a de que ela vem sempre falada pelo Outro. Convém lembrar que as crianças chegam ao consultório, em sua maioria, trazidas pelos seus pais ou responsáveis, com uma demanda, uma queixa num primeiro momento proveniente também destes. Cabe ao analista, de acordo com Sarmento (2002)⁵, não tomar esta demanda inicial como verdade e transformar o que foi dito na demanda da própria criança.

O consentimento ao atendimento virtual foi escutado como uma declaração de que esses sujeitos estavam ali por eles e não apenas “levados” ao tratamento.

“A transferência, com a possibilidade de interpretação, favorece o tratamento da criança abrindo espaço para ela construir o seu próprio sintoma, separado do sintoma do pai, da mãe

1 PIMENTA, C. e ZACHARIAS, D. Eixo II: O amor na experiência psicanalítica texto de argumentação da II Jornadas EBP Seção-LO O amor nos tempos de cólera. Disponível em: . Acesso em: 23 jul. 2021.

ou do par parental.”⁶

O pedido do link é a possibilidade de continuidade do laço transferencial em tempos de distanciamento social. Dispostos e abertos a isso, demonstrando que têm algo a dizer, esses analisantes dirigem um amor ao saber.

Quando a criança chega ao analista a sua posição, assim como a de qualquer sujeito, é a de nada querer saber (paixão da ignorância). A partir do momento em que o analista passa a ser chamado no ponto de suposição, o amor de transferência receberá suas coordenadas, permitindo a passagem do horror ao saber para o amor ao saber.⁷

Os atendimentos on-line só poderiam também ser sustentados sob transferência da própria criança e não apenas sob a de seus pais, uma vez que por este meio os pacientes precisavam permanecer diante da tela para a sessão acontecer, ou seja, necessitavam estar on-line, na linha, conectados, enlaçados.

É verdade que caso desejassem poderiam desligar chamada, sair, esconderem-se, desconectarem-se. Contudo, à sua maneira, permaneceram, falaram e reinventaram os atendimentos, criando novas brincadeiras, reestruturando as formas de jogar os jogos do consultório, colocando seus corpos em cena, seus brinquedos, até mesmo sua casa. Ensinaram a analista sobre as funções do aplicativo usado, compartilharam imagens, vídeos.

Do outro lado da tela, a analista também teve que sustentar essa nova experiência, seguindo a ética da psicanálise, devolvendo a palavra à criança para que ela possa falar de seu sofrimento, de seu sintoma, conforme diz Rocha,⁸ a qual ainda afirma “A criança fala e ficará ao encargo da analista escutar”. Assim, a analista os escutou, não ignorando que se a transferência como conceito dirige o modo de tratar os pacientes, inversamente, o modo de tratá-los também comanda conceito, conforme diz Lacan (1998).⁹

A análise de forma virtual, principalmente com crianças ainda é uma experiência nova, experiência que inicialmente fez a analista questionar suas possibilidades, dado que o brincar nas sessões presenciais fazia esses analisantes falarem. Como fazer isso acontecer com uma tela no meio? Até o momento é possível dizer que isso aconteceu porque foi dada voz a eles foi por meio do amor de transferência: a aposta foi feita com o convite, o pedido aceito: “Me manda o link”. Logo, a conexão se estabeleceu.

6 SIMÕES, M. V Op. cit. p. 7

7 SARMENTO, M. F. C Op. cit. p 38

8 ROCHA, I. S. A. O tempo e o objeto na clínica psicanalítica com crianças Belo Horizonte: Scriptum, 2019.

9 LACAN, J. Op. cit. p. 120



MESAS SIMULTÂNEAS

SALA A - MESA 02
AMOR E ARTE

AQUELE QUE É DIGNO DE SER AMADO

Henrique Alves Lopes - Participante da SLO

Aquele que é digno de ser amado é o primeiro romance do escritor marroquino Abdellah Taia publicado no Brasil. O livro toma a forma de quatro cartas, escritas pelo e para o personagem principal, Ahmed, um homossexual marroquino de 40 anos residente em Paris. O presente trabalho comentará as duas cartas por ele redigidas, sendo a primeira endereçada à mãe Malika, morta faz cinco anos, e a outra ao amante francês, Emmanuel, que conheceu em Marrocos aos 17 anos e com quem partiu para França.

Batizei meu trabalho com o mesmo título deste romance epistolar que me proponho comentar, pois ele conserva dois termos da fórmula lacaniana proposta em Nota italiana: “fazer o amor mais *digno* que a profusão do palavrório que ele constitui” (LACAN, 2003, pg. 315). Assim, seguindo o fio investigativo feito por Oscar Ventura na conferência “O Amor. sempre Outro”, pode-se dizer que o amor mais digno seria aquele mais além do Édipo (VENTURA, 2021). Logo, menos ancorado nos relatos de amor advindos das identificações do Outro do significante, mais ancorado no que ressoa de um corpo, lalingua de cada Um. Diante disso, me coloquei a questão: qual dignidade poderia advir ao amor de Ahmed, personagem do romance?

“Você morreu em 2010. E desde então nunca estive tão viva” (TAIA, 2018, pg. 8), tal frase é encontrada logo no início da primeira carta, na qual nos é dado a saber o prolongamento da mãe na subjetividade do filho. Ahmed a descreve como “desafiadora até o fim, os olhos duros, ditadora assumida.” (TAIA, 2018, pg. 7). Uma mãe que não escondia do restante da casa o “espetáculo da sua sexualidade transbordante”, que não pranteou o marido em sua morte e não deixou que dele os filhos se lembrassem. Para Ahmed, o pai era escravo do sexo dessa mulher, pois tudo se resumia em apenas um “um nome, o seu. Malika. A rainha. (TAIA, 2018, pg. 9)”. O que corrobora com a chave lacaniana para interpretação da homossexualidade masculina, ou seja, quando é a mãe quem dita a lei ao pai. (LACAN, pg. 2015).

É com o amargor de narrar tais recordações que Ahmed formula sua questão: “o que fazer para me libertar disso que me puxa sem cessar ao teu corpo? (TAIA, 2018, pg. 35)”. Dificuldade da qual os analistas sabem muito bem. Uma vez um filho que vem à luz, o destino que ele guarda é ter que, pelo restante da vida, novamente dessa mãe se parir. É assim que, n’O *avesso da psicanálise*, numa tentativa de prescindir um pouco mais do pai, Lacan não recua da mãe. Define o desejo dela como algo que nunca nos é indiferente, “carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso.” (LACAN, 1992, pg. 105).

Erigido falo materno, salvo de um aborto por ser menino, Ahmed vê-se caído desse lugar ao irromper sua sexualidade desviante, socialmente criminalizada em sua pátria de origem. Passa a infância à sombra do irmão mais velho, até que em sua errância migratória se depara com Emmanuel, distinto francês. Ahmed escapa dos dentes maternos para sucumbir aos dentes deste homem mais velho. O parceiro o elege, lhe paga seus estudos, lhe inculca a língua francesa e o insere na culta vida literária parisiense. Proporciona-lhe uma ascensão social à custa de que Ahmed deixasse suas raízes culturais, seu sotaque, mudasse até mesmo de nome, optando por um que fosse mais palatável para seus “novos amigos franceses”. Anos depois declara que não imaginara no primeiro dia que o conhecera, “até que ponto a sua ditadura natural esmagaria tudo em mim. Por sua causa, eu me tornei outro. Eu não sou mais eu hoje em dia. Eu sou quem?” (TAIA, 2018, pg. 89). É assim que, “adaptado, cortado, massacrado”, estes são os significantes-mestres que gravitam em torno de sua posição de objeto, “a tudo que você dizia, eu respondia a mesma coisa: Sim.” (TAIA, 2018, pg. 91). Aqui, é evidente o amor em sua vertente de repetição. Ahmed é para ambos, Malika e Emanuel, um falo imaginário, um sujeito subserviente. Nisto reside sua indignidade.

Aludindo ao clássico aforismo lacaniano “somente o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo” (Lacan, 2005, pg. 197), Bernardino Horne (2021) elucida que o amor de que se trata que poderia mutar gozo em desejo é o amor de transferência. É a aposta de que do bom encontro com um analista o sujeito possa aceder à uma dignidade na experiência amorosa, definida por Fanwaks (2020, pg. 31) como “um amor depurado de sua parte de gozo, amor em que se obteria a redução da parte indigna do gozo que o fantasma assegurava.”

Ahmed, por sua vez, não teve a sorte desse bom encontro. Seu psiquiatra ocupava antes o lugar de mestre que de analista, pois só vinha lhe “recitar lições que decorou nos livros de S. Freud e J. Lacan” (TAIA, 2018, pg. 36), o que mantivera intacta sua posição de *Nada querer saber sobre isso*. Ahmed permanece assim, vítima do amor. Na carta de despedida dirigida à Emanuel em 2005 ele aspira uma liberdade que nunca alcançará, como se nota em sua carta-lamento dirigida à mãe 10 anos depois.

Mas diante da impotência das palavras em cernir o real, o autor enuncia na boca de seu personagem uma solução que talvez lhe seja própria, a de “nuançar suas palavras, e pôr nelas alguma coisa do que elas no fundo são, da primeira terra onde aprenderam tudo na vida.” (TAIA, 2018, pg. 37). Ao gemido agonizante de Ahmed que diz “A salvação não está em lugar nenhum.” (TAIA, 2018, pg. 36), poderíamos com Miller (2010) propor que, pelo contrário, há salvação pela via dos dejetos, a partir dos quais se poderia construir “nas bordas desse objeto uma obra de linguagem” (MILLER apud VENTURA, 2021, pg. 50). Dar dignidade aos restos que ressoam no corpo, é o que faz o romancista quando deita no papel a seguinte sentença: “Encontrei outro trabalho. Outro projeto. Outra língua. Vou voltar à minha primeira solidão, onde, espero, eu poderei reconciliar com o meu primeiro mundo.” (TAIA, 2018, pg. 105).

Sabe-se que uma coisa é o drama que se narra, outra é aquilo que dessa história se deixa ler por estar escrito, ainda que de forma opaca. No litoral onde vida e obra não se discernem tão facilmente, nota-se que como Ahmed, Abdallah, seu criador, também é um homossexual marroquino radicado na França envolvido com o mundo das letras. No entanto, lá onde

Ahmed, o personagem, fracassa, Abdellah Taia, o autor, tem êxito. Pois, no ponto em que o personagem sucumbe às rememorações, o escritor inventa um saber-fazer com a letra, seu jeito de estar aí no mundo.

REFERÊNCIAS:

- FAJNWAKS, F. El nuevo amor: Outro amor. **Punto de fuga**, revista digital de psicoanálisis de la sección clínica de Madrid (NU-CEP). Nº 5, pp. 29-32, mayo, 2020.
- HORNE, B. A psicanálise é uma cura pelo amor. **Lacan XXI**, revista FAPOL online. Vol. 10, pp. 17-21, maio, 2021.
- LACAN, J. **O Seminário. Livro 10. A angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- LACAN, Jacques. Nota italiana. In: LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003, p. 311-315.
- LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 17. O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.
- LACAN, Jacques. **O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- MILER, J.A. A salvação pelos dejetos. **Revista Correio**, São Paulo, nº 67, dez. 2010, pg. 27-29.
- TAIA, A. **Aquele que é digno de ser amado**. São Paulo: Editora Nós, 2018.
- VENTURA, O. O Amor. sempre Outro. In: ALVARENGA, E; MACÊDO, L. (Orgs.), **Mutações do laço social. O novo nas parcerias**. Belo Horizonte: EBP, 2021, p. 47-64.

DIADORIM

– NEBLINA E CLARÃO – (EFEITOS DE UMA CONVERSAÇÃO)

Helen da Costa Guerra - Participante da SLO

“Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe!”¹

Após a experiência de leitura solitária de Grande Sertão: Veredas, se fez intento de conversação. A priori, uma tentativa incendiada de interpretação das identidades de gênero e orientações sexuais de Riobaldo e Diadorim. A posteriori, o inevitável desgaste dessa empreitada binarista, refratária à magnitude da obra inesgotável. Riobaldo, menos desavisado “não sabe, não sabe, não sabe” e, se quer saber, encorpa o suceder. Com alguma licença poética, poder-se-ia localizar essa posição como equivalente ao que Lacan postulou como a “douta ignorância”² do analista, ou ao que Miller dirá sobre a abertura à contingência na formação de um analista. Desse modo, o movimento da tentativa à conversação propriamente dita, instalou-se quando houve o consentimento em descompletar o Outro e seus doutos saberes, inaugurando um outro lugar em relação à leitura da obra, ou seja, um saber servir-se da escrita de fruição, descrita por Roland Barthes:

“terminologicamente isto ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão; a distinção não será origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, reversível, o discurso será incompleto.”³

Assim, o amor-dizer, trocado de Riobaldo por Diadorim, delineia o impossível das classificações instadas nos discursos do mestre contemporâneo, bem como nos lugares de fala instaurados como defesa contra esses discursos.

1 Rosa, J.G. Grande sertão: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p.92

2 Lacan, J. (1953-54) O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

3 Barthes, R. O prazer do texto. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1987. p. 8

Grande Sertão: Veredas não se resigna à perspectiva “embrejada”⁴ pelas interpretações fálicas do leitor, que báscula entre estranheza e encantamento e que se encontra sempre em perplexidade. Onde pensa uma paragem é içado, ainda uma vez, ao sertão que “aceita todos os nomes”⁵; “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera”⁶. Lugar de silêncios e sons. No silêncio é possível ouvir o barulho de si mesmo ecoando do lado de fora, ainda que nada se diga.

*O mundo é áspero,
inconjugável às prevalências ocultas do Um.
A maciez, há quem diga, seja uma astúcia do significante.
No sertão, o que vigora é a lei das contingências irrevogáveis.
Ali, o que viceja constrói um delicado sistema de nãos – um
credo de impossíveis.
Uma vez lá, o homem carece inventar plumas simbólicas,
pequenos delírios de azul algodão.
Surpresa anunciada, lá também pode o amor.
Lua de meio-dia,
se esgueira nas sombras da solidão visitada.
Neblina lírica que entorpece o pecado e promete o proibido.
Núcleo magma onde queima irreparavelmente o que desar-
vora o homem,
ao se deparar com as sílabas ilícitas de um amor insabido ato.⁷*

Portanto, no transpassar de nossa conversação, se há uma solvência, ela se circunscreve no feminino. Lavrado por João Guimarães Rosa é Diadorim, é o sertão e é o “Liso do Sussuarão”.

Diadorim convoca Riobaldo a ter coragem para transpor os limites do inóspito do sertão e mais-além.

Tomado a partir da ex-sistência, Diadorim é o que vacila no incapturável do demônio, sendo o pacto fáustico a insistência perturbadora de Riobaldo diante da não-relação-sexual. O amor surge aí como uma saída digna, corajosa, um amor invenção, que “não desconhece o gozo e o impossível do qual é signo”⁸. O que possibilita um “amor viável e vivível”⁹.

“Direitinho declaro o que, durante todo o tempo, sempre
mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante
amizade. Eu não pensava em adição nenhuma, de pior pro-

4 Rosa, J.G. Grande sertão: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 128

5 Rosa, J.G. Grande sertão: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 399

6 Rosa, J.G. Grande sertão: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 238

7 Farias, A. O Sertão. 2021.

8 Gorostiza, L. Prólogo. Em G. Rodríguez de Milano. Asas para amar. Um voo para imaginar o real. p.17

9 Gorostiza, L. Prólogo. Em G. Rodríguez de Milano. Asas para amar. Um voo para imaginar o real. p. 18

pósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente - (travessão) tentação dessa eu esparecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. Conforme, por exemplo, quando eu me lembrava daquelas mãos, do jeito como se encostavam em meu rosto, quando ele cortou meu cabelo. Sempre. Do Demo: Digo?"¹⁰

Dessa maneira, Riobaldo nos mostra um amor ao corpo vivo, nos conta sobre o que Diadorim repercute como voragem no corpo e também apaziguamento no dizer de amor.

* Participaram dessa conversa Amanda Soares de Vargas, Aparecida Andrade de Lima, Ary Farias, Carla Serles, Letícia Rosa, Márcia Cristina de Campos e Ricardo Rezende

¹⁰ Rosa, J.G. Grande sertão: Veredas. 21. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p.129

SALOMÉ, O HORROR NO AMOR: UMA INVESTIGAÇÃO DO REAL NO AMOR A PARTIR DA ÓPERA SALOMÉ DE RICHARD STRAUSS

Anna Rogéria Nascimento de Oliveira - Participante da SLO

“Desde a primeira lição do seu seminário 21, Lacan faz objeção à concepção do amor como conhecimento. Amor não é conhecimento, é acontecimento, (...)”¹. Como aparece no argumento e igualmente no comentário sobre o III EIXO desta jornada, o amor não é algo sem consequências para o falasser. “Atenção e muito cuidado na passagem pelo labirinto do amor, um novelo de lã em mão pode ser indicado.”². Nessa orientação sobre um certo perigo que tece seu novelo no amor, proponho como objetivo neste trabalho, mostrar um “pedaço” do amor a partir do encontro contingente da personagem Salomé, (ópera de Richard Strauss) com João Batista. Apesar da trama da história claramente levar para o aspecto da erotomania de Salomé, este não é o caminho que tento explorar nesta investigação. Aqui escolhi explorar o momento que Salomé faz o encontro com o real pela voz de João Batista. Uma contingência que desperta o corpo de seu torpor e neste movimento em direção a satisfação produz consequências para todos implicados no momento. Este é o escândalo do amor que não apresenta limite em sua força de real. Ópera faz ressoar no corpo o desenrolar da história cantada pelos personagens. Salomé se apaixona e faz de sua vida uma orientação para a solidão e a morte. Um enlace do amor e a pulsão que fora da alienação no Outro, se abre à contingência, e desta maneira propõe a invenção, um fazer algo com a modalidade singular do gozar de cada um (Rodrigues de Milano, G., 2019). A história da ópera: está acontecendo a festa de aniversário de Herodes, Salomé entediada e incomodada por ser olhada de maneira inadequada pelo marido de sua mãe, Herodes, sai da festa e vai para fora do palácio. Ela olha a lua. Ouve com estranhamento a voz de João Batista. Exige que o soldado o traga. Uma excitação na música dá o tom da cena. Interessante observar que esta ópera não tem prelúdio como as duas outras óperas anteriores de Strauss. Não há preparação para o amor, nem para o real. Não há possibilidade de prelúdio. Vejamos então o que canta Salomé: “Apenas quero olhar para esse estranho profeta. Ah! Devo olhá-lo mais de perto”. Esse momento é de ruptura, nada mais será o mesmo. O profeta sai da cisterna. Salomé, absorta em sua contemplação, recua lentamente diante dele. “Seus olhos são o mais terrível de tudo, são como negras cavernas onde habitam dragões. Mas como está enfraquecido. Parece estátua de marfim. Com certeza é casto como a lua. Sua carne deve ser fria. Sua voz é música para meus ouvidos. Fale mais, fale mais, sua voz é música para os meus ouvidos e diga-me o que tenho que fazer.” Ao encontrar

João Batista, Salomé, que antes vivia para ser um objeto do consumo, incestuoso de Herodes, e de sua própria mãe, Herodíades, se interessa por João Batista. Sua voz a excita. Algo de uma certa serenidade invade Salomé por um curto momento, a música é mais calma e ela canta com mais delicadeza as notas musicais. Ela parece ter encontrado algo novo, no lugar do vazio de sua existência, por um instante, isso a divide. Segundo Vicente (2016) se a realidade do inconsciente, independentemente da estrutura, demonstra que a relação sexual não existe, uma resposta a esse vazio de significantes precisa, então, ser criada. Entretanto, é preciso estar atento ao fato de ser somente pela via do amor que a abertura ao Outro torna-se possível, o que leva a concluir ser o amor tecido no gozo.

A construção freudiana do amor demonstra a repetição. Lacan propõe só há gozo do Um. A questão inédita do amor formulada por Lacan vai contra a inércia do amor. Amor encarado como invenção, em primeira instância é uma elaboração muito singular, um modo de dirigir-se ao objeto pequeno *a* à partir do Outro do significante, nesse sentido é necessário um relato do amor. Mas Lacan não homologa o relato com a história de amor, em vez disso, o amor é o que faz ressonância em um corpo, dessas palavras mais além do relato. O amor inscrito mais além da repetição, único para cada Um. Não há um amor igual a outro. É quando tem a possibilidade de ser sempre Outro para cada Um. (Ventura, O. 2021). Neste sentido, aspirada pela experiência de gozo que a invade, canta Salomé: "Estou enamorada de seu corpo! Seu corpo é branco. Deixe-me tocá-lo". Ele a rejeita. Pela primeira vez em sua vida sente o horror da rejeição. "É sua boca o que desejo, sua boca é mais encarnada que as patas das pombas que habitam o templo. Deixe-me beijar sua boca." Agora ela canta para si mesma com desespero: "Quero beijar sua boca. Quero beijar sua boca. Deixe-me beijar sua boca." Nada do que ele diz faz cessar o seu gozo sem limite. "Quero beijar sua boca. Deixe-me beijar sua boca". Ela repete sem cessar. A cena é muito forte, o capitão Narraboth, apaixonado por Salomé, desesperado com o comportamento da princesa, se apunhala, caindo morto no chão. João Batista a despreza mais uma vez e diz que ela deve procurar a salvação. Salomé repete uma vez mais: "Beijarei sua boca". Para uma mulher o signo de amor é essencial. Ela busca o signo de amor no outro, às vezes mesmo o inventa (Miller, 2019). Em Salomé é no corpo que o amor se faz ler. A ópera demonstra a marcação no corpo dos efeitos do gozo experimentados por ela no encontro com o amor. A partir desse encontro contingente, por um breve momento, tem a chance de experimentar algo fora da repetição de sua vida de objeto-dejeto. Ela pôde inclusive ver o mundo que existe fora dela a partir do amor que entrega a João Batista. Entretanto a avalanche de gozo destruiu toda possibilidade de enlaçamento fora da tragédia. Diante da impossibilidade da relação sexual, poderá surgir uma solução inédita e singular, uma saída da impotência ditada pela fantasia, um amor mais digno. Não é o que acontece com Salomé. Ela insiste em que ele a complete e faz disso seu caminho para a morte.

REFERÊNCIAS:

- MILLER, J.A. Signos de amor in *Donc: la logica de la cura*. CABA: Paidós, 2019. Tradução livre.
- RODRIGUES de MILANO, G. Alas al amor-um vuelo para imaginar lo real. CABA: Grama Ediciones. P. 84-120. 2019. Tradução livre.
- STRAUSS, R. Salomé in *Coleção FOLHA Grandes Óperas*. Volume 19, São Paulo: Editora Moderna Ltda, 2011.
- VENTURA, O. O amor sempre Outro in *Mutações do laço social-o novo nas parcerias*. Trabalhos apresentados nas XXIV Jornada

EBP-MG (Fora de série) 2020. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise. 2021. P. 47-62.

VICENTE, S. Quando o ideal de amor faz sintoma in Opção Lacaniana online nova série Ano 7. Número 19. Março 2016.

“O QUE EU FIZ PARA MERECEER TANTO AMOR?”¹

Suraia Oliveira Veloso Carneiro² - Participante da SLO

“O que eu fiz para merecer tanto amor” é uma frase retirada a partir de um recorte do filme, *A Garota Dinamarquesa*, que me convoca ao trabalho da II Jornada da Seção Leste Oeste (LO), tema central é “O Amor no tempo das cóleras”. Desse modo espero contribuir com o argumento presente na frase inicial, corroborando Lacan (1961) em “Eros amor, Eros desejo”: “A eficácia que produziu como sendo a função da falta e, de modo muito patente, o retorno à função desejante do amor” (LACAN, 1961, p.120).

O filme “A garota Dinamarquesa” demonstra a marca de uma garota transsexual, que se arrisca, ou se risca da vida, a partir da significação do falo que pode ser localizada em um modo de gozo, em que parece se estender até os dias atuais, na situação analítica com pacientes que se localizam em corpo errados.

A história se passa no ano de 1926, em Copenhagen, em um tempo de várias mudanças coletivas e sociais, mas tem um ponto que marca o significante, fundamento da dimensão do simbólico, o qual só o discurso analítico nos permite isolar como tal, conforme Lacan (2008).

Ilse Elbe, ou Lili, foi a primeira mulher transsexual do mundo. Ela foi uma artista de sucesso mais conhecida como Lili Elbe Velle. Sua maior significância histórica vem do fato de ter sido uma das primeiras pessoas a se submeter a uma cirurgia de redesignação sexual, depois, no filme, chama atenção, como o discurso analítico demonstra, “Falo é a objeção de consciência, feita, por um dos dois seres sexuados, ao serviço a ser prestado ao outro” (LACAN, Seminário 20, p,14).

Do filme, extrai os seguintes fragmentos: “O que eu fiz para merecer tanto amor?”; “O que você desenha eu me torno”; “Você me fez linda, e agora, está me fazendo forte, você me dá força, Gerda”; “Me senti melhor só de ouvir o barulho do seu lápis, você sempre me retratou melhor do que eu”; “Você ouviu meu desejo, Gerda, quando ninguém mais ouvia, você ouviu”; “Eu sou realmente eu mesma”; “Ontem à noite tive um sonho mais lindo, eu sonhei que era um bebê nos braços da minha mãe, ela olhou para mim e me chamou de Lili”.

1 Filme “A garota Dinamarquesa”. Fragmentos da fala personagem Lili, história baseada em fatos reais, caso de Transsexualidade.

2 Psicanalista, participantes das atividades Seção Leste Oeste (LO)/EBP, Cartelizante.

O que prende a minha atenção nesse filme é o discurso estruturado como linguagem entre Lili e Gerda, artistas, que me faz lembrar do paradoxo do amor cortês, um dia depois de *“ser realmente quem acredita ser”*. “[...] O amor cortês é contra o casamento e se aproxima frequentemente do adúltero, mas também é contra a consumação, e, ao mesmo tempo, visa a outra coisa que é a satisfação libidinal (LEGUIL, 2020, p. 43). Assim, a relação do casal parece seguir uma satisfação libidinal, apenas.

“A fórmula de que o amor é dar o que não se tem” (LACAN, 1961, p.126) é surpreendida com o acolhimento pós-cirúrgico: “O que eu fiz para merecer tanto amor? ”. “O objeto, nomeadamente aqui o objeto feminino, se introduz pela porta muito singular da privação, da inacessibilidade” (LACAN, 1988, p.185).

A personagem transsexual perpassa muitas vezes pelo limite do seu próprio corpo, e elementos que circulam em torno do transsexual parecem apontar a divisão sexual, entre ser homem ou mulher.

A mola do nascimento do amor, se o amor é aquilo que se passa nesse objeto em direção a qual estendemos a mão pelo nosso próprio desejo, e que, quando nosso desejo faz eclodir seu incêndio, nos deixa parecer, no instante, essa resposta, essa outra mão que essa outra mão se estende para nós, bem como seu desejo (LACAN, 1961, p. 180).

O sonho é outro elemento que marca a passagem ao seu desejo. “Um órgão só é instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante”, de acordo com Lacan (1971, p.17), ou seja, algo para ser feliz. Se for possível realizar em seus sonhos e no real.

A realização do desejo, no real, talvez seja um fenômeno insuportável de lidar, um despertar. O sonho de Lili, que sua mãe chamava pelo nome social, desperta para o real. “Baseando-se no ensino de Lacan, podemos entender que, além do desejo, o que se encontra atrás do despertar é o real: eis aí o que perturba” (BERTRAN, 2020, p. 31).

Ao falar sobre um sonho lindo, quando era bebê e sua mãe, chamava-a de Lili”, logo Gerda, sua ex-esposa, no real, confirma: “Lili”. Continua a dormir, parece não querer acordar por causa disso, “e há um pequeno despertar do lado da universalidade da morte” (Bertran, 2020, p. 32) de um outro modo, eternamente.

A cirurgia era de risco, e se risca de sua vida, sem saber. Podemos dizer que ela foi cúmplice do desejo de Gerda, sem saber que não era o seu?

A nomeação e seus mal-entendidos, no caso de Lili, pela “certeza” em seu existir, “O falasser é falante, mas também falado” (DASSEN, 2017, p.149). E no caso Lili, o que foi falado nas gerações, familiares quanto por Gerda, o que marca na existência de Lili, seria se empuxar como mulher?

REFERÊNCIAS:

- BERTRAM, Soledad. **Entre o desejo de dormir e o de despertar**. O sonho – Sua interpretação e seu uso no tratamento Lacaniano. São Paulo. Escola Brasileira de Psicanálise. *Scilicent*, 2020, p. 31-32.
- CALDAS, Heloisa. **O Semblante e a comédia dos sexos**. Latusa. Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro, 2008.
- DASSEN, Florence. **Um real para o século XXI**, *Scilicent, Scriptum*, EBP, 2017.
- LACAN, Jacques. **O seminário livro 08: A transferência**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed 1992, p.126-186.
- LACAN, Jacques (1972). **Do Gozo “Seminário livro 20”, mais ainda**, Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 25-27.
- LACAN, Jacques (1972). **Jakobson “Seminário livro 20”, mais ainda**, Rio de Janeiro, Zahar, 2008, p. 25-27.
- LACAN, Jacques. **A pequena diferença**” Seminário livro 19”, Rio de Janeiro, Zahar, 1971, p. 25-27.
- LACAN, Jacques. (1971) **A mola do amor, Episthem a Muthos**. O seminário livro 08: A transferência. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. Ed 1992, p.126.
- LEGUIL. Clotilde. **O amor e o mal-estar na civilização no século XXI, da mentira hedonista a experiência ética**. Curinga – O amor e o outro sexo. Edição Especial. Ebp-MG, 2020.
- SCILLET. **O sonho sua interpretação e seu uso no tratamento lacaniano**. São Paulo. Escola Brasileira de Psicanálise. 2020.



MESAS SIMULTÂNEAS

SALA B - MESA 01

AMOR TRANS FERÊNCIA

DÓCIL AO UM POR UM

Jaqueline Coelho - Participante da SLO

Sasha é uma criança de oito anos no documentário *Petite Fille* (Pequena Garota), lançado em dezembro de 2020. Nascida menino, antes mesmo dos três anos de idade, começou a dizer à mãe que, quando crescesse, seria uma menina. A mãe, que inicialmente a contestava, deixou de fazê-lo depois de uma ocasião em que interpretou, no choro e no olhar dela, um sentimento de “*pânico*”, acompanhado da pergunta: “*o que eu vou ser se não puder ser uma menina?*”. Ressalto: essa pergunta não foi formulada por Sasha, mas encontrada pela mãe no sofrimento manifestado pela criança. Naquela ocasião, a mãe temeu que sua recusa pudesse ter “*destruído*” os sonhos e a vida do filho.

Já no início do documentário tomamos conhecimento da culpa experimentada pela mãe em razão de que, na gravidez, “*desejava conscientemente*” uma menina e ficara “*decepcionada*” ao saber o sexo do bebê. Ela também cogita a ideia de que Sasha tenha nascido no corpo de um menino justamente como estratégia para não morrer. Nesse ponto, explica que havia sofrido abortos de algumas meninas em gestações anteriores. Além desses questionamentos, a mãe chama atenção para o fato de que os testículos de Sasha não tinham descido, além de que, supostamente, calhara à criança um nome *unissex*.

No filme, o sentimento de culpa e as questões da mãe vão sendo apaziguados a partir do encontro com profissionais que lhe atestam categoricamente que, se, de um lado, não é possível saber ao certo o motivo pelo qual uma criança se sente em desacordo com seu sexo biológico, por outro lado, pode-se afirmar que isso não possui nenhuma relação com o desejo dos pais.

No decorrer do documentário, toma lugar uma jornada da mãe no sentido de fazer reconhecer a “*Disforia de Gênero*” do lado da criança e implementar uma “*transição social*”, que logo vai tomando ares de uma transição hormonal. Na disputa que se estabelece entre a mãe e a escola – a qual entende toda a questão de Sasha em torno da identificação como fruto da interferência materna – sai vencedora a primeira, apoiada por um laudo concedido por uma médica que, no mais das vezes, responde no lugar da criança em vez de interrogá-la.

Nesse documentário, que traz a problemática de Sasha para o primeiro plano, a criança pouquíssimo fala, ainda que se deva reconhecer que, ao final, se mostra um pouco mais à vontade do que ao começo. Isso posto, mãe e médica falam por ela, que não tem muitas condições de responder, presa como está à posição de objeto.

Sustentando que “*a crise trans está entre nós*” (p. 1), Jacques-Alain Miller nomeou 2021 como o “Ano Trans”. De acordo com ele, “os desafios dessa **guerra de ideias** são os mais sérios quanto o possível” (p. 1), o que, de saída, nos dá um pouco a dimensão do que se trata. Miller explicou ainda que o assunto não deixa de ser permeado por grupos de militância e *lobbies* diversos.

Sobre os últimos, sabemos que o discurso técnico-científico, aliado ao capital, produz efeitos no discurso jurídico. Esses discursos têm se movimentado no sentido de buscar garantir, àqueles que se reconhecem como trans, o direito a intervenções hormonais bastante precoces, incluindo ainda discussões sobre a dispensa da autorização dos pais ou responsáveis nos processos de transição.

Acerca disso, é importante mencionar que, segundo Cocoz (2021), estudos franceses demonstraram que o número daqueles que retificaram suas queixas de inadequação de gênero na infância, depois de passarem pela puberdade, chega a 80%. Em contraposição, o índice de arrependimentos quanto a transições iniciadas na vida adulta, gira em torno de 5%. Nesse sentido, Aflalo (2021) adverte que o problema concerne justamente ao corpo de crianças e adolescentes a partir do momento em que elas são diagnosticadas sob o rótulo “*Disforia de Gênero*”, pois se passa à demanda por intervenções médicas, e mesmo cirúrgicas, para indivíduos cada vez mais jovens.

A defesa pela urgência nessas intervenções é justificada por uma suposta proteção a esses sujeitos, que estariam mais vulneráveis ao “*traumatismo*” sem a dita precocidade na transição. Na visão de Tseturdi (2021), “*se agita a bandeira do risco de suicídio para forçar as transições antes da puberdade*” sem nenhum indicativo de que as intervenções diminuam as taxas de autoextermínio na população trans. O autor adverte ainda para o fato de que a transição e a hormonização têm sido vendidas como uma “*panaceia*”, como “*um final feliz sem falha*”, como se pudessem “*tampar a falta estrutural do humano*” (tradução livre).

Lara é a protagonista do filme *Girl*, lançado pela Netflix em outubro de 2018. O longa se baseia na história de vida de Nora Monsecour, uma bailarina trans que foi às últimas consequências na relação com seu órgão para realizar o anseio pela cirurgia de redesignação sexual. Ao menos pelo recorte que *Girl* nos apresenta – diferentemente da história de Sasha, cuja urgência parece estar muito mais localizada do lado da mãe do que propriamente da criança –, no caso de Lara, a possibilidade da introdução de um tempo de compreender em relação à intervenção se apresentava, no mínimo, bastante limitada.

A contraposição entre essas duas obras pretende abordar o que Miller propôs ao psicanalista nesta crise hoje instaurada. Ao mencionar a docilidade de Freud para com as histéricas, ele nos apresenta o “*dócil ao trans*” como indicação, sem deixar de mão as discussões que necessitam ser travadas sobre a militância identitária e os *lobbies* científico-mercado-lógicos. Sobre aquele momento inicial, Miller nos lembra que as histéricas chegavam até Freud “*cada uma por seu próprio movimento, por conta própria, e ele as acolhia, uma por uma*” (Miller, 2021, p. 20). A via da psicanálise nunca pôde ser outra que não essa, a do um por um, a da singularidade. Essa orientação, que soa bastante simples, me parece como um daquelas

evidências importantes de serem lembradas de quando em vez. Acredito que justamente por isso Miller o tenha feito. Há que cuidar para não cair nas malhas dos discursos identitários tão em voga hoje em dia e, também neste sentido, não comprar a ideia de revoluções, sejam elas de que ordem forem.

REFERÊNCIAS:

Miller, J.-A. (2021) Dócil ao trans. Em: **Lacan Quotidien**, 928. Disponível em: <http://uqbarwapol.com/wp-content/uploads/2021/04/JAM-DOCILE-AU-TRANS-PT.pdf> Acesso em: 20/07/2021.

Coccoz, V. (2021). Los equívocos del amor y del genero. Seminario del Campo Freudiano en San Sebastián – comunicação oral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KGpHrmvOLyc&t=1633s> Acesso em 24/07/2021.

Aflalo, A. (2021) La querele des enfants trans – comunicação oral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9hqIRI-vw520&t=355s> Acesso em: 25/07/2021.

Txeturdi, K. T. (2021) Nacer en el cuerpo equivocado. Disponível em: <https://zadigespana.com/2021/07/23/nacer-en-el-cuerpo-e-equivocado/> Acesso em: 25/07/2021.

ATRAVESSANDO O ARCO-ÍRIS: A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE NUMA MULHER TRANSEXUAL

Patricia Marinho Gramacho - Participante da SLO

Início este caso clínico com o relato de uma mulher trans, de nome fictício Isis, que disse recordar de uma lenda e de um desejo que partilhava com um amigo:

- Se passarmos por baixo do arco-íris, viraremos mulher.

Eles tinham apenas 7 anos. Achei poética esta fala e de alguma forma fui atravessada por ela, a ponto de levá-la para uma discussão em supervisão, primeiro só como uma breve citação e depois encorpando-a por inteiro, até chegar a autorizá-la a ser um caso escrito, e como tal merecedor de ser narrado. Uma questão para este sujeito se instalava desde a infância: como tornar-se uma mulher?

Partilho aqui trechos desta escuta, na tentativa de atender a demanda de avaliação psicológica para um processo de gestação de substituição em uma clínica de reprodução humana assistida. Usarei os nomes fictícios do casal em questão de Isis e Thor.

Desde os 8 anos de idade, Isis se definiu como menina e quando foi ter o primeiro contato mais íntimo com Thor, ela contou sobre sua transexualidade.

Questionada sobre o seu desejo de maternidade, disse ter necessidade de ter um filho, de ter uma transferência de amor. Ao conversar com a pessoa da clínica responsável pela procura das características físicas parecidas na doadora de óvulos, disse:

- Não estou aqui para desenhar o filho que eu quero. Eu quero um filho e um filho não se escolhe como vem ao mundo.

Nas discussões em supervisão concluiu-se que esta fala marcava um momento de origem importante, pois aqui se formaria uma pergunta eixo: Qual seria o desejo da mãe? A partir daqui, nesta “dimensão de enigma que esse desejo insiste, ao articular um vazio com aquilo que poderá vir a nele se alojar” (BARROS,2015, p.9), pode surgir a pergunta: Como se

quer um filho? Como Isis imaginaria este filho? O laço afetivo surgiria daí? Da escolha das características da doadora, da relação de afeto, da ideação de um filho? Haveria aqui um desejo de completude?

Temos um sujeito aqui que se serve da ciência para se fazer uma mulher e também para se fazer uma mãe. Porém, ser mãe e ser mulher são posições subjetivas distintas e sabe-se que há um discurso imperativo de que a mulher moderna para ser completa, deve ter um filho.

Thor, o marido, passou então a contar como surgiu o assunto sobre o processo de gestação de substituição lembrando uma fala de sua irmã, Mel: – Quero ver você pai. Ele reagiu falando que os dois eram irmãos e que isto não seria possível, ela então explicou a ele o processo de “útero de substituição”, que não seriam utilizados os seus próprios óvulos e que, portanto, não caracterizaria um incesto.

É importante observar a maneira como desejo e gozo se articulam para um pai e uma mãe, na relação entre eles, onde a criança se situa como um “a-mais”, necessário à operação metafórica (BARROS,2015, p.10).

Este “a-mais” indica como a criança vai aparecer nesta operação em sua dimensão de objeto não complementar do desejo da mãe em sua relação com o Nome-do-Pai. A criança é o resto da operação.

É importante atentarmos a uma colocação de Miller (2014), concentrando a atenção na relação mãe e filho, quando diz que não é somente a função do pai incidindo sobre o desejo da mãe, que é necessária para permitir ao sujeito um acesso normativo à sua posição sexual.

É, também, o fato de a mãe não ser “suficientemente boa” - retomando a expressão de Winnicott - quando apenas veicula a autoridade do Nome-do-Pai. É preciso, ainda, que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo. O que isso quer dizer? Que a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher (MILLER,2014, p. 2 e 3).

O desejo destas duas mulheres, Mel e Isis, seria da maternidade ou de fazer de um homem um pai? Aparentemente Isis permaneceria excluída deste engendramento.

Sabe-se que para a psicanálise, ser mulher é não ter um significante que a nomeie, e que ocupe uma posição que contemple a falta. Já ser mãe, é ter algo que tampone a falta, o filho. Sendo assim, enquanto a mulher seria um ser do nada, que não tem nada, a mãe seria aquela que tem, que nada falta, pois, o filho estaria no lugar do falo. Como ficaria isto para Isis? Mãe e mulher em posições diferentes. Em qual lugar Isis estaria?

Uma mulher que ao fazer um homem pai, via o recurso da ciência, poderia ocupar o lugar de mãe? Como ela conseguiria este lugar da maternidade, para ela visto mais como um ato biológico do que como um ato de enlaçamento?

Um homem na vida de uma mulher lhe divide entre mãe e mulher, e lhe dá uma chance de se experimentar Outra a si mesmo, em sua experiência fora do falo, que também a assusta (BARROS, 2015, p.12).

A partir deste homem que se torna pai, existe a possibilidade que ele nomeie a mãe, a partir do desejo dele de vê-la neste lugar. "O desejo da mãe, inclui a operação simbólica presidida pelo Nome -do- Pai" (BARROS, 2015 a, p.41).

Ressalta-se que na gestação de substituição, Isis não experienciaria o gestar, e o bebê carregaria a carga genética exclusiva do pai. Marcus André Vieira, citando Lacan, afirma que, se a família tem algum valor, é por transmitir a vida de um modo diferente daquele das necessidades. Sendo assim, o importante é que a família constitui alguém e não um organismo. De novo aqui, é ressaltado a importância do laço, que foge da coisa propriamente humana e vazia de sentido biológico (VIEIRA, 2015), ponto ainda possível de ser descoberto por Isis e que a validaria como mãe.

Alguns meses depois recebo um breve telefonema de Isis relatando o insucesso do processo. Mel não engravidara. Disse que Thor estava arrasado. Transferencialmente na relação de escuta ela se sentiu incluída. Lembrei de Lacan quando disse: "No começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor" (1960-1951, p.12).

Que Isis possa ir para além de uma avaliação psicológica para útero de substituição, que ela possa retornar para este laço iniciado pela escuta analítica e possa aprender amando, aquilo que lhe falta.

REFERÊNCIAS:

- BARROS, Maria do Rosário Collier do Rêgo (2015) Apresentação. In: Mães/Marcus André Vieira, Romildo do Rêgo Barros – Rio de Janeiro (RJ): Subversos, 2015.
- BARROS, R. do R. (2015/a). O desejo da mãe. In: Mães/Marcus André Vieira, Romildo do Rêgo Barros – Rio de Janeiro (RJ): Subversos, 2015.
- LACAN, Jacques, 1901-1981. O seminário, livro 8: a transferência 1960-1961 / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; versão brasileira de Dulce Duque Estrada; revisão do texto, Romildo do Rego Barros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.
- MILLER, J.A. (2014) A criança entre a mulher e a mãe. Opção Lacaniana online nova série Ano 5 · Número 15 · novembro 2014 · ISSN 2177-2673.
- VIEIRA, Marcus André (2015). O Incesto. In: Mães/Marcus André Vieira, Romildo do Rêgo Barros – Rio de Janeiro (RJ): Subversos, 2015.

DA MENINA AO TRANS, AO NOVO DO AMOR

Juliana Bressanelli Lórá - Participante da SLO

A convocação a pensar a psicanálise frente aos acontecimentos contemporâneos nos instiga a extrair da transferência aquilo que é, não apenas da repetição, mas da ordem da invenção. A constituição de novo laço de discurso implica na composição de novos laços amorosos, quando o gozo aquiesce ao desejo. Discussão cada vez mais atual, as questões de gênero me levaram a pensar a construção de gênero também no percurso de uma análise. Forma própria de pensar os modos de laço fora do binarismo edípico. A muito apropriada expressão *corpo falante* põe em evidência a relação íntima entre o simbólico e o real, mas mais ainda, entre a anatomia e a sexualidade. Os impasses da sexualidade, ou como vai nos apontar Lacan no Sem. 18, da relação sexual, das relações entre homem e mulher, mostram que situar as diferenças está longe de ser uma operação simples. Sexualidade que se mostra inapreensível, incontornável, quando o sexo biológico afronta o gênero e há o desvelamento de um real que tende a se libertar dos semblantes. Uma certa emancipação do real biológico em relação ao real da fala, que aponta para modos de gozar que não são da ordem da identificação, muito menos do gozo do órgão. Como nos convida a pensar Marie-Hélène Brousse na entrevista para LWT “Les modes du sexe”, vivemos uma mudança na subjetividade de uma época em que testemunhamos um corte entre o corpo e o falante. Se de um lado temos a ciência biológica e as diferentes tentativas de controle do corpo (como a hormonização e as cirurgias de modificação genital), a perspectiva da psicanálise é, por outro lado, a de restabelecer e manter ligado esse ponto onde a fala é cortada do corpo, já que cortar pura e simplesmente não funciona assim tão bem.

No trans, definitivamente “a anatomia não é o destino”, conforme nos lembra Marcus André Vieira no texto “A anatomia e seus destinos”, neste jogo de significantes que inverte a premissa freudiana e aponta para dependência no corpo de sua inscrição no simbólico. O rechaço ao sexo imposto no nascimento toma forma na medida em que se delineia uma posição subjetiva, à princípio como desconexão, que vai depender das determinações simbólicas que o sujeito será capaz de construir para si.

Lembrando que o amor é da ordem da invenção e não exatamente da repetição e a operação sobre a diferença sexual é, portanto, uma operação sobre a origem” (ANSERMET, 2018). Para abordar a questão do amor e sua dimensão de invenção, gostaria de apresentar um caso clínico que penso demonstrar a radicalidade dessa inapreensibilidade do amor e da sexualidade para o falante. Neste caso, um jovem capaz de sustentar o amor fora da binaridade, justamente numa nova modalidade de laço.

Um rapaz de 19 anos, que chamarei B. Fui procurada primeiro pelo pai, que demonstra uma preocupação com a sinalização de B. de que seria um homem trans. Ele diz que não havia problemas em que sua “filha” fosse homossexual, mas tinha suas próprias hipóteses: dizia perceber que “ela” tinha vergonha de se mostrar em público, que quando era criança gostava de personagens femininas, que usava roupas da mãe e isso bastava para dizer que B. era uma menina confusa, que não gostava dos homens por causa do ambiente em que cresceu, em que a mãe odeia o pai. Quando B. chega pela primeira vez e entra na sala, com toda a aparência de um jovem rapaz, a primeira coisa que pergunto é como ele gostaria de ser chamado. Ele se mostra surpreso, diz seu nome, agradece duas vezes e a transferência se estabelece. O nome antigo, o nome feminino pelo qual foi nomeado pelos pais ao nascer, era provocador de uma enorme angústia. Ao mesmo tempo, e esse é um fato fundamental, ao escolher um nome para si, elege um nome escolhido pela mãe para um eventual filho (um dos nomes que ela daria ao irmão mais novo de B.). A mãe, com quem B. tem uma relação difícil, recebe essa decisão como uma afronta.

B. disse estar em busca de um “laudo” para que seus pais acreditassem que ele seria de fato trans e assim pudesse retomar sua transição (a terapia hormonal), que havia sido interrompida por decisão da mãe. Relata intenso incômodo com o próprio corpo. Conta que quando era criança, acreditava que ao crescer se tornaria um menino. Um jovem com bom manejo social, capaz de fazer laços duradouros, com inteligência apurada, decidido quanto ao curso superior que escolhe, questionador, politizado. Chega em intenso sofrimento, dizendo que se não for possível fazer a transição, a única saída seria se matar. A análise aos poucos possibilitou uma relação mais amena com o pai, antes temido por sua agressividade. Sai do grave quadro depressivo. Consegue registrar o nome social. O pai o apoia e B. recomeça a terapia hormonal. As sutis mudanças corporais tem efeito intenso no falante.

“Queria ser cis”, dizia ele. Começa a delinear algumas questões debruçadas na fantasia de “nunca ser suficiente”, dizendo acreditar que algo sempre faltaria em suas relações amorosas, algo que ele nunca seria capaz de suprir. Inúmeras questões sobre o amor comparecem. Diz não apreciar os rótulos e que por isso não “namorar”. Embora já tenha tido experiências com homens e mulheres, em termos de orientação se define heterossexual. Em uma sessão, então, vem dizer: “me dei conta de que gosto mesmo de caras”. Fala de um enamoramento profundo por um amigo, homossexual, que havia acabado de começar um novo relacionamento. Sofre por amor, discutem a possibilidade de um relacionamento aberto e à distância. Por fim, em meio a todos os impasses, ele conclui que acha que esse amigo o compreenderia e não teria problemas com sua transexualidade, já que também é um homem trans.

A psicanálise como clínica e como ética, vai se debruçar sobre a invenção de cada um, já que não existe solução universal para dar conta da falta de uma justaposição na relação entre os sexos. Neste caso clínico, é possível perceber a construção de uma invenção na dimensão do amor, que justamente não repita o par parental. A tentativa de fazer Um na escolha de objeto. Em última instância, sujeito que não permanece submisso à sua origem, mas é sim capaz de elegê-la (ANSERMET, 2018). O que pode surgir de revolucionário quanto ao sintoma, “só pode consistir num deslocamento do discurso” (LACAN, 1971).

REFERÊNCIAS:

ANSERMET, François. **Eleger o próprio sexo**. Opção Lacaniana On-line nova série. Ano 9, números 25 e 26, março/julho de 2018. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/>. Acesso em: 30 jul. 2018.

BROUSSE, M.H. **Les modes du sexes** (Canal Lacan Web Télévision). Youtube, 23 mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kM2Ogcq3CaU>. Acesso em: 01 jul. 2021.

LACAN, J. (2009) **O Seminário 18: de um discurso que não fosse semblante**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Original publicado em 1971).

VIEIRA, M.A. **A anatomia e seus destinos**. Texto redigido para apresentação na mesa “Sexo e gênero” do Colóquio da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Rio, 23/9/16. (publicado originalmente no site do XXI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, 2016: “Adolescência, idade do desejo”). Disponível em: <https://www.ebp.org.br/a-anatomia-e-seus-destinos>. Acesso em: 28 jun 2021.

UM PARLÊTRE E SEU MAL-ENTENDIDO – “UMA DOENÇA DO CORAÇÃO” OU O GOZO FEMININO?

Ceres Lêda F. F. Rubio - Participante da SLO

Lacan ao apresentar o aforisma “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 1985, p.197), aponta que o amor pode ser o mediador entre o gozo e o desejo. Uma ficção humana para fazer suplência à relação sexual que não existe, e forjar um laço em contraponto a natureza do Um sozinho. Do amor narcísico freudiano, do gozo do próprio corpo, do gozo feminino.

A prática psicanalítica exige que o analista alcance “em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998, p.322) que dela participe se posicionando. Quero pensar o adolescente atual com o seu mal-entendido e sua relação com o gozo e o desejo diante das fragilidades ficcionais. Uma atenção a esse Parlêtre que se precipita no espaço de um lapso na experiência analítica e com suas manifestações do Um-sozinho, de um real sem lei.

As manifestações sintomáticas testemunham as mutações da ordem simbólica que implicam no declínio do patriarcado com efeitos de desorientação. A mudança da função do pai que não mais responde a uma transmissão de saber tornou-se uma das formas do sintoma (MILLER, 2016, p.25). É a era dos Nomes-do-Pai debelado pelo discurso da ciência e do capital. Uma “autoerótica do saber” que não passa na relação com o Outro, “o saber está no bolso”, experiência dada pela ciência tecnológica onde o mundo virtual possibilita a multiplicação de objetos e de novos sintomas (IDEM, p.24). Ler o sintoma e acreditar nele é tarefa do analista para extrair o motivo do adolescente querer se livrar das demandas do Outro familiar, escolar e do outro sexo, tidas como tirânicas.

O adolescente com as metamorfoses da puberdade constrói um novo corpo e o encontro com o corpo do Outro sexual. É um desafio à eleição do seu próprio sexo, estabelecer uma diferença sexual e a escolha de uma posição sexuada. Diferença extraída da linguagem e da diferença imaginária.

Desafio por nascer mal-entendido (LACAN, 2016, p.10) e do real da não-relação-sexual. Um falasser que participa do gozo de seus antecedentes e de um mal-entendido que estava lá antes mesmo de nascer, “reparte-se em dois falantes, que não falam a mesma língua, que simplesmente não se entendem”(IDEM, p.11). O filho advindo de um mal-entendido sobre o

estatuto do corpo, um corpo constituído a partir do Imaginário do espelho, do Simbólico do corpo significantizado, e do Real do gozo, que faz acontecimento. Mesmo disjuntos, se entrelaçam, contemplam um furo para constituírem um corpo, e o faz a partir de um significante que faz borda a um gozo que definitivamente não é eliminável. Um falasser resultado de um sintoma do casal parental ou do fantasma materno.

A crise do mal-entendido reaparece na adolescência, tempo em que o Real do gozo faz acontecimento e marca o corpo, respondendo nos excessos, no risco a uma passagem ao ato para livrar-se de um Outro opressor, e se servindo de significantes ofertados da cultura para dar um destino aos impasses da sua sexualização.

Luma, 12 anos é trazida pelos pais para análise, estaria se passando por um rapaz de 18 e namorando virtualmente uma menina de 12. Dizem ser adulta desde bebê, inteligente e hoje mentirosa compulsiva; com a pandemia e isolamentos as notas na escola caíram. Cortou os longos cabelos, passou a usar roupas largas e a queixar-se do próprio corpo, estaria “perdida”. A mãe conta que aos 4 anos recusava-se a usar a saia da escola e aos 8 inventava personagens masculinos para os jogos online, supôs que a filha seria diferente. Questionada, ela confirma a invenção do personagem e traz uma pesquisa sobre transexualidade e hormonização. Eles retiraram o celular e o tablet, e se dizem apavorados. O pai diante do desinteresse na escola acredita estar ela sofrendo da “doença do coração partido”. A mãe assemelha a angústia a que ela própria teve e só se extinguiu quando viu a filha pela primeira vez nos braços: Ela é tudo para mim. A maternidade vem tamponar sua angústia, e o enigma sobre sua posição feminina vem no relato da dor com a alopecia universal, a perda total dos cabelos aos 4 anos de Luma.

Luma sente-se sozinha, um vazio, dor no peito que faz o coração disparar e que não pode fazer nada para estar melhor. O tempo gira, não passa, é um nada. Não suporta estar perto dos pais, sente-se estranha e quer ser diferente. Queixa-se da mãe reclamar do seu modo masculino de se vestir, questionada, não concorda e não traz a queixa dos pais. Há aqui um real em jogo que faz sintoma, para além da elaboração das identificações, da assunção do seu desejo que não advém na presença do Outro e do impasse da assunção de sua posição sexual que desliza entre o significante Trans dito aos pais ou o Pan, dito a analista. Credito que esse real em jogo se dá por ocupar o lugar de objeto no fantasma da mãe, e a angústia intensificada na impossibilidade do uso das redes interrompendo o jogo fantasmático que buscava saber o que é ser uma mulher, uma menina. Para a mãe, o acontecimento de corpo da alopecia, faz marca de gozo e perda de insígnias do feminino, colocando no real a questão sobre ser homem ou mulher e transmitindo o mal-entendido a filha.

Luma pergunta sobre o amor, se está apaixonada ou se é apenas parecida com o outro, se gosta de menino ou de menina, como eles amam. A pergunta e resposta sobre o feminino e sobre a relação sexual passam pela indicação de um gozo fantasmático da mãe identificada como “machinho” desde criança e sua dúvida entre o ideal da filha menina e a marca de gozo do “machinho”. A mãe limitada sobre como transmitir sobre o que é ser uma mulher, em uma posição feminina opaca, faz sintomas. O pai interpreta como doença do coração partido, mas o que se apresenta, é um parlêtre frente ao indizível do gozo. O significante Trans ou Pan é a via encontrada para escapar do impasse mortífero, nem homem, nem mulher.

O amor de transferência, na análise, gera o espaço e o tempo de compreender para novos arranjos, um saber fazer com o gozo. O amor como véu, a angústia como o que não se engana, ambos entre o gozo e o desejo. Luma vive a angústia, aos poucos se nomeia “escritora e poetisa” e a partir de “uma licença poética” dá um lugar para seu “ser intensa insuportável”, mas adverte que para escrever primeiro precisa falar.

REFERÊNCIAS:

- LACAN, J. Aforismos sobre o amor. In: O Seminário: livro 10 Angústia. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.197
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 322.
- LACAN, J. O Mal-entendido. Opção Lacaniana nr 72, São Paulo: Ed. Eólia, 2016, p.11
- LACAN, J. Notas sobre a criança. Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.369.
- MILLER, J. A. Em direção à adolescência. Opção Lacaniana nr 72, São Paulo: Ed. Eólia, Mar/2016, p.24-25
- MILLER, J. A. Dócil ao Trans. Disponível em: www.lacanquotidien.fr nr 928. Tradução: Teresinha N. M. Prado.
- ROY, D. Proteção da adolescência. Opção Lacaniana nr 72, São Paulo: Ed. Eólia, 2016, p.50
- ROY, D. Trans: sexo e gênero na idade da infância. In: SANTIAGO, A.L. (Org.). Mais além do gênero: o corpo adolescente e seus sintomas. Belo Horizonte: Scriptum, 2017.
- STEVES, Alexandre. Amor e Nome-do-Pai. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/slo/index.php/2021/06/16/amor-e-nome-do-pai/>



MESAS SIMULTÂNEAS

SALA B - MESA 02
AMOR E EROTISMO

O QUE A IMAGEM DE AMOR ESCONDE?

Virginia Lúcia Souto Maior Sanábio - Participante da SLO

Para abordar o amor no tempo das cóleras destaco uma citação de Jacques-Alan Miller (2010) em “Uma conversa sobre o amor”, referindo-se ao texto freudiano “A psicologia da vida amorosa”. Miller comenta que quando Freud diz “objeto” não deve ser traduzido pelo objeto a .

Quando ele fala da escolha do objeto de amor, o objeto de amor é $i(a)$, é a imagem do outro ser humano. Às vezes se escolhe um objeto material: é o que se chama de fetichismo. Nesse caso, não se fala em objeto de amor, mas sim, efetivamente, de gozo ou causa de desejo, mas não de amor. Porque para poder falar de amor é necessário que a função a seja velada pela imagem, a imagem de outro ser humano e de outro sexo (MILLER, 2010, p. 8).

Proponho então estabelecer uma articulação entre a imagem de amor e o discurso de ódio que se proliferou no social. O atual Presidente da República venceu as eleições com o apoio dos evangélicos e com a narrativa: “Deus acima de todos”. A vida pública testemunha desde então a aplicação de um projeto político sustentado na crença evangélica de que “é preciso purificar o homem e eliminar o mal”. Decorre daí a política do armamento e o aumento das ações violentas dos traficantes evangélicos em acordo com a milícia; é o que nos mostra o jornalista Bruno Paes Manso (2020) em *A república das milícias*. A lógica fundamentalista da luta entre o bem e o mal, e a crença evangélica que se pode matar ou morrer em nome de Deus é inserida na organização do Estado e passa a dominar a vida pública.

Indago então se a imagem do amor ao próximo teria a função de velar o ódio? Para dar um encaminhamento a essa questão retomo a análise feita por Lacan sobre o mandamento cristão “amarás a teu próximo como a ti mesmo”.

Uma nota sobre a cólera por trás do amor

Lacan aborda esse mandamento cristão do “amor ao próximo” destacando o fato de que quando amo meu semelhante, amo a mim mesmo. Essa é a conotação do que se designa por amor narcísico. E em uma de suas conferências pronunciadas em Bruxelas em 9 e 10 de março de 1960, ele comenta: “Eis o mandamento do amor ao próximo. Freud tem razão ao

parar nesse ponto, perturbado com sua invocação, porque a experiência mostra a ambivalência pela qual o ódio segue como sombra todo amor por esse próximo que é, de nós, também o mais estrangeiro” (LACAN, 2005, p. 51). Na análise do mandamento a ênfase recai sobre o “como a ti” e aí, é preciso levar em conta o gozo sem freio e para todos, do qual Freud se ocupou ao conceituar a pulsão de morte e que Lacan nomeou como, o real.

Nessa esteira do amor ao próximo, deparamo-nos com a segregação e para contextualizar esse pressuposto recuperamos os efeitos sociais de violência ocorridos frente a uma mídia publicitária. Em uma campanha publicitária para o dia dos pais foram divulgadas imagens de famílias diversificadas: heterossexuais, homossexuais, transexuais. As reações sociais de discórdia reafirmaram o tempo das cóleras. A homenagem a um pai trans foi traduzida como um ataque à família e à masculinidade, despertando o ódio.

Com a teoria freudiana podemos interpretar essa reação agressiva como paradoxal, uma vez que, aquilo de que o sujeito quer tomar distância, que lhe parece estranho é, ao mesmo tempo, o que lhe é mais íntimo.

E com Lacan podemos postular a não-autonomia do sujeito, tendo em vista que, “O homem acha sua casa num ponto situado no Outro, para além da imagem de que somos feitos, e esse lugar representa a ausência em que estamos” (LACAN, 2005, p.58). Se algo se revela ali nesse lugar vazio, o sujeito se apodera dessa imagem, que é a imagem que o sustenta e, “seu desejo entra na toca em que é esperado desde a eternidade, sob a forma do objeto que sou, na medida em que ele me exila de minha subjetividade, resolvendo por si todos os significantes a que ela está ligada” (LACAN, 2005, p.59).

Considerações Finais

Um caminho para falar do amor no tempo das cóleras pode ser traçado pela via do estranho que nos habita. Embora a religião tenha a função de dar sentido à vida e que o homem se sirva dos *gadgets* para tentar transpor o real, Lacan dirá, “isso nos come, mas nos come por intermédio de coisas que mexem com a gente” (LACAN, 2005, p. 77).

Estamos aí entrelaçados, naquilo que desejamos tomar distância, mas é interessante deixar em aberto uma questão: Como foi possível disseminar no coletivo a paixão pelo ódio?

REFERÊNCIAS:

- Lacan, J. (2005) A psicanálise é constituinte da ética exigida pelo nosso tempo? In. *O Triunfo da religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- Lacan, J. (2005) Além da angústia de castração. In. *O Seminário a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 53-65.
- Manso, B. P. *A república das milícias*. São Paulo: Todavia, outubro, 2020.
- Miller, Jacques-Alain. Uma conversa sobre o amor. In. *Revista Opção Lacaniana online*. Ano 1, N. 2, julho 2010.

PODE O AMOR DESTITUIR NOSSA HUMANIDADE?

NOTAS SOBRE UM AMOR ANTI-PREDICATIVO

Micael Correia - Participante da SLO

Há um século, no texto “Psicologia das massas e análise do Eu”¹, Freud nos falava sobre um tipo específico de amor. Freud insiste na ideia de que certa ligação amorosa está na base da explicação dos processos anímicos, desde os individuais até os sociais. Ali ele nos fala como quem defende que mesmo a massa é simplesmente a subsunção, numa escala ampliada, da forma ficcional de um indivíduo (não-dividido, portador de predicados que o identifica). Mas se Freud nos leva a falar de amor nesse caso, é porque mesmo um corpo social não se explica através da descrição da conveniência tática firmada em acordos coletivos de sobrevivência. Afinal, isso seria negligenciar um elemento ainda mais primário que é capaz de fazer deslizar os ideais dos eus para ideais partilhados, numa fraterna socialização de modos de desejar.

Na verdade, Freud irá descrever esse tipo de aliança como estando sustentada por um fechamento narcísico do eu com outros eus que demandam reciprocamente amparo e reconhecimento, e que estão dispostos a um mesmo núcleo afetivo. Não por acaso, esse encontro depende muito precisamente de certa instilação egóica, que se expressará no reforço mecânico daqueles predicados que constituem a identidade da massa e do indivíduo. Assim, Freud falará, a sua maneira, dessa faceta do amor: “a identificação é a forma mais originária de ligação afetiva com um objeto” (FREUD, 1921/2020, p. 181).

Nesse momento, Freud parece encontrar um termo para descrever uma instância do amor característico das sociedades liberais modernas. Se podemos falar da identificação como uma operação elementar do amor, sua precisão teórica repousa no fato histórico de que *a modernidade foi capaz de produzir um amor que desconhece relações produtivas fora do âmbito das identidades*. Amar seria uma atividade necessariamente dependente de uma noção abstrata de *pessoa*, concebida enquanto portadora de qualidades que a predicam, que a definem identitariamente dentro de um campo social. Falar de amor, seria falar dos processos de cooperação advindos das demandas individuais da relação - relação cujo cerne narcísico exigiria investimentos recíprocos de libido no eu (e ao outro).

Vejamos que dizer em termos de “investimento” acabaria por adensar um fator bastante próprio ao amor nas sociedades liberais: a possibilidade do amor se expressa como se vivêssemos num mercado, no qual as pessoas circulam como mercadorias e “escolhem” umas

às outras a partir de contratos que forçam relações de reconhecimento daquilo que se julga essencial². Estranha concepção em que a própria noção de *pessoa* se encontra fetichizada, já que reside um aspecto mercantil na ideia de que a única forma possível de sujeito é aquela entificada na forma-pessoa e na forma-indivíduo, derivadas do mesmo modelo daquela da propriedade privada. Nesse caso, é mais fácil assumir que não há sujeitos para o capitalismo – só existem sujeitos para os psicanalistas e para mais alguns outros.

Há de se perguntar se existiria uma outra forma de amor possível, que prescindisse das predicações individuais e nos conduzisse a uma experiência fora da lógica identitária de amor. Uma experiência que simplesmente renunciaria nossa dependência da noção de identidade. Caberia aqui o problema de deposição do amor, justamente no tempo onde ele parece suscitar as mais esperançosas razões de ser – a saber, nos tempos de cólera, muros e sectarismos?

Acredito que se a psicanálise pode nos ajudar a coletar de seu escopo teórico uma fa-
gulha que faça queimar os vazios da identidade, aquiescendo aquilo que não coincide ao eu dentro de uma relação, é justamente porque podemos a partir dela apontar a radicalidade de um *amor anti-predicativo*. Encontramos algo assim no célebre aforismo lacaniano: “*amar é dar aquilo que não se tem*”³. Aqui Lacan, motivado por identificar o caráter de desmesura que coloca um amor que não pode ser delimitado pela posse, qualifica o amor enquanto algo da ordem do *dom*. Afinal, dar o que não se tem é uma experiência de fazer circular aquilo que aparece como falta. Ponto obscuro este em que lidar com faltas é também reconhecer a impossibilidade de qualquer reciprocidade; pois no amor, não participamos quando demandamos investimentos e pactuamos acordos de indissolubilidade. No amor, a regra é justamente a não-equivalência daquilo que se dá e do que se recebe. Aliás, aquilo que é recebido está longe de ser parte reconhecível de mim num outro externo. Aqui prevalece a radicalidade de um objeto que é capaz de colapsar minha individualidade e impactar como um outro que me sujeita sem pedir permissão.

Se a poética de Roland Barthes e a dança de João Paulo Gross foram evocadas por Letícia Braga no texto “Entre um gozo que não se fala e a conversação viva de amor”, do Boletim #03 de *amurados*, pra falar sobre essa forma de amor que não se predica, mas que aposta no acontecimento, na contingência e no acaso, talvez o poema “Salmo” de Paul Celan, no qual a não-identidade é positivada em um ato de louvor - enquanto se ama – também possa indicar esse caminho por onde o amor resiste a pressão de se submeter à identidade. Ali onde o amor é *dom*, ali também ele há de nos abrir para outra humanidade:

Ninguém molda-nos novamente com terra e barro
Ninguém evoca nosso pó
Ninguém.

Louvado sejas, Ninguém.
Por ti queremos
Nós florescer.
Ao teu
Encontro.

Um nada
Éramos nós, somos nós, permaneceremos
Sendo, florescendo:

A rosa nada, a
Rosa de ninguém.

(Paul Celan)

REFERÊNCIAS:

¹FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu (1921)**. In: Freud, S. *Cultura, sociedade e religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*, Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

²SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. (2a ed.) Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

³LACAN, J. **O seminário**: livro 8 – A transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MORTE, GOZO E EROTISMO

Adriano Moreira - Participante da SLO

Lacan, em seu seminário sobre a ética, aproxima sua noção de gozo com a pulsão de morte em uma erótica. Para Lacan, a própria psicanálise se trata de uma erótica que nos mostra a inconsistência do Outro (LACAN, 2008 p. 15). Todavia, antes de Lacan abordar a temática do gozo como um dos temas centrais do seminário de 1959-1960, temos a transgressão e sua relação com o erotismo já colocada por Georges Bataille, filósofo contemporâneo de Lacan, em 1957 (BATAILLE, 2013). Sustentamos que a definição de Bataille sobre a violência, ou o excesso, possui importantes relações com o discurso lacaniano sobre o gozo, esse sem limites que deixa no corpo suas marcas, de gozo e de linguagem. Miller nos diz que “o saber sobre o gozo talvez seja o único saber psicanalítico que temos sobre a vida, sobre o que é ser vivo [...] não sabemos o que é ser vivo, a não ser pelo seguinte: um corpo, isso goza!” (MILLER, 2001 p. 25).

A sexualidade, se desenvolvendo no campo da linguagem e da fala, tendo sua incidência no corpo, sua apropriação singular, faz com que o sujeito crie maneiras distintas para lidar com a falta, o incurável da humanidade, a castração freudiana, a “não-relação sexual” lacaniana, e o gozo é uma de suas representações possíveis, ao lado do amor e do desejo. O gozo é produto da linguagem e o corpo é um corpo-linguagem que goza.

Justamente pelo fato desse corpo ser um corpo-linguagem, temos para além da obrigação, a culpa, para além do dever, a punição e para além da moralidade, a perversão. Uma perversão na origem do desejo e no coração da moral. Um desejo metamorfoseado de censura, essa seria a gênese da dimensão moral. Há para cada sujeito uma satisfação que o determina e uma lei que o orienta. O pensamento lacaniano se aproxima nesse ponto do erotismo de Bataille onde só existe desejo de transgressão mediante uma lei. Devido à impossibilidade da satisfação diante da lei, caminhamos com o objetivo de apaziguar a culpa por um desejo perverso e insatisfeito.

Em *Kant com Sade* (LACAN, 1998), Lacan aborda a problemática dos libertinos para tratar da questão da moralidade, da lei e da ordem. Bataille trata dos libertinos para fundamentar sua teoria sobre o erotismo como aprovação da vida até mesmo na morte ou sua visão de um erotismo somente possível pela via da transgressão. Já Lacan se debruça sobre a libertinagem para mostrar como a domaçaõ do gozo perverso é a gênese da dimensão moral. O marquês de Sade foi o representante máximo dos libertinos tanto para Bataille quanto para

Lacan. Entretanto, a filosofia de Sade objetiva, a partir de um mal absoluto onde só podemos nos aproximar pelo imaginário, a destruição. Ora, para Lacan, bem como para Bataille, a transgressão não se trata de destruição, mas condição necessária para a fantasia, portanto para o desejo, para Lacan e condição do erotismo para Bataille.

O excesso, presente na noção de gozo lacaniana e na de erotismo de Bataille ambos localizando no erotismo o lugar onde o sujeito se satisfaz e também se perde. Bataille faz do erotismo a interrogação filosófica por excelência. Lacan pensa um erotismo atrelado ao gozo através de um “extremo de prazer” (LACAN, 2008 p. 100). O excesso, esse equivalente a dor, onde Lacan aborda o “*além do princípio do prazer*” freudiano, a saber, a pulsão de morte, uma lei para além de toda lei, algo como um ponto de fuga de toda a realidade possível. É um saber sobre o que não tem juízo, como na música de Chico Buarque de Hollanda, “O que será?” (BUARQUE, 2010 p. 34). Raúl Antelo, um dos principais estudiosos da obra de Bataille no Brasil, chega a insinuar a influência da obra *O erotismo*, de Bataille, no seminário sobre a ética “(...) uma perda, um dispêndio, um gasto, daí sua identificação com o gozo” (BATAILLE, 2013 p. 21).

Bataille aponta para uma interioridade, uma experiência interior, que se realiza pela via do erotismo, uma experiência que questiona o sujeito, experiência de não-saber, transgressora dos interditos, a experiência filosófica por excelência. Uma experiência de excesso, de perda, completamente improdutiva sob o ponto de vista do mundo da produção e do trabalho. Lacan faz do gozo, algo também desconhecido do sujeito, um mistério que sustenta o sofrimento, mas que também orienta as relações do sujeito e seu modo de caminhar pela existência, sendo assim, núcleo do erotismo, experiência transgressora por desafiar internamente a lei do Outro. Lacan com Bataille, Lacan com o seu gozo que quer compulsivamente e Bataille com seu erotismo que não exclui a morte e a violência, é nesse ponto que ambos se aproximam e é possível alguma interface.

BIBLIOGRAFIA:

- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BUARQUE, Chico. Meus Caros Amigos. In: **Coleção Chico Buarque** v. 3. São Paulo: Abril, 2010.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. Kant com Sade. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MILLER, J-A. **Elementos de biologia lacaniana**. Belo Horizonte: EBP, 2001

A VIOLÊNCIA DO AMOR (OU FETICHE) EM *LOLITA*.

Sandra Siqueira Souza¹ e Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira² - Participantes da SLO

A obra literária *Lolita*, de Vladimir Nabokov, tem como narrador Humbert Humbert, que relata sua vida partindo de seu investimento sexual por jovens meninas e de seu *amor* por duas delas, Dolores, a quem ele nomeia como Lolita, e Annabel.

Lolita, luz da minha vida, labareda em minha carne. Minha alma, minha lama. Lo-li-ta: a ponta da língua descendo em três saltos pelo céu da minha boca para tropeçar de leve, no terceiro, contra os dentes. Lo. Li. Ta. Pela manhã era Lô, não mais que Lô, com seu metro e quarenta e sete de altura e calçando uma única meia soquete. Era Lola ao vestir seus jeans desbotados. Era Dolly na escola. Era Dolores sobre a linha pontilhada. Mas em meus braços sempre foi Lolita (NABOKOV, 2003, p. 11).

Segundo Humbert Humbert, foi um amor de sua juventude, Annabel, que o aprisionou na infância. Ela foi a precursora de Lolita. Conheceram-se por volta dos treze anos de ambos e em uma noite memorável, eles foram juntos para o fundo do jardim. A cena foi abruptamente interrompida pelos gritos da mãe de Annabel que a chamou e inaugurou, em Humbert Humbert, a tormenta dessa cena sexual, que nunca pôde ser concluída, não só pela interrupção do chamado, mas também pelo imprevisível da morte: ela morreu de tifo quatro meses depois. O personagem justifica, assim, o “trauma” (NABOKOV, 2003, p. 15) que o impede de viver outro amor. Ele se diz aprisionado na infância, em busca da garota perdida, até encontrar outra, Lolita, sucessora da menina morta. A primeira (Annabel) gera a segunda (Lolita), antecipando a condição dela como objeto de desejo para um terceiro. A predileção dele se fixa em meninas bem jovens, as quais ele intitula como ninfetas.

1 Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão. e-mail: sandrasouza1894@gmail.com

2 Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília – UnB. Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão/IBIOTEC - Curso de Psicologia. e-mail: renatawirthmann@gmail.com

Quero agora expor uma ideia. Entre os limites de idade de nove e catorze anos, virgens há que revelam a certos viajores enfeitados, bastante mais velhos do que elas, sua verdadeira natureza – que não é humana, mas nínfica (isto é, diabólica). A essas criaturas singulares proponho dar o nome de “ninfetas” (NABOKOV, 2003, p. 18).

Ele defendia a existência de dois sexos femininos: a mulher adulta e a ninfeta. A primeira tem mais que quinze anos e não possui, portanto, os encantos da infância, ou nunca os possuiu, uma vez que nem toda mulher foi um dia uma ninfeta. O discurso de Humbert Humbert sobre o feminino aponta para o fato de que a sexualidade humana não é um simples acontecimento biológico, mas uma construção, o que parece ter permitido ao personagem se apropriar disso para construir um saber sobre o feminino que respondesse melhor ao seu próprio modo de gozar. O que a narrativa mostra é o funcionamento de um gozo fetichista na relação de Humbert Humbert com seu objeto de amor, sobre o qual, ele escreve uma ficção, afinal, *Lolita* nada mais é que uma construção que pouco tem haver, realmente, com Dolores.

Segundo Miller (2016, p.11), o fetiche é um elemento que pressupõe uma unidade, é uniforme e facilmente transferível, basta que o elemento apareça em outro lugar, é “suscetível de ser encontrado em suportes individuais diversos, contanto que encontremos os mesmos traços”. Os objetos quando caem na ordem do fetiche, precisam conter os mesmos traços e características, pois é imposto certo número de condições ao objeto amoroso. E não é exatamente isso que ocorre com Annabel e *Lolita*?

Simone de Beauvoir (2016), ao estabelecer um paralelo entre as figuras femininas da mulher casada e da mulher prostituta, evidencia o sexo, para ambas, como um serviço a ser prestado ao marido ou aos clientes. Em *Lolita* ocorre o mesmo: o discurso acerca da sexualidade feminina se constitui para benefício exclusivo de Humbert Humbert que, classifica dois sexos femininos, e goza com a nomeação. Dolores não sabe que é nomeada como ninfeta, visto que, ela e *Lolita* não são uma, mas duas: a menina e a ninfeta. Humbert Humbert nunca amou Dolores, somente *Lolita*, a quem ele nomeia e cria. Assim, Humbert Humbert deposita um véu sobre *Lolita*, de tal modo que ele não vê Dolores, apenas a ninfeta, transformando-a em objeto fetiche.

Desse modo, as mulheres de *Lolita* tem sua sexualidade determinada pelo olhar de Humbert Humbert, que as define ao modo de seu próprio e exclusivo interesse. O seu discurso sobre todas as mulheres é violento, pois elas não são consultadas, não a espaço para a existência de uma subjetividade feminina, de modo que elas apenas ocupam os papéis que ele lhes dá em sua cena, esvaziadas.

Um recurso possível para a desconstrução de nomeações imputadas às mulheres, incluindo a *ninfeta*, é o aforisma de Lacan de que A mulher não existe, pois constituindo-se na incompletude, ela deverá construir seu vir a ser na feminilidade de modo singular, cada uma ao seu modo. Segundo Lacan (1972-1973/2008, p. 79), “não há mulher senão excluída pela natureza das coisas que é a natureza das palavras”. Portanto, se não há o que a defina, a mulher

pode, ao tentar compensar a sua falta, se representar pela via do excesso, ultrapassando aquilo que já se tentou dizer sobre ela.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, S. (1967). **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- LACAN, J. **Seminário, Livro 20**: mais, ainda, (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MILLER, J.A. Uma partilha sexual. **Opção lacaniana** nova série. Ano 7, n 20, julho 2016.
- NABOKOV, V. (1955). **Lolita**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.



MESAS SIMULTÂNEAS

SALAC - MESA 01

AMOR E EXÍLIO NA PSICOSE

O AMOR E SUA MANOBRA NA PSICOSE: O CASO WALTER

Rosângela Ribeiro - Participante da SLO

“Amor é não ter. Inclusive amor é a desilusão do que se pensava que era amor.”

Clarice Lispector – “Felicidade Clandestina”

Trata-se aqui de um brevíssimo apontamento se comparado à sua complexidade clínica e teórica. Proponho-me a falar do amor. Visto que Jacques Lacan inicia o *Seminário, livro 20* dizendo que “já faz muito tempo que eles não falam mais do que isso, de amor”, seria legítimo perguntar: - “Mas de qual amor?” Proponho-me, então, a falar de um amor em um delicado terreno, a saber, do amor na psicose. Para isso, explorarei um caso clínico, ao qual nomeio o “Caso Walter”.

Sabe-se que se busca o amor na tentativa de afastar o sofrimento, porém,

“nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade.” (FREUD, 1976, p. 101).

Nesse sentido, amor e sofrimento, estão ligados como Moiras que tecem vida e morte com o mesmo tear, como Lacan também traz o *amódio*. Se outrora, o maior bardo português escreveu que se “transforma o amador na coisa amada, / Por virtude do muito imaginar” (CAMÕES, s/d), a psicanálise desconstrói realisticamente qualquer ideia que lhe seja semelhante, retirando-lhe a completude e o apontando como falta. O amor é um muro de linguagem, aqui comparece a castração, como diz Lacan, “o amor visa ao ser, isto é, aquilo que, na linguagem, mais escapa – o ser que, por um pouco mais, ia ser, ou, o ser que, justamente por ser, fez surpresa.” (LACAN, 1985b, p. 55). Nesse sentido, o amador não se transforma na coisa amada, pois do ser não é possível ter nada. Ele escapa! Logo, não é possível ter o outro, por isso o amor se dá enquanto muro de linguagem.

Ao compreendermos que do amor as palavras faltam, vejamos o que se pode dizer da *erotomania*. Ela é um fenômeno constante do amor nas psicoses, porém isso não resolve a

questão do amor, uma vez que ele pode se tornar absoluto e levar quem ama a ideias destrutivas. Mas, às vezes, o amor nas psicoses pode ser um modo de substituição, apenas um nó, pois falta o semblante para atuar como um quarto anel. Sob essa perspectiva, “o amor é uma pedra risonha ao sol”, ou seja, uma metáfora que não satura ou sutura o significado, algo aí não funciona. Conforme diz Lacan, “nas psicoses [...] o inconsciente está presente, mas a coisa não funciona.” (LACAN, 1985a, p. 164), porém o amor não é rejeitado.

É nesse cenário teoricamente descrito que Walter chega à clínica, demonstrando a *erotomania* como uma forma de amor. Em uma de suas primeiras entrevistas, ele revela: “Estou apaixonado pela minha ex-analista e ela também. Mas seu marido está atrapalhando, me senti pronto em me declarar para ela, mas não consegui sustentar, fiquei inseguro. Ela então, achou melhor eu procurar outro analista.” Em outra entrevista, seu delírio comparece: “por muito tempo planejei matar o marido dela, ela e depois eu.”

Jacques-Alain Miller e a experiência clínica mostra-nos que, em relação ao tratamento das psicoses, “é preciso avançar com prudência” (MILLER, 1996, p. 156). As manobras com a linguagem podem causar reveses ou a boa condução do tratamento. Miller adverte-nos que

com efeito, que a linguagem, em todo caso, já está aí — quanto a isso, não há diferença entre neurose, perversão e psicose. Desde o momento em que a linguagem já está aí, o lugar do Outro, por definição, está constituído. *Mas isso não implica que, pelo mesmo movimento, o sujeito, por sua vez, esteja aí— ele está por nascer. E nós não o abordamos de um outro modo quando o colocamos, de acordo com o discurso analítico, como efeito do significante* (MILLER, 1996, p. 157. Grifos nossos).

Sob essa diretiva do tratamento, qualquer movimento fora do prumo poderia fazer a analista atual vir a ser sua nova mira do amor. Walter, à medida que suas sessões avançam, expõe-se sob a lógica clínica já demonstrada por Lacan quando, em

“La Tercera”, ensina-nos que “na transferência, o analista é o sujeito suposto saber e não está errado supô-lo, se ele sabe em que consiste o inconsciente, por ser um saber que se articula com *alíngua*, não enlaçando-se a este saber, o corpo que ali fala somente pelo real com que se goza.” (LACAN, 1988, p. 89. Tradução livre.).

Além da prudência nas manobras com a linguagem, as manobras da transferência também são milimetricamente pensadas pela analista. Em algumas colocações acerca da transferência na psicose, Antônio Beneti ressalta que é de grande importância estabelecer um “*vínculo frouxo transferencial*: afrouxando o vínculo transferencial, com intervalos temporais cronológicos mais longos entre as sessões, redução do tempo delas, por exemplo, diminuindo, afrouxando o tensionamento desse vínculo, com alongamento da distância entre *a'* (paciente) e *a* (analista). Reduzindo, temperando o gozo do sujeito na posição de objeto” (BENETI, 2017).

Walter traz constantemente para suas sessões o ódio, sobretudo quando emergem lembranças de sua ex-analista como única possibilidade de amor. Vez ou outra o delírio retorna, mas o retorno é contundente, tangenciando o surto. Pergunto-lhe se ele não escreve sobre esse afeto. Diz-me que não, mas iria começar a escrever esses pensamentos. Poderia, assim, haver uma materialização de seu delírio, mas ele recua. As sessões avançam. Em dado momento, Walter diz que nunca havia feito uso de aplicativo de relacionamento, pois não tinha coragem de escrever. Mas, agora, ele escreve e tem muitas conversas. Ainda não tivera coragem de marcar nenhum encontro. A *falta de coragem* é um significante que se repete em várias sessões. O significante *falta de coragem* abre espaço ao significante *falta de ereção*, decorrente do efeito da *Risperidona*. Sabe-se que a “prótese química nesses casos tem um lugar, considerando o fármaco no Nó de Borromeu e a transferência” (BENETI, 2017).

Essa *falta de ...* coloca o corpo de Walter em evidência. Paulatinamente, ele diz que teve uma infância feliz, jogava bola e queria ser jogador de futebol. Chegou a praticar em um clube futebolístico, mas hoje sabe que seu joelho não lhe permite mais e que depois da internação não quis voltar ao clube, pois as pessoas ficavam olhando para ele. A analista aposta nesse corpo que em algum dia teve um desejo, um desejo estilhaçado. Na prudência da escuta, vê-se, ali, uma centelha de desejo, que pode ser deslocado para academia, natação e caminhada. Não é a analista que lhe indica o que é bom, mas através do *seu próprio dito*, costuras vão se tecendo, centelhas alumiam-se e Walter mesmo dá lampejos de fulgurações de seu corpo. Ainda que sob o seu corpo borrado, Walter consegue localizar alguns contornos de seu corpo em outros espaços, que não apenas no sexo. Mas agora, percebe sua paixão pela professora, pela colega de academia, pela funcionária da empresa e por tantas outras. Quando traz suas paixões, a saber, seu *pathos* (sofrimento), Walter inquiri a analista: - “Doutora, tenho que lembrar que e só fantasia, né?”

Seria isso um semblante? Creio que não. Isso é uma reprodução que o faz parar, que o impede de seu gozo sem fim, sem limite, sem castração. Walter recorre à análise para melhorar as condições de sua existência, mas também tem o desejo do analista que se nega a fazer cúmplice do seu gozo mortífero. Desejo que reside sob a égide da escuta minuciosa, da prudência, da humildade face à potência dos casos clínicos. Desejo que compreende a importância e o valor dessas modalidades psicóticas do objeto *a*, restos, coisas que põem um dique na significação absoluta e infinita, como é o caso da *erotomania*.

REFERÊNCIAS:

- BENETI, Antônio. Lógica da transferência e psicose. Disponível em: <http://www.ebpbahia.com.br/jornadas/2017/author/xxiijornada/XXIIJornadaEBP-Bahia>. Acesso em: 20/04/2020.
- CAMÕES, Luís Vaz de. Transforma-se o amador na coisa amada. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf>. Acesso em: 03/05/2021.
- LISPECTOR, Clarice. Felicidade Clandestina. In: _____. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 9 – 12.
- FREUD, S. Mal-estar na civilização. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 73 – 171.
- LACAN, Jacques. La tercera. In: *Intervenciones y textos*. Buenos Aires: n. 2, Ediciones Manantial, 1988, p. 73 – 108.
- _____. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985b.
- _____. *O Seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985a.
- MILLER, J.-A. Produzir um sujeito? In: *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996, p. 155 – 161.

AMORTEMOR

Fabício Martins Pinto - Participante da SLO



Figura 01. "amortemor", CAMPOS, A. 1970.

A experiência clínica da psicanálise é uma experiência de amor, uma vez que se funda em um território econômico, intensivo e erótico por definição, que é o território da pulsão (*Trieb*) e da sexualidade. Essa economia erótica e intensiva se expressa, ao menos a princípio, em duas gramáticas: a ternura (*Zärtlichkeit*) e a sensualidade — suas duas correntes, conforme afirma Freud no segundo ensaio da série “Contribuições à psicologia do amor” (1910a/2013). A compreensão da sexualidade em função do desvio (*Abweichungen*) de uma meta reprodutiva e de um objeto pré-estabelecido, passando a ser compreendida a partir dos conceitos de pulsão e de libido e do plano econômico que estes conceitos sistematizam, inscreve o amor em uma economia erótica: a expressão *libido* — não raro usada como sinônimo de amor no texto freudiano — remete a essa intensidade ou magnitude quantitativa em circulação na economia das relações amorosas, como podemos observar em “Sobre psicanálise selvagem” (1910b/2013), texto em que Freud afirma, de maneira explícita, que emprega o termo *sexualidade* no mesmo sentido abrangente do termo alemão *lieben*, que designa *amar*.

De modo que o discurso sobre a pulsão e a sexualidade que se constitui nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/2010) se revela um discurso sobre o amor, e se a experiência clínica da psicanálise é uma experiência de amor, é preciso destacar que no centro dessa experiência está a dimensão econômica da pulsão e da sexualidade — falar de amor é falar do território econômico da pulsão e da sexualidade, e de um amor que não exclui as aberrações próprias desse território marcado pelo desvio. É pelos movimentos aberrantes, próprios da pulsão e da sexualidade, que o amor se define: segundo Freud, “A onipotência do amor talvez não se apresente jamais com tamanha força como em suas aberrações.” (1905/2010, p.57). As-

sim, através da aberrância pulsional, somos levados a destacar um amor aberrante, que não se conforma ao utilitarismo do interesse e à organização do cálculo entre prazer e desprazer; um amor que não se reduz ao altruísmo ou à identificação harmônica de si com o outro, ou o ser que se quer encontrar no outro; tampouco é um amor da justa medida ou da reunião de dois que subsumem suas diferenças em um terceiro, como no mito de Andrógino. Mas, sim, um amor que, em sua aberrância, inclui as diferenças inconciliáveis, aquilo que não se harmoniza nas identificações, e até mesmo o que há de ódio — é pelo fato mesmo de ser uma experiência de amor que a psicanálise é também uma experiência de ódio e de tratamento desse afeto, vide o trabalho de Ferenczi e de parte expressiva da Escola Inglesa sobre o tema do ódio, sobretudo na contratransferência, e também Lacan que, no livro 20 de “O seminário” (1972-1973/2008), conceitua essa aberrância do amor na alcunha do termo traduzido por amódio (*hainamoration*).

No caso do ódio, conceituado por Freud (1915/2010) como uma reversão do amor a seu oposto, é ainda uma maneira de manter a relação com o objeto e de se conectar ao objeto desaguando, nessa conexão, a magnitude ou intensidade dessa economia pulsional antes vivida como amor. Não obstante o ódio, indo além nas aberrâncias do amor, é preciso incluir aí também uma tendência disjuntiva que já não tende propriamente à relação com um objeto, que já não encontra na conexão com dado objeto uma via para desaguar a intensidade, que está além de um *avessamento* do amor, mas que pode, certamente, ser revelado pela radicalidade destrutiva do ódio. Um amor que inclui uma tendência *além* do cálculo do prazer e do desprazer, um amor que excede qualquer princípio de organização da vida subjetiva, que inclui o excesso e a desmedida; um amor não somente conectivo, mas disjuntivo; um amor que admite o ódio, e que também não exclui a morte. Isto é: do amódio ao *amorte*, afirmando uma paradoxal experiência da morte onde, até então, a tradição psicanalítica hegemônica admitiu apenas a experiência da perda e da morte do outro, sendo a morte de si como um limite intransponível e inexistente no plano do Inconsciente, posto que negativamente descrita. Nesse *amorte*, aberrância do amor tanto quanto da morte, não se trata apenas de uma experiência de perda do que é amado, mas de morte mesmo daquele que ama: morre o que se é, morre o outro, morre o amante e o amado, morre a conexão na disjunção, e morre o *eu* e o objeto no amor — uma *morrência*, um *morre-se*, mas em vida e para vida, para que outras formas de vida possam emergir e ganhar passagem. Afinal, se o amor é da ordem do acontecimento, é preciso destacar, de acordo com Deleuze (1969/2015), que no acontecimento há algo de morte que condiciona a transformação da própria vida, fazendo ir além do que se é.

Consideramos que essa refundação da morte no amor se torna viável a partir do conceito de pulsão de morte (*Todestrieb*), proposto por Freud em função dos efeitos político-subjetivos da Primeira Guerra Mundial no texto “Além do princípio do prazer” (1920/2010), que só pode ser restritamente interpretado como um retorno a uma morte inanimada e negativamente descrita como a inércia do Nirvana sob preço de secundarizar o aspecto excessivo da intensidade pulsional que insiste na compulsão à repetição. Podemos inserir, assim, uma contracorrente, uma corrente disjuntiva, além das correntes conectivas da ternura e da sensualidade no amor: a morte. É no sentido dessa corrente que a gramática do erotismo não exclui o tanático, e é nessa *mescla* ou *amálgama*, conforme Freud destaca em “O problema econômico do masoquismo” (1924/2010), que aquilo que se interpreta como um dualismo

pulsional entre Eros e pulsão de morte pode ser pensado, antes, como uma *agonística* — não mais um psiquismo estruturado em termos de um conflito dualista, mas que devém no jogo agonístico de Eros com pulsão de morte. Motivo pelo qual, sendo a experiência clínica da psicanálise uma experiência de amor, esse amor conjuga consigo algo de morte a ser afirmado como um *morre-se* em vida e para vida — tal como o poema concreto de Campos (1970/2015), apresentado no início do presente texto.

No poema, amor e morte se entredevoram no espaço de um triângulo, e nessa conjugação um terceiro termo emerge, a saber, o *temor*. Isso porque conjugar amor e morte, tendo como direção uma morte refundada no amor, um *morre-se* vitalista, em vida e para vida, é também assumir o risco dessa morte ganhar um destino mortalista, lúgubre, mortificado, destino da morte derradeira, sendo o temor o índice desse risco. Repensar o amor sem excluir a morte e seu temor é inseparável do vetor de mortificação do capitalismo contemporâneo em que não só se gesta a vida, mas cultiva-se a morte mais lúgubre, mais inanimada, em uma política da guerra e do terror (MBEMBE, 2013). É isso o que torna possível, uma vez mais, escutarmos o horrível grito “Viva a morte” (SANTOS, 2018), e o retorno do fascismo e suas estratégias genocidas com seu apelo último e explícito em condenar à morte, mortificando ou eliminando, tudo aquilo que é desviante e aberrante de seu modo de vida. Para fazer frente a essa morte, um *amorte*.

REFERÊNCIAS:

- CAMPOS, A. (1970). **Viva Vaia (Poesia 1949-1979)**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.
- DELEUZE, G. (1969). **Lógica do sentido**. 5. ed. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 6.
- FREUD, S. (1910a). **Um tipo especial de escolha feita pelo homem**. In: _____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v. 09.
- FREUD, S. (1910b). **Sobre psicanálise “selvagem”**. In: _____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, v. 09.
- FREUD, S. (1915). **Os instintos e seus destinos**. In: _____. Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12.
- FREUD, S. (1920). **Além do princípio do prazer**. In: _____. História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917- 1920). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 14.
- FREUD, S. (1924). **O problema econômico do masoquismo**. In: _____. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 16.
- LACAN, J. (1972-1973). **O Seminário**. Livro 20: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MBEMBE, A. Necropolitics. **Public Culture**, Duke University Press, v. 15, n. 1, p 11–40, 2003.
- SANTOS, L. G. dos. Viva a morte! **Série Pandemia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

UM NOVO AMOR NA VIDA DE UMA ADOLESCENTE: DO AMOR AO PAI AO AMOR DE TRANSFERÊNCIA

Renata Tavares Imperial - Participante da SLO

Para abordar o tema do *amor nos tempos das cóleras*, escolhi trazer um caso clínico, que atendo no CAPSi. Uma adolescente de doze anos, que nomeei Telma, que em meio a pandemia de covid19 e na véspera do Natal de 2020, foi retirada de sua casa e posta em uma instituição de acolhimento, pois seu pai sofreu um AVC e precisou ser internado. No hospital foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide, além das sequelas motoras e mentais do acidente cerebral. A medida protetiva foi necessária, pois nenhum familiar se dispôs a cuidar dela e de seus dois irmãos.

Seu contexto familiar é bem singular. Sua mãe possui origem indígena, viveu no Norte do país até *ser vendida* para o pai de Telma, trinta anos mais velho. O pai de Telma, um forasteiro errante, se encantou por aquela índia e a tomou, literalmente, para si. A menina nasceu lá e com oito meses mudou-se para o Espírito Santo, estado de origem do pai. Sua mãe foi assassinada, suspeita-se do pai, mas isso nunca foi esclarecido. A mãe era usuária de drogas, supõe-se que havia envolvimento com o tráfico. Na época de seu falecimento, Telma tinha três anos e os outros dois filhos tinham um ano e um bebê de dois meses.

A queixa do Abrigo endereçada ao CAPSi era que a adolescente era *muito agressiva e manipuladora*. As relações com as pessoas eram muito difíceis, marcadas por agressões e desconfianças. Telma enfatizava que o único laço que possuía era com seu pai, com nenhuma outra pessoa ou familiar: *eu só quero saber do meu pai; a única coisa que me faz feliz é o meu pai*, dizia ela.

A princípio, Telma não demandou qualquer tratamento. Questionava o motivo, dizia não querer e não ter perfil para ver a analista duas vezes por semana: *não sou doida*. Porém, uma contingência muda essa posição: Telma faz uma brincadeira com uma das acolhidas, tomando suas palavras ao pé da letra, desencadeando uma discussão violenta. Telma se surpreende com sua própria reação: ela escutou as ofensas e não conseguiu falar nada, não revidou, ficou atordoada, e, em um só depois, esboçou seu desejo de reagir, já que seria de sua natureza: *fui criada a pedra, porrada e bomba*. Mas em vez de reagir buscou a equipe do Abrigo, falou de sua vontade de agredir, mas não concretizou suas ameaças e pediu para ligar para a analista. A sessão foi feita por telefone pois ela e todos os outros acolhidos estavam com covid19.

O reencontro de Telma com a loucura lhe impulsionou em direção à análise. A ausência de sentido e o não saber com o real foi endereçado ao suposto saber do analista. Estava estabelecida a transferência, a despeito de seu horror às figuras femininas. A certeza fantasmática do abandono, que foi como ela leu a morte de sua mãe, lhe impedia de se vincular às cuidadoras, às professoras e às mulheres de sua família. A analista se tornou uma exceção. Ressalto a ressalva de Freud (1915) de que manejar o amor de transferência é diferente de demandar o amor do paciente, ou até mesmo qualquer outra demanda como bom comportamento, boas notas na escola, etc. Esse ponto foi decisivo para que Telma se abrisse para o trabalho analítico e pudesse tratar de sua própria loucura e de suas dificuldades de convivência com as pessoas, com exceção do pai.

O pai tem oito filhos, mas não participou da criação deles, exceto os últimos três, Telma e seus irmãos. Telma se vangloria de ser a escolhida do pai, desse não ter cedido ela pequena para ser criada pelos familiares.

Além do horror pandêmico, Telma teve que se haver com o horror da castração de seu pai – ele adoeceu, *falhou*, embora dissesse: *meu pai não falha* – além de sua própria, por não ser tudo para seu pai. Em seus sonhos de angústia, que a despertam, Telma revive uma das questões que lhe apavorava: ser quem estraga a felicidade do Outro, ser a *estraga-prazeres*. Ainda internado, por meio de uma vídeo chamada, seu pai lhe contou, *com um sorriso enorme no rosto*, que irá se casar. Telma reviveu as experiências anteriores, em que se sentiu a responsável por causar o fim de relacionamentos do pai. Falou de sua tristeza por não ser suficiente ao seu pai, *eu sei que quando ele fala que se sente sozinho, ele não está falando que não tem a mim ou os meus irmãos, ele está falando que não tem uma esposa*. Telma localizou a diferença que existe entre ela como filha e uma mulher para o pai, mas questionava sobre o motivo dela se importar com isso e de seus irmãos não. Esboçou uma resposta dizendo: *existe uma diferença, eu sou menina e eles são meninos*. Sabemos com Lacan que o que está em jogo *não é o campo dos significantes e seus atributos, do gênero ou da anatomia, mas as dimensões do não-toda e do não há* (MACEDO, 2021, p.32). Essas dimensões têm comparecido em seu processo de análise.

Telma conseguiu dizer, aos prantos, sobre a opacidade de sua angústia: *o que me destrói por dentro é saber que meu pai falhou. Ele falhou comigo*. O horror causado pelo real se impõe. E se atualiza em seu cotidiano na medida em que essa falha do pai incide diretamente em sua condição atual, de ter que viver em um Abrigo, pois o pai se afastou de todos os familiares, com sua certeza delirante que iriam tomar seus filhos dele.

Nesses tempos de cóleras, suas balizas edípicas, seu modo de agir, seus ideais foram fortemente abalados. Sua vida está em suspensão. O compromisso amoroso estabelecido via transferência, tem possibilitado a essa adolescente se haver com seu amor ao pai, saída edípica encontrada para lidar com a castração. Segundo Santiago (2021), *o amor familiar é esse lado de fora, que responde ao real do não há concernente à relação entre os sexos. Com o amor familiar, cada um dá corpo a seu sintoma, ou seja, inventa-se um saber no inconsciente*. O encontro contingencial com a psicanálise lhe abriu a via de acesso a uma marca de seu nome, dado pelo pai, doce e amável, apesar de ter sido criada *a pedra, porrada e bomba*. O

excesso foi contornado pela palavra. O convite para falar de suas cóleras, via transferência, foi aceito e Telma tem se servido de sua análise.

REFERÊNCIAS:

FREUD, S. (1915). Observações sobre o amor de transferencial. In: Fundamentos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Obras Incompletas de Sigmund Freud; 6)

MACEDO, L. Onde não há relação, qual laço? In: ALVARENGA, E, MACEDO, L. Mutações do laço social: o novo nas parcerias. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 2021.

SANTIAGO, A. L. Família, Amor e Sintoma. In: Rubricas “Novas formas de amor familiar” do X Enapol 2021. Disponível em <http://x-enapol.org/pt/portfolio-items/familia-amor-e-sintoma/?portfolioCats=26>

A DEMISSÃO DO AMOR

Fabiana Engel Fratari - Participante SLO

A função do amor é fazer passar do gozo ao desejo, como assinala Miller em *O parceiro sinthoma*. Se há a demissão do amor, então fica-se totalmente à mercê do gozo? Sem o amor, as relações estariam à serviço do mais de gozar? Fiz esse questionamento para direcionar minha pesquisa e tentar descobrir quais são as consequências das novas relações amorosas que muitos jovens estão aderindo. Por meio dos aplicativos de encontros, em uma boa parte dos “usuários”, uso essa palavra para dar enfoque como uma adição, fazem uso da plataforma para colocar o corpo na engrenagem do consumo capitalista, o qual está a serviço do gozo e que transforma o corpo, o sexo, em mercadoria. Oferecem seus corpos e buscam outros corpos como objetos de troca, como alguns dizem “relações casuais”, e assim não se prendem e ficam livres para “escolher o que quiserem”. É nesse contexto que utilizo a expressão demissão do amor.

Miller no texto *O inconsciente e o ser falante*¹ destaca as mudanças conceituais na psicanálise a partir da segunda clínica de Lacan. Uma construção teórica onde o foco se desloca do simbólico para o real e com isso a análise do inconsciente passa a ser à análise do falasser. Na era da pornografia, onde “tudo é exibição de corpo evocando o gozo”, tudo parece que gira ao redor dessa busca ao gozo, a satisfação sem barra, até mesmo a fantasia é oferecida pronta e servida em bandejas à função escópica para se fartarem. “o que representa a onipresença do pornô no começo deste século? Nada senão: *a relação sexual não existe*. consequências nos costumes das novas gerações, quanto ao estilo das relações sexuais, já estamos acompanhando: desencantamento, brutalização, banalização.”²

Desencantamento, brutalização e banalização, três significantes que apontam para a falta do amor, ou pelo menos da função do amor, que tem como efeito a mediação entre gozo e desejo. Lacan no seminário o avesso da psicanálise formaliza os quatro discursos do inconsciente. Porém já apontava que o discurso do capitalista, uma derivação do discurso do mestre, subvertia as regras. No discurso do mestre clássico, o saber está no escravo, ele tem o *savoir-faire*, “mas o que sabe muito mais ainda é o que o senhor quer”³. Esse discurso marca que enquanto Mestre, ele não precisa saber “um verdadeiro senhor não deseja saber de abso-

3 LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise, Zahar 1992, p.32

lutamente nada – ele deseja que as coisas andem.”⁴ No livro *Um Real para o século XXI*, Mario Goldenberg fala do discurso capitalista como um discurso sem avesso e que obriga o psicanalista a reconfigurar a prática. É um discurso do mestre modificado, onde este se apropria do saber do escravo, “é preciso levar em conta de que o fato do S₁, situado sob a barra, no lugar da verdade, se constitui um imperativo de saber.”⁵ É um discurso que rejeita a castração de todos os campos do simbólico, e leva ao impossível do sexo, deixando de fora o que Lacan chamou de “coisas do amor”. “Todavia, esse *mais* (do mais de gozar) não comanda da mesma maneira que o ordenamento produzido pelo S₁, sobre a forma de identificação, da hipnose, da sugestão e do amor. Ele é astucioso por deixar cada um diante da liberdade do imperativo do mais de gozar.”⁶ Sem a mediação da castração, excluída do discurso, como abordar o sujeito do desejo?

Continuando no texto de Miller, ele faz a distinção entre Sintoma e Sinthoma, as grafias diferentes mostram a mudança no ensino de Lacan quando ele sai da clínica do inconsciente estruturado como linguagem para a clínica do nó que apresenta o falasser, que inclui o real no corpo. Sinthoma é “uma palavra, um conceito que é da época do falasser. Ele traduz um deslocamento do conceito de sintoma, do inconsciente ao falasser”.⁷ O que acontece com o amor na passagem do sujeito do inconsciente ao falasser que está cada vez mais submetido às regras do discurso capitalista? Ainda há espaço para que ele possa exercer a função de barra e condescender ao desejo?

Lacan propõe no seminário 23 dois tipos de laço que fazem a amarração do nó de trevo. Um deles conduz ao encontro onde a relação sexual não existe, um laço que mantém a equivalência entre os sexos, e assim cada um vive e se relaciona com sua fantasia e da sua posição de objeto. O outro, é um nó bem específico, pois ele é feito no lugar exato onde ocorreu a falha, fazendo com que não haja a equivalência e que a relação sexual exista, o que ele deu o nome de Sinthoma. “Há relação na medida em que há sinthoma, isto é, em que o outro sexo é suportado pelo sinthoma.”⁸ Das três possibilidades de fazer a amarração no nó de trevo, apenas uma é da dessa ordem. Quando o amor é um sinthoma, ele é, portanto, um acontecimento de corpo. Ser o sinthoma não é para qualquer um, há algo da escolha insondável, da ordem de uma contingência. O que não quer dizer que o amor sinthomático seja sinônimo de felicidade e harmonia. Nieves Soria em seu livro *Os nós do amor*, fala que o nó do amor é impossível, mesmo quando há sinthoma, como parece ser no caso de Nora, ela menciona Lacan quando ele diz “que Nora cumpre essa função de sinthoma para Joyce, já que usa como uma luva.”⁹, porém uma luva do avesso.

4 Ibidem, p.23

5 GOLDENBERG, Mário. *Scilicet, Um real para o século XXI*, AMP, Scriptum, 2014, p.119

6 Ibidem, p.120

7 MILLER, Jacques-Alain. Op. cit.

8 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 23: O Sinthoma*, Rio de Janeiro, Zahar 2007, p. 98.

9 Tradução livre

10 SORIA DAFUNCHIO, Nieves. *Nudos del Amor*, Buenos Aires, Del Bucle 2011, p.139

Nieves traz no livro muitos nós distintos do amor, pois ele eventualmente faz laço. O amor neurótico, o amor transferencial, o sinthoma, o amor devastado, não há uma única possibilidade do enlace. Ela descreve o conceito da relação sexual não existe como “que um homem e uma mulher se relacionam justamente aí onde não existe a relação”^{11,12}.

Num mundo onde o imperativo do gozo, que se vocifera quando não se é atendido a tempo e a hora, como fica o amor que necessita de investimento, construção e renúncia? A questão se demite ou não o amor, está mais do lado se contrata ou não o amor. Será que ficaremos reféns ao único tipo, que acontece sem pedir licença e aí torcer para que seja uma boa amarração, pois sua demissão não é nada fácil? Uma coisa é certa, dos benefícios do amor só se usufruem quem o contrata e que não o demita nos primeiros contratemplos, pois serão muitos, mas via de regra, amar é bom.

¹¹ Tradução livre

¹² Ibidem, p.18



MESAS SIMULTÂNEAS

SALA C - MESA 02
AMOR SINTOMA

PODE O AMOR DE TRANSFERÊNCIA SER- VIR DE CONECTOR PARA UMA MULHER?

Gabriel Caixeta - Participante da SLO

Para Laurent (2012) não há palavras para o ser-mulher, o que a coloca no campo da invenção, e da solução. Lacan (1998), descreve à mulher, na impossibilidade de ser o falo da mãe, uma solução seria ser o que falta aos homens. Destaco que pensar o feminino como solução frente a falta que o falo presentifica, não deixa de nos remeter a histeria como outra via, àquela que se dá pela identificação. Assim, enquanto na histeria teríamos o apoio no falo, no feminino o apoio estaria fora dele.

Ser o que falta aos homens às vezes encontra um ponto de ilimitado, e Laurent (2012, p.102) diz que no amor, há para o sujeito feminino uma

“[...] placa giratória na qual o sujeito se lança cada vez mais longe no dar tudo ao homem amado, Ser tudo para ele, por uma via na qual o sujeito tenta, em nome do amor, transformar seu ter, o que ele tem, seus bens, em ser – Tudo dar para ser tudo”. Seguindo este caminho “[...]inexplicavelmente, produz-se uma balança, e o sujeito percebe que não é mais nada para o outro, que ele é dejetado maltrato, que ele se encontra vazio” (p.102).

Recolhemos isso nos testemunhos de passe, e casos que chegam a nossos consultórios.

J. chega devastada em suas parcerias amorosas. Sua demanda inicial surge depois de perder dinheiro para um estelionatário que conheceu por aplicativo. J. que cresceu ouvindo, “Você foi achada na lata do lixo”, o que provocava riso em seus pais, se apresentava aos homens como “boa moça, burrinha e rica”, coisa que não, e pronta a dar tudo a eles. Ao ex-marido, que serviu para lhe tirar da casa dos pais, ofertou dinheiro, e a ascensão profissional. Foi com ele, que J. consentiu em participar de festas swings e orgias, pois “dava mais tesão a ele”, o que a deixava devastada. Nos relacionamentos, sua posição era sempre de provedora, fosse de dinheiro ou de seu corpo. Posições que sustentava na mesma fantasia que tinha com relação aos pais “Preciso cuidar deles, pois sem mim eles não conseguem”.

No passe de Pepita, na ocasião de sua terceira análise, a analista-mãe, “Foi preciso arrancar da angústia sua certeza para desarticular a suplência da relação mãe/filha que repousava nas mais obscuras engrenagens fantasmáticas, a começar pelo falicismo de quem queria ser

tudo na parceria amorosa” (FUENTES, 2018, p.150). Localiza que sua fantasia de ser “tudo” retorna sob a face da devastação, o que ela irá nomear de “fazer-me abandonar”, pois era enigmático o motivo pela qual ela abandonava os que a desejavam, e escolhia aqueles que iriam a abonar. Este ponto é algo que aparece, sob transferência, na série de analistas que ela escolhe.

Tais recortes, cada um a sua maneira, nos possibilita pensar que ser a mulher que falta ao homem, embora seja uma via possível é uma solução que não encontra a dimensão do feminino, ao contrário, resiste a ele. Esse ser tudo coloca o sujeito no campo do objeto que pode se tornar dejetivo.

O ponto que se localiza, tanto no fragmento, onde se recorta que J foi “achada na lata de lixo”, quanto no testemunho, em que as Pepas servem para ser jogadas no lixo, é o fato de que ao feminino é destinado lugar do prejuízo, o que lança os sujeitos na busca de algo que dê consistência ao ser. Nesta via, o falo o eleito para o amparo, o que se dá às vezes pela via da parceria amorosa, onde o homem passa a servir como conector.

Pepita nos conta que foi aos 17 anos, “[...] após ter sido deixada por um namorado” (FUENTES, 2018, p.237) que ela decide iniciar a análise. Em outro testemunho, ela marca que o início de sua análise se deu “[...] ao me ver refletida no espelho do quarto dos meus pais a imagem difusa do estranho abismo que me habitava” (FUENTES, 2018, p.148). Não seria a perda deste relacionamento, fracasso do conector como aquele que daria acesso ao feminino, que a coloca frente a um dos nomes do real?

O caso J. também parece ensinar isso, pois é a partir do rompimento com o homem que a tratava como “uma mulher de verdade”, que levou dela seu ser e seu dinheiro que ela busca à análise. Na ocasião, J. sem o amparo do amor e do falo, fica imersa na pulsão de morte que a faz cair na cama em uma depressão sem fim.

Aqui, uma questão: Pode o amor de transferência servir de conector para uma mulher? Se sim, o que há de especificidade neste amor que se distingue do amor por um homem, uma vez que sob transferência o caminho não é a devastação, mas o fim de análise? Isso me surge a partir do dizer de Pepita “Falar em análise tornou-se uma paixão. Por fim, puder dar vida à minha e não abandonar aquele que me amava e que se tornaria meu marido e pai do meu filho”. (FUENTES, 2018, p. 149). O conector diz do fato de que a mulher não é sem o falo. Não se capturar na sedução fálica, não implica dizer que não se pode servir-se dele. O que intermedia a passagem do Outro para um homem para ser Outro para si mesmo, é a função do conector. Nesta passagem poderíamos localizar que o amor transferencial foi o que fez esta função?

No caso J. está mulher, passa a localizar o fracasso da solução que ela encontra para lidar com o vazio e a sensação de ser lixo, ou “água que se adapta a qualquer jarro”. Começa a se interrogar sobre outras saídas pois segundo ela, “Já entendi que esse vazio não vai deixar de existir, a questão é descobrir como lidar sem precisar me entregar como água a qualquer jarro”. A posição do analista aqui, sustenta-se no silêncio e em breves intervenções que fazem um corte, muitas vezes humorado, no ilimitado de sua demanda ao Outro.

Mais recentemente decidi fazer um mestrado em outro país, para tanto assume o cargo de diretora em uma empresa, o que a faz se interrogar “Como ser uma mulher sem ser, como minha mãe, que faz de tudo para não deixar faltar ao homem?”. É sob transferência, que J. passa a endereçar suas demandas, e na medida em o que lhe retorna é somente uma presença, por vezes silenciosas, por vezes irônica ou humorada, que pode começar a entender que quanto ao feminino, o que lhe resta é “Saber viver com a solidão”.

Referências:

LAURENT, Éric. Posição feminina: uma solução pela via do suplemento. (1993). In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. p. 87-99.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 734-745.

LAURENT, Éric. A duplicidade da posição feminina. (1993). In: *A psicanálise e a escolha das mulheres*. Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2012. p. 87-99.

FUENTES, Maria Josefina. (2018). Deixar-se escrever. In: Miller, J-A. *Aposta no passe: seguido de 15 testemunhos de Analistas da Escola, membros da Escola Brasileira de Psicanálise*. Org. Ana Lydia Santiago. Rio de Janeiro. Contra Capa. 2018. Coleção Opção Lacaniana, v. 14.

FUENTES, Maria Josefina. (2018). Uma pena. In: *Curinga – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise. Inconsciente: por que não existe relação sexual?* Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n. 45, Jan/jun. de 2018.

a'mur

Renato Carlos Vieira - Membro da EBP/AMP

O que há atrás dos muros (dos *amuros*) do amor?

Em “As cartas de amor”, o poeta Fernando Pessoa nos chama atenção ao escrever que *todas as cartas de amor – se há amor, são ridículas*.

Lacan, no final do ano de 1971 e no início de 1972, retorna ao Hospital Sainte-Anne para uma série “conversas”, endereçadas aos acadêmicos de psiquiatria, sobre “O saber do psicanalista”. Nesse mesmo período, na praça do *Pantheón*, no âmbito da Faculdade de Direito, ele ditava o seu Seminário (livro 19) “...ou pior”.

As conversas de Lacan em Sainte-Anne aconteceram na capela do hospital. Foi ali que ele proferiu a celebre frase “estou falando com as paredes” [murs] (Lacan, 2011, p.79).

Em resumo, Lacan retorna a Sainte-Anne para falar com os psiquiatras, percebe que não-todos são psiquiatras e conclui que está falando com as paredes da capela. Ao dizer isso, ele afirma que “ao falar com as paredes, isso interessa a algumas pessoas” (Lacan, 2011, p.79/80).

Chama atenção o fato das paredes, de acordo com Lacan, serem feitas para circundar um vazio (Lacan, 2011, p. 80). Logo, isso nos leva a pensar que há algo α mais nas cartas de amor do que o ridículo que nos chama atenção o poeta ou o sentido que o senso comum supõe no amor.

O enigma do amor

Lacan, na capela do hospital Sainte-Anne, nos convida a segregar o sentido com um certo vigor pois segundo ele, o sentido “é uma pequena borboleta acrescentada a esse objeto α com que cada um de vocês tem sua ligação particular” (Lacan, 2011, p. 85).

Sendo assim, Lacan nos leva a questionar sobre o que há de enigmático e indecifrável nas cartas de amor.

Sabemos, que “o amor demanda o amor” (Lacan, 1985, p. 12). Contudo, no seminário 20 - *mais, ainda* - Lacan sublinha que há uma falha de onde parte a demanda de amor e que, para localizar algo que seja capaz de “responder pelo gozo do corpo do Outro”, ele evoca o que há de “traços no amuro”. Em outras palavras, naquilo que “aparece em signos bizarros no corpo” (Lacan, 1985, p. 13).

No Seminário ...*ou pior*, Lacan agrega algo *a* mais ao que ele nomeou como sendo a carta de amuro. Ali ele completa “a verdadeira carta de amuro” com os seguintes termos: *Peço-te que me recuses o que te ofereço* – que recuses o que te ofereço *porque não é isso* (Lacan, 2012, p. 79).

Observa-se que Lacan indica uma clivagem da parede. Ele afirma que há alguma coisa instalada na frente (a fala e a linguagem) e por trás *isso* trabalha (Lacan, 2012, p. 74). Isso nos remete à dimensão da economia do gozo do ser falante, ou seja, àquilo que é sustentado pelo impossível - o real como impossível de fazer existir a relação sexual entre os seres falantes.

Estamos em um horizonte onde se vislumbra uma mudança de perspectiva no ensino de Lacan. Essa nova perspectiva visa colocar o gozo cada vez mais em evidência. Sabemos que até então o gozo estava segregado pelo amor em favor da emergência do desejo.

Miller nos diz que o que Lacan chamou de gozo nada mais é do que a satisfação interna da pulsão (Miller, 2009, p. 56).

O amor para Adão

Adão ao pedir uma análise manifesta um medo de que o seu casamento esteja por acabar.

Ele diz que ama Hosana e a eleva às alturas. Adão manifesta um desmesurado e inexplícável sentimento de posse por sua amada. Sua questão consiste em saber como é possível ela continuar ao seu lado, pois se ele fosse ela já teria se separado há muito tempo.

Logo, em seu dizer, observa-se que sua questão aponta para algo indizível subjacente ao seu amor por aquela que ele eleva às alturas. Vê-se que a dita manifestação de amor de Adão por Hosana guarda alguma semelhança com a “papinha sufocante” que nos fala Lacan (Lacan, 1998, p. 634).

Em síntese, a via do amor nesse caso se apresentava sob a condição de Adão fazer de Hosana um signo de amor, para obter deste uma constante insatisfação amorosa. Por suposto, diferente do que propõe Lacan no Seminário o sinthoma, livro 23, Adão não cogitava que “uma mulher é um sinthoma para todo homem” (Lacan, 2007, p.98).

A invenção de uma ideia sadia do amor

Lacan no Seminário “os quatro conceitos fundamentais da psicanálise” é categórico ao dizer que “é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado” (Lacan, 1985a, p. 158).

A satisfação é paradoxal, afirma Lacan. Ela coloca em jogo a categoria do impossível – o real da não relação sexual (Ibid., p. 158). Nesse sentido, tudo leva a crer que Adão, pelas vias de um amor obsessivo tentou, com seu modo de gozo, condescender ao desejo tomando uma mulher como A mulher. O resultado é que tanto o amor quanto o desejo foram tapeados por um gozo superegóico.

Entretanto, em sua experiência analítica, Adão demonstra ter se deslocado de uma posição em que se localizava numa relação amorosa pautada pela necessidade - ele demandava o amor de uma mulher com a crença de que ela possuía o dom de preencher o seu vazio; rumo a uma nova posição onde ele se permite estar aberto à contingência e pode supor que é possível vivenciar e suportar a demanda de uma mulher que não tem nada que possa preencher sua falta.

Desse modo, um novo amor pode surgir a partir do movimento do ser falante de admitir o objeto pulsional sem a pretensão de fazer dele algo seu e obter satisfação sem atingir seu alvo. Em outras palavras, a satisfação pode contornar o vazio ocupado pelo objeto a para, como disse Lacan, “se ter uma ideia sadia do amor” (Lacan, 2011, p. 95).

REFERÊNCIAS:

- Lacan, J. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- Lacan, J. *O Seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- Lacan, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Lacan, J. *O Seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985a.
- Lacan, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- Miller, J-A. *Lógicas de la vida amorosa*. Buenos Aires: Manantial, 2009.

A PSICANÁLISE E O PRINCÍPIO DE BERNOULLI.

Fernanda Fernandes - Participante da SLO.

Pensar o amor nos tempos das cóleras me fez inverter o sentido das palavras do título da Jornada e comecei a pensar no amor colérico, desde então começo a observar na própria prática clínica. Que o amor é tema frequente e por vezes até prevalece na clínica psicanalítica já nos é sabido, o que trago aqui é uma cadeia de pensamentos sobre o tema a partir desta frase, retirada da clínica: “A teoria de Bernoulli é linda”.

Não dedicarei tempo explicando Princípio de Bernoulli, apenas explico que é uma fórmula criada por Daniel Bernoulli, em que elabora uma equação que “descreve o comportamento de um fluido movendo-se ao longo de uma linha de corrente e traduz para os fluidos o princípio da conservação da energia” (“Princípio de Bernoulli – Wikipédia, a enciclopédia livre”, [s.d.]), ou seja, conhecida como a teoria dos fluidos.

Esta frase, elogiando a teoria de Bernoulli foi proferida por uma engenheira, ela elogia e se diz apaixonada pela fluidez das águas, este é seu trabalho, o interessante é que um dos temas que surge em sua análise é justamente a não fluidez em suas relações amorosas, e o quanto a questão do amor lhe é difícil, por vezes seu sintoma toma seu corpo numa angústia e dores paralisantes.

Trago também a bailarina, que dança o balé clássico, suave com seu corpo leve em danças quase que flutuantes, e em análise traz seu sintoma relacionado a sua vida amorosa, em relações que lhe causam angústia e coloca seu corpo para ser punido machucando a si mesma, causando danos por vezes irreversíveis.

E a economista, que trabalha com cálculos matemáticos e exatos, e uma vida amorosa colérica, com conflitos constantes, brigas intensas, causando crises de angústia paralisantes, uso de medicamentos, chegou a passar longas horas acompanhando o status on line ou não do whatsapp de seu amado.

E o homem que procura a análise porque sua vida amorosa “não deu certo”, e segue no sonho de casar e ter filhos, mesmo chegando aos cinquenta, e sabe que sua dificuldade com as palavras, e seu silêncio paralisante, o levou a grandes sofrimentos psíquicos pelo fim de seus relacionamentos.

Pensar nestes fragmentos colhidos não ao acaso, faz questionar na relação do amor colérico, a angústia no corpo e em todos eles aparece o mau uso das redes sociais, em que potencializa a angústia e conflitos nas relações, como portas que se abrem a estar em constante contato com o outro, objeto amoroso, como portas que se abrem a tomar posse deste objeto. Seria pensar o amuro, sem paredes, em que tudo pode ver, saber e ter?

Gustavo Dessal nos diz

“O amor só se dimensiona à medida que é posto em circulação a troco de nada, e se afirma quando é capaz de renunciar à miragem da unidade com o outro. A coragem do amor se mede por sua virtude em reconhecer aquilo que no outro nos é apresentado sob a forma da diferença – e mesmo assim ser capaz de acolher essa alteridade. Um amor despojado dos invólucros narcisistas exige disposição para a contingência do encontro e renúncia à fantasia da completude.” (BAUNMAN; DESSAL, 2017, p. 9)

Os fragmentos descritos acima dizem do contrário proposto por Dessal, diz de um amor narcísico que não renuncia “à miragem da unidade com o outro”, fazendo do outro objeto de sua angústia. O mesmo autor descreve

“A dialética entre Eros e Tânatos designa o fato de que a condição humana é atravessada pelo paradoxo de reinarem nela os desejos que promovem a vida, mas também a destruição. As pulsões de vida e de morte se enlaçam, constituindo uma estrutura de “intrincação”, isto é, uma estrutura na qual os representantes de Eros (o amor e desejo) devem estabelecer barreiras e limites à tendência letal da pulsão de morte.” (BAUNMAN; DESSAL, 2017, p. 11)

O amor faz suplência a relação sexual que não existe, mas o amor também marca esta impossibilidade. O amor e a cultura se enlaçam, se atualizando, trazendo novas e antigas questões, em tempos de amuros se potencializa a ilusão de falar do “gozo que existe na falta significante que faz S(A)” (STEVENS, 2021)? O sintoma para suprir efetivamente a relação de falta entre os sexos, fazendo véu. Se, “só o amor permite o gozo condescender ao desejo” (LACAN, 2005, p. 197), seria esta, a forma de transformar um amor colérico, que faz gozo e sintoma no corpo, um amor que demanda e goza na “demanda de receber do outro o que ele não tem” (BRAGA, 2021), para um amor que faz sustentar o desejo, numa relação com o Outro menos objetal, menos gozante? Seria esta a função do amor entre o gozo e o desejo?

O amor pode promover o sujeito a ocupar um novo lugar, transformando o amor, inventando uma forma de amar menos pulsional e passional também. A psicanálise proporciona a construção deste novo amor para o sujeito falante, fazendo da angústia no corpo, causada pela relação com o outro, ou da não relação sexual com o outro, uma mediação pela via do

amor. A transferência na análise do sujeito falante é” o amor que engana, porque esconde o objeto a como desejo” (BRODSKY; PORTILLO ; BARROS, 2021). Romildo, nos diz que ela, “a transferência desloca o objeto de causa para frente, como objeto precioso, este objeto carrega em si a falsificação de origem, o objeto em sua falta estrutural e o que permite o desejo. O amor de transferência como recurso contra a pulsão de morte, a pulsão destrutiva.” (BRODSKY; PORTILLO ; BARROS, 2021)

Um novo amor diferente da exigência emergencial contemporânea, do amor sem limites ligado ao real, real sem lei, fora dos limites da lei, comandada pelo Nome do Pai, um amor que pode sair da repetição mortífera, e marcar que o amor traz consigo um ponto de impossibilidade, encarar esta impossibilidade, vivê-la e se deixar seguir em uma fluidez, como o princípio de Bernoulli proporcionou para a engenharia hidráulica, não sem o desencontro. Encontro com Leonardo Gorostiza, trazendo um poema de Baudelaire chamado “A flor do mal”: “Ir até o fundo do desconhecido para encontrar algo de novo enquanto tal” (GOROSTIZA, 2021).

REFERÊNCIAS:

- BAUNMAN, Z.; DESSAL, G. O Retorno do Pêndulo: Sobre a psicanálise e o futuro do mundo líquido. [s.l: s.n.].
- BRAGA, L. Entre um gozo que não se fala e a conversação viva de amor – Seção Leste Oeste, 2021. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br/slo/index.php/2021/06/16/entre-um-gozo-que-nao-se-fala-e-a-conversacao-viva-de-amor/>>. Acesso em: 26 jul. 2021
- BRODSKY, G.; PORTILLO, R.; BARROS, R. Revalorización Del Amor. In: SEGUNDA CONVERSACIÓN HACIA EL X-ENAPOL. Virtual, 2021.
- GOROSTIZA, L. Entrevista com Leonardo Gorostiza X Encontro Americano de Psicanálise da Orientação Lacaniana, 2021. Disponível em: <<http://x-enapol.org/pt/portfolio-items/entrevista-com-leonardo-gorostiza/>>. Acesso em: 26 jul. 2021
- LACAN, J. Seminário Livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 197
- Princípio de Bernoulli – Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpio_de_Bernoulli>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- STEVENS, A. Amor e Nome-do-pai – Seção Leste Oeste, 2021. Disponível em: <<https://www.ebp.org.br/slo/index.php/2021/06/16/amor-e-nome-do-pai/>>. Acesso em: 26 jul. 2021

UM OLHAR PARA OS RELACIONAMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE

Gean Carlos Candido da Silva - Participante da SLO

Lacan (1992), no Seminário VIII, afirma que o amor é um acontecimento particular que ocorre a um sujeito frágil, falível e que é incitado à particularidade do seu ser na convivência com o outro. Refere-se a um objeto imaginarizado, que ocupa o lugar do vazio da falta.

Segundo Allouch, o discurso clínico na contemporaneidade tem apontado, com frequência, para demandas relativas ao fenômeno amoroso: “hoje, por vezes apelamos [...] para um psicanalista, quando fica evidente demais que, em se tratando de amor... a coisa não funciona”. (2010, p. 11). Um exemplo do que o psicanalista quer dizer com isto, é que muitas vezes os discursos permeiam em uma dificuldade de se relacionar com a pessoa amada; se devem ou não se implicar em determinado relacionamento, dentre outros.

Lacan (1972/1973/2008) também nos revela que o amor escancara à incompletude do sujeito, uma vez que só é possível amar quando nos deparamos com a castração, e também marca a existência da falta.

Allouch (2010) postula sobre o distanciamento de Lacan em relação a concepção do amor unificante. Ao considerar o amor como articulado ao real, sempre implicado a algo da falta, diferentemente da relação sexual, não podemos postulá-lo enquanto inexistência. Pois, é justamente em função de, ao “buscar o Outro, só encontrá-lo enquanto barrado, não-todo, que o amor pode perdurar e caminhar, não apenas como uma enganação, mas para além da repetição, em direção à invenção, a qual pode estabelecer sua existência”. (AMARAL, et. al., 2019, p. 6).

Quintella (2018) afirma que o vivemos na contemporaneidade é um enfraquecimento da autoridade do pai. Em outras palavras, existe uma falência do pai de amor – atrelado ao pai imaginário e ao pai real.

“Isso ocorre na medida em que este, outrora potente, é hoje humilhado por não lhe ser atribuído o direito da posse do falo, causando assim um declínio da autoridade ao nível do ideal do eu, que faz com que se diversifiquem as formas como o laço social se constitui” (QUINTELLA, 2018, p. 50).

O sujeito, hoje, tenta de todo modo rechaçar a castração de modos diversos. Ele tende a colocar no lugar do eu, sua fantasia de onipotência narcísica. Ele não lança mão do ancoramento do ideal paterno, que lhe servia antes como base de um modo mais rígido. O amor também se apresenta com um caráter fugaz, pois o sujeito em suas relações é “desbussolado”, como afirmou Miller (2005). O sujeito busca uma forma mais acentuada de imediatismo na satisfação pulsional. Contudo, mesmo com seu caráter fugaz, o amor cada mais vem sendo buscado de maneiras singulares pelas pessoas.

Podemos indicar então, que atualmente existe um paradoxo que concerne o seio das relações amorosas, pois, de um lado temos a fugacidade do amor, do outro, é possível perceber que as pessoas continuam buscando-o de alguma forma: “o amor continua a ser exaltado e visto muitas vezes como salvação para nossa crescente solidão no contemporâneo”. (AMARAL, et. al., 2019, p. 14).

Miller (2010b) avança afirmando que a originalidade da teoria lacaniana é postular o amor para além da repetição, a partir de uma invenção, de modo que “a boa nova lacaniana é que há novos amores possíveis” (p. 15). É importante inclusive deixar claro que Lacan (1964/1985), ao postular a repetição como um dos conceitos fundamentais da Psicanálise, de acordo com as bases freudianas, afirma não ser a repetição apenas uma reprodução, mas também implica na possibilidade de produção de um novo.

A contemporaneidade atravessada pela globalização e pelo discurso capitalista, tem influenciado diretamente no discurso amoroso, assim como na sua manifestação nas relações. Pode-se perceber algumas características a respeito dos relacionamentos amorosos: a busca imediata por satisfação e o afastamento da sexualidade do amor, têm despejados os sujeitos em um imenso vazio; quanto mais tentam se livrar dele mais se afundam, pois buscam no sexo uma completude, uma plenitude.

Nas redes sociais é possível identificar jargões alicerçados no mascarado, no líquido e até mesmo em posições de autoerotismo, negando as diferenças e a pluralidade das subjetividades. “Eu me amo no outro, mas só enquanto o outro me satisfazer”, talvez essa tem sido a grande lógica da atualidade.

Tomando como referência a teoria freudiana e lacaniana, cabe o questionamento a respeito sobre qual a posição da psicanálise frente a esses laços frágeis e capengas que têm se instaurado na atualidade. Não cabe nesta discussão, mas consequentemente, o processo civilizatório contemporâneo também tem fomentado “novos sintomas” e “novos desafios” à psicanálise.

REFERÊNCIAS:

- ALLOUCH, J. **Amor Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.
- AMARAL, R; et. al. **O amor e a (re)invenção da vida no contemporâneo: Lacan com Badiou**. São João Del-Rei, 2019.
- LACAN, J. **O seminário, livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, J. **O Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Obra originalmente publicado em 1964).

LACAN, J. **O Seminário livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Obra original publicada em 1972-1973).

MILLER, J. A. **Uma fantasia**. Opção Lacaniana, São Paulo, 2005.

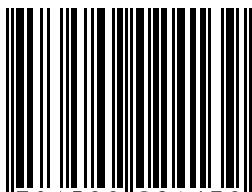
MILLER, J. A. **O amor entre repetição e invenção**. Opção Lacaniana: online nova série, 2010b.

QUINTELLA, R. **As funções do pai: pensando a questão da autoridade na constituição do sujeito contemporâneo a partir de um estudo psicanalítico do ideal do eu**. São Paulo, 2014.



ISBN: 978-65-990241-3-9

CBL



9 786599 024139



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

secao.slof.ebp@gmail.com
(62)99959.1726 / 99611.1726
SGAS 910, Mix Park Sul,
bloco D, sala 118 – Asa Sul.
CEP 70.390-100